

ENVER HOXHA



**Relatório
ao 8º Congresso do
Partido do Trabalho
da Albânia**

A versão digitalizada desta obra
foi elaborada por
www.enverhoxha.ru

ENVER HOXHA

RELATÓRIO DE ACTIVIDADE DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA

**Apresentado ao 8º Congresso do PTA
em 1 de Novembro 1981**

Mantém-se a grafia da tradução portuguesa.

EDITORA ANITA GARIBALDI

-1982-

CEP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

H847r Hoxha, Enver, 1908-
Relatório de actividade do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia : apresentado ao 8º Congresso do PTA em 1 de novembro 1981 / Enver Hoxha. - São Paulo : Ed. Anita Garibaldi, 1982.

Traduzido do albanês.

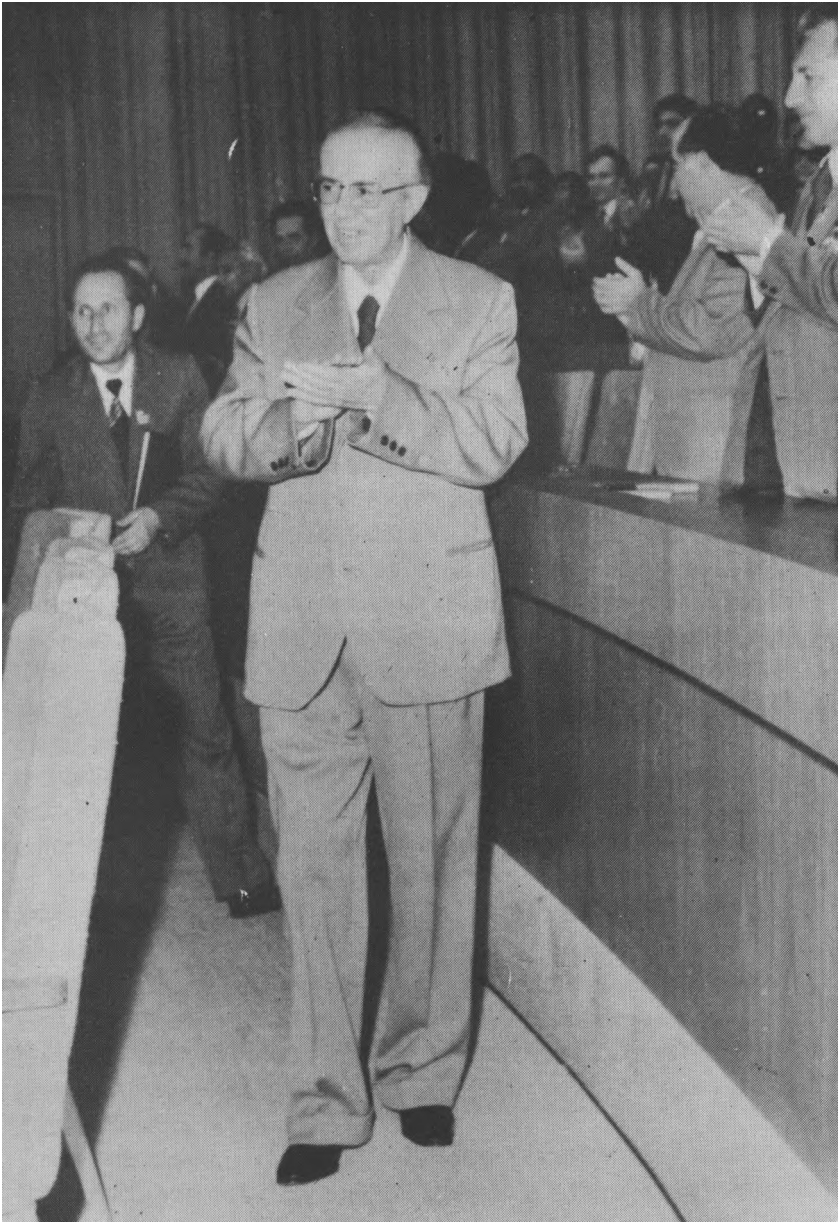
1. Albânia - Política e governo 2. Albânia - Relações exteriores 3. Partido do Trabalho da Albânia. Comitê Central - Atividades I. Título.

81-1666.

CDD-329.94965
-320.94965
-327.4965

Indices para catálogo sistemático:

1. Albânia : Política 320.94965
2. Albânia : Política externa 327.4965
3. Partido do Trabalho da Albânia : Comitê Central : Relatório de atividades : Ciência política 329.94965
4. Relatório de atividades : Partido do Trabalho da Albânia : Comitê Central : Ciência política 329.94965



Enver Hoxha

Queridos camaradas:

O nosso Partido e todo o povo apresentam-se a este Congresso com um rico balanço de êxitos e vitórias. A Albânia socialista atingiu um estágio superior de desenvolvimento econômico e cultural, deu mais um passo em frente na elevação do bem-estar das massas e no fortalecimento da defesa da Pátria.

Os cinco anos decorridos desde o 7º Congresso constituem um período de luta heróica das massas trabalhadoras, em todas as frentes, para avançar na edificação do socialismo, assegurar a prosperidade e o pleno desenvolvimento da vida nova. Sob a direcção do Partido e com uma confiança inabalável na justeza da sua linha, a classe operária, o campesinato cooperativista, a juventude e a intelectualidade não se pouparam a esforços físicos e intelectuais para enfrentar e superar as dificuldades do crescimento socialista, bem como as que nos levantaram os nossos inimigos externos.

À semelhança dos anteriores congressos, o nosso Partido apresenta-se neste de cabeça erguida, orgulhoso por se ter desempenhado com êxito das grandes tarefas que assumiu e ter justificado plenamente a confiança inabalável que o povo nele deposita. O nosso povo pode sentir-se satisfeito com o trabalho realizado e os esforços desenvolvidos — um trabalho criador e fecundo que lhe trouxe novas alegrias e novos avanços, que o tornou mais optimista e mais feliz.

No decurso do 6º quinquênio, como nos anteriores, a industrialização do país progrediu incessantemente. O aproveitamento dos nossos recursos em minério e das restantes matérias-primas atingiu um nível superior. Com a construção de novas unidades industriais,

como o complexo metalúrgico “O Aço do Partido”, as fábricas de ferrocrómio, de pirometalúrgia e a refinaria de petróleo, uma parte considerável dessas riquezas e matérias-primas passou a ser tratada e transformada no país, criando assim uma base sólida e segura para o desenvolvimento de toda a nossa economia. Isto constitui um grande êxito da justa linha do Partido, do mesmo modo que a instalação da poderosa base energética, ampliada com a entrada em pleno funcionamento das turbinas da central hidroeléctrica “A Luz do Partido”.

A nossa agricultura registou, uma vez mais, grandes êxitos em todos os sectores. A orientação do Partido no sentido de a transformar numa agricultura socialista de grande produção moderna, assente numa base técnica cada vez mais poderosa e apoiada nos mais recentes conhecimentos agrotécnicos, revelou-se, na prática, uma orientação justa e perfeitamente realizável. O aumento da produção agropecuária, ano após ano, a satisfação cada vez mais completa das necessidades da população e da indústria nesses produtos, comprovam-no plenamente.

Na cultura e no ensino registaram-se progressos sensíveis. A nossa cultura desenvolveu-se e aprofundou mais ainda o seu conteúdo socialista, a sua fisionomia nacional e o seu espírito popular. A cultura, com todos os seus valores, penetra mais profundamente nas massas. A nossa nova cultura tem o mérito de ter sabido enfrentar as diversas pressões e influências da cultura burguesa e revisionista, conservando a sua originalidade e os seus traços socialistas. Verificaram-se novos avanços no campo do ensino popular pela aplicação das directivas do Partido para assegurar uma vasta escolarização à nova geração e dotar o país de especialistas à altura das exigências do seu desenvolvimento actual e futuro.

Enquanto o mundo capitalista e revisionista atravessa um grave período de crises, caracterizado por inúmeras convulsões políticas, pela estagnação e pela recessão, pela queda do nível de vida e a decadência dos valores morais, no nosso país, pelo contrário, existe plena estabilidade económica e política, a sociedade está sã, as pessoas sentem-se seguras quanto ao presente e ao futuro. Durante o último quinquénio, um importante contingente de jovens educados

e instruídos pelo nosso Partido e pelo poder popular veio incorporar-se pela primeira vez na vida activa, engrossando e reforçando ainda mais o grande exército dos trabalhadores da cidade e do campo. Este facto é tanto mais significativo quanto, hoje em dia, por todo o mundo, a jovem geração não encontra garantias de trabalho e mesmo muitos das gerações mais velhas são lançados no desemprego.

O nosso poder popular tem vindo a consolidar-se e democratizar-se incessantemente. A participação das massas no governo tem-se tornado mais activa e alcançou um novo nível. Ampliou-se a nossa democracia socialista e criaram-se melhores condições para as pessoas poderem usufruir tão plenamente quanto possível os direitos que lhes são assegurados e melhor realizar as suas tarefas para com a sociedade.

A situação interna é hoje mais sólida do que nunca. Fortaleceram-se e consolidaram-se a coesão e a unidade do povo, a aliança da classe operária com o campesinato cooperativista, a cooperação e solidariedade entre as diversas camadas da nossa sociedade. Os laços do Partido com o povo tornaram-se sólidos como o aço, temperou-se mais ainda a sua confiança mútua.

Uma expressão brilhante dessa grande unidade está na determinação, no ímpeto e no heroísmo de que dá provas o nosso povo na luta pelo cumprimento das tarefas definidas pelo Partido, para superar os diversos obstáculos que se nos erguem no caminho e fazer frente com êxito ao bloqueio e ao cerco imperialista-revisionista.

Graças à linha justa e aos cuidados especiais do Partido, a Albânia possui hoje uma defesa segura e invencível. O nosso povo e o nosso Exército mantêm-se permanentemente vigilantes, prontos a defender com intrepidez a liberdade e a independência da Pátria, as vitórias do socialismo.

O nosso país é considerado e respeitado pelos povos e Estados progressistas e amantes da paz de todo o mundo. A sua posição internacional é sólida. De dia para dia cresce o número dos seus amigos e simpatizantes. A firme luta de princípios contra o imperialismo e o revisionismo moderno, conduzida pelo Partido do Traba-

lho e a República Popular Socialista da Albânia, ganhou-lhe cada vez maior simpatia e amor por parte dos marxistas-leninistas, dos revolucionários, de todas as pessoas honestas e democratas.

O nosso Partido e o nosso povo ultrapassaram com êxito a dura prova que representou o corte brusco e brutal pela China das relações econômicas com o nosso país. Os revisionistas chineses julgaram que, com a sua atitude hostil, lançariam a nossa economia no caos e entravariam por muito tempo o seu desenvolvimento, que a Albânia se veria forçada a fazer concessões políticas e ideológicas, a estender a mão ao estrangeiro e a pedir apoio e auxílio externo. Todavia, tanto eles como a reacção internacional, que depositavam esperanças em que a Albânia seria forçada a mudar de rumo, viram frustrados os seus planos. O nosso povo superou, com grande maturidade política e elevado espírito patriótico, as dificuldades que lhe foram criadas, graças a uma nova mobilização de energias e à convicção profunda de que sairia vitorioso do combate.

O nosso Partido apresenta-se ao seu 8º Congresso temperado por novas batalhas e dotado de uma experiência mais rica. É como um grande exército, educado segundo a ideologia proletária marxista-leninista, com forte unidade interna e estreitamente ligado ao povo, com uma capacidade crescente de organização, mobilização e direcção, pronto, como sempre, para assumir novas e mais importantes tarefas e cumpri-las com êxito, como até agora.

A realização deste Congresso coincide com um aniversário glorioso, o da fundação do heróico Partido do Trabalho. Há quarenta anos, o nosso povo confiou aos comunistas albaneses os seus destinos, a vida e o futuro da Pátria. O nosso Partido justificou essa confiança com a sua obra gloriosa, com o triunfo da revolução e a criação da Albânia nova, socialista. Inspirado pela confiança que o povo nele depositava, consciente da responsabilidade histórica e da alta missão que assumia, conduziu o povo albanês, com perspicácia e mão firme, de batalha em batalha, de vitória em vitória.

Os êxitos grandiosos obtidos ao longo destes anos de vida livre, sob a direcção do Partido, mostraram que não há força no mundo capaz de abalar ou empalidecer a imagem do socialismo na Albânia, a liberdade e a independência da nossa Pátria, as nossas perspecti-

vas radiosas. A aplicação consequente do princípio marxista-leninista de contar com as próprias forças, a política orientada para a edificação de uma indústria moderna, apoiada na utilização das matérias-primas nacionais, e de uma agricultura capaz de garantir a alimentação do povo, a formação de um número suficiente de quadros técnicos e científicos, aptos a trabalhar em todos os sectores e a dirigi-los — foram orientações correctas sob todos os pontos de vista. Foi esta política sábia e clarividente do Partido que criou a base sólida em que se apoia o nosso incessante desenvolvimento econômico e cultural e que é o garante do nosso caminho socialista.

A conquista da independência econômica do país, e com ela, da sua independência política, a garantia da defesa do país pelo povo, pelas massas trabalhadoras educadas e armadas pela ideologia marxista-leninista, são os pilares inabaláveis em que assenta a nossa cidadela socialista, os traços essenciais que caracterizam um Estado autenticamente socialista. Este conjunto de êxitos constitui, por seu turno, a experiência histórica do socialismo na Albânia. A experiência albanesa mostra que um país pequeno, mesmo partindo de uma base material e técnica atrasada, pode conseguir um surto econômico e cultural muito rápido e generalizado, garantir a sua independência e fazer frente aos ataques do capitalismo e do imperialismo mundial, se for dirigido por um verdadeiro partido marxista-leninista, se estiver decidido a levar até ao fim a luta pelos seus ideais e confiar na sua capacidade de os realizar.

No futuro, como até hoje, o Partido do Trabalho da Albânia avançará resolutamente e sem vacilações pelo caminho radioso que tem vindo a trilhar ao longo dos seus quarenta anos de existência. Ligado ao povo que dirige como a unha com a carne, lutará junto com ele com abnegação e sem recuar perante os sacrifícios para assegurar à nossa gente, à nossa Pátria socialista, novos progressos e vitórias.

I

O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA E AS TAREFAS DO PARTIDO

A nossa economia socialista inicia este novo quinquénio do seu desenvolvimento numa situação de estabilidade, cheia de dinamismo e de grandes possibilidades de aumentar e ampliar mais ainda a produção social, de elevar a sua eficácia em todos os aspectos.

Os principais objectivos do 6º plano quinquenal foram, no conjunto, cumpridos com êxito. Isto permitiu fortalecer ainda mais a base material e técnica do país, aumentar as fontes de matérias-primas e energéticas, assegurar melhores condições para um desenvolvimento harmonioso, impetuoso e ininterrupto da economia. Durante o último quinquénio, as forças produtivas continuaram a desenvolver-se de forma acelerada, acentuou-se o crescimento intensivo da economia e a revolução técnico-científica conheceu novos e importantes progressos. A indústria, a agricultura e os outros ramos da economia continuaram a progredir. Em 1980, a produção social era superior em 25% à de 1975, e a produção industrial em mais de 34% — ou seja, cresceu a um ritmo duas a três vezes mais rápido do que o crescimento da população.

Graças à aplicação consequente da política econômica do Partido, foram introduzidas melhorias sensíveis na estrutura da produção industrial e o peso específico dos meios de produção aumentou no total da produção. A indústria satisfaz mais largamente as neces-

sidades da população, ganhou maior importância o seu papel no desenvolvimento geral da economia e na defesa do país.

A produção agrícola aumentou em mais de 21%, relativamente ao 5º plano quinquenal. A agricultura satisfaz as necessidades do país em cereais para panificação, produtos alimentícios e matérias primas de primeira necessidade, ao mesmo tempo que aumentou o volume de produtos agrícolas exportados.

A fim de realizar as tarefas traçadas pelo 6º plano quinquenal, o nosso Partido e o nosso Estado procederam ao aproveitamento em maior escala dos recursos e possibilidades internas do país. Foi assegurado o financiamento contínuo ao desenvolvimento da economia e da cultura, construíram-se e entraram em funcionamento cerca de 300 obras de envergadura e as exportações aumentaram de 51%.

A capacidade econômica crescente e a aplicação de uma série de medidas de carácter económico e social garantiram o nível de bem-estar já alcançado pela população e conduziram à sua melhoria. O rendimento real por habitante cresceu, nas cidades como nos campos. A circulação de mercadorias a retalho aumentou em cerca de 20%. Melhoraram as condições de alojamento da população e foram tomadas medidas para a ampliação dos serviços sociais. Nos estabelecimentos de ensino superior, terminaram os seus cursos cerca de 20 mil estudantes e mais de 113 mil terminaram os estudos secundários, o que corresponde a um aumento de 57% relativamente ao 5º quinquénio.

Estas realizações no desenvolvimento geral, económico e social do país, assumem um significado especial se as compararmos com o que se passa no mundo capitalista-revisionista, onde a crise económica provoca a estagnação e a recessão, com as suas pesadas consequências para as massas trabalhadoras e para a vida do país. Estas realizações são uma grande vitória do nosso Partido e do nosso povo.

Da tribuna deste Congresso, em nome do Partido e do povo, saúdo e felicito os operários, os especialistas e quadros da construção e indústria. Na difícil situação que nos foi criada pelos revisionistas chineses, corresponderam ao apelo do Partido, assumiram as tarefas a realizar e conseguiram construir e pôr em funcionamento

as grandes obras do 6º quinquénio, tornando assim mais forte a nossa Pátria socialista.

Apesar dos êxitos alcançados, não deixamos de estar conscientes de que certas tarefas do plano quinquenal não foram cumpridas, designadamente no que respeita aos investimentos e às construções, à produção agrícola, a certos produtos industriais e à produtividade do trabalho. O Partido, os órgãos do Estado e os colectivos de trabalhadores analisaram atentamente estas deficiências e retiraram as lições para eliminar as fraquezas e as falhas no trabalho de organização e de direcção da economia.

As grandes realizações de importância histórica até hoje conseguidas em todos os domínios, assim como a rica experiência adquirida no trabalho e na luta do nosso Partido e do nosso povo pela edificação e defesa do socialismo, constituem um poderoso ponto de apoio político, económico e social para prosseguirmos, com segurança e audácia, a nossa marcha em frente.

O Comitê Central, com base na aplicação da linha geral e da política económica do Partido para a edificação do socialismo, preparou, após um vasto trabalho de estudo e uma ampla consulta popular, o projecto de directivas do 7º plano quinquenal (1981-1985) para o desenvolvimento da economia e da cultura, que submete ao exame e aprovação do Congresso. A tarefa fundamental deste plano é **“o desenvolvimento geral da economia, que realizaremos contando exclusivamente com as nossas próprias forças e que assentará numa industrialização mais avançada, no reforço e intensificação da agricultura, na maior eficácia económica, no desenvolvimento da revolução técnico-científica e no aperfeiçoamento das relações de produção socialistas, com o objectivo de garantir e elevar progressivamente o bem-estar material e o nível cultural das massas trabalhadoras, reforçar mais ainda a ordem socialista e a capacidade de defesa da Pátria”**.

Esta tarefa sintetiza as orientações e objectivos essenciais do desenvolvimento da nossa economia e da nossa cultura para executar o 7º plano quinquenal, que se distingue dos anteriores por uma série de características particulares.

Este é o primeiro plano quinquenal que realizamos contando

unicamente com as nossas próprias forças e possibilidades. A Albânia é hoje o único país do mundo que se desenvolve e avança no caminho do socialismo, sem quaisquer auxílios ou créditos do exterior. Trata-se de uma difícil mas gloriosa prova para o nosso povo e o nosso Partido. Estamos certos da vitória, pois, tendo-nos guiado sempre pelos princípios do marxismo-leninismo, há muito que nos preparámos para este passo decisivo.

O novo plano quinquenal engloba tarefas e objectivos mais importantes que os dos planos anteriores, objectivos e tarefas cientificamente determinados e plenamente realizáveis. O volume da produção social e dos investimentos no quinquénio de 1981-1985 será muito superior ao dos quatro quinquénios anteriores em conjunto e o volume das exportações aumentará em proporções ainda maiores. De acordo com as previsões, em 1985 a produção social deverá ter aumentado de 34 a 36% relativamente a 1980, ou seja, com um ritmo anual médio de 6,4%. Os fundos destinados a investimentos e construções serão utilizados para erguer cerca de 750 obras importantes para o desenvolvimento da economia e da cultura.

Graças às novas possibilidades criadas pelo aumento da produção e do rendimento nacional, calcula-se que o fundo para consumo da população deverá ser em 1985 21% superior ao de 1980 e a circulação de mercadorias a retalho de 22 a 24%. Prevêem-se igualmente importantes tarefas para o desenvolvimento do ensino e da cultura, da saúde, habitação e outros serviços sociais.

Ao definir estas tarefas e ritmos, teve-se em vista, quer as possibilidades actuais e futuras da nossa economia, quer as exigências impostas pelo seu desenvolvimento e pela ocupação das novas forças de trabalho, pelo reforço da defesa do país, pelo aumento das reservas, pelo desenvolvimento dos sectores socio-culturais, sem descuidar a satisfação das exigências crescentes da população. Um certo número de tarefas deste plano quinquenal, sobretudo as que respeitam à exploração das reservas de petróleo e de minerais, à atribuição dos investimentos, etc., foram também considerados em ligação estreita com o desenvolvimento económico nos quinquénios futuros, que nos colocarão necessidades e exigências ainda maiores.

No decurso do 7º quinquénio, realizar-se-ão alguns importantes

melhoramentos estruturais no domínio da produção, da circulação de mercadorias e do consumo. Estes melhoramentos envolverão os recursos energéticos, a siderurgia, a indústria mecânica, a agricultura, os transportes, as finanças, os artigos de consumo corrente, etc. Permitirão intensificar a economia, aumentar a sua eficácia, torná-la mais apta a satisfazer as necessidades do país e fazer frente ao cerco e ao bloqueio a que está submetido, bem como à pressão da crise econômica do mundo capitalista e revisionista.

O desenvolvimento e reforço da base material e técnica do país serão feitos, como sempre, em ligação estreita com o aperfeiçoamento dos diversos aspectos das relações econômicas, nas cidades e sobretudo nos campos. Continuaremos a aplicar, como até aqui, importantes medidas visando desenvolver mais o sistema cooperativo e reduzir as parcelas individuais, ampliar a especialização e a cooperação, reforçar a organização e a direcção da produção, fazer corresponder melhor a remuneração do trabalho à sua quantidade e qualidade, às economias realizadas e ao cumprimento das tarefas do plano. Estas medidas terão novo impulso, a fim de reforçar incessantemente a nossa ordem socialista.

As tarefas do 7º plano quinquenal serão tratadas com maior detalhe no informe do Comitê Central sobre o projecto de directivas para o desenvolvimento da economia e da cultura no período 1981-1985, que será apresentado pelo camarada Mehmet Shehu. Por isso, expomos neste relatório apenas alguns problemas fundamentais da política do Partido no que se refere ao desenvolvimento econômico e social actual e futuro do país.

1. O reforço constante da indústria, factor decisivo do progresso geral do país

A política econômica do Partido sempre concedeu e concede a prioridade à industrialização socialista do país, que se tem desenvolvido de quinquênio em quinquênio como um processo irresistível de grande envergadura. Este tem sido e continua a ser um factor decisivo do progresso geral do país na via do socialismo. A criação e

desenvolvimento da nossa indústria diversificada, pesada e ligeira, solidamente apoiada nos nossos próprios recursos e riquezas, dotada de perspectivas de crescimento riosas, constitui uma obra monumental do nosso Partido e do nosso povo, realizada à custa de enorme esforço, sacrifícios e heroísmo sem par. É uma obra de importância histórica para as gerações presentes e futuras.

Durante o 7º quinquênio, a nossa indústria conseguirá novos progressos e desenvolver-se-á numa ampla frente. Cerca de 46% do total dos investimentos do plano são-lhe destinados. A política do Partido para o desenvolvimento da indústria visa os seguintes objectivos: consolidar a sua estrutura diversificada, dando, como sempre, a prioridade à indústria pesada; conservar e melhorar o saldo positivo dos recursos energéticos, com particular importância para a indústria petrolífera; desenvolver ainda mais a indústria mineira, tanto de extracção como de tratamento, encetando a exploração de novos minerais; proceder a melhorias sensíveis na estrutura dos meios de produção e dos bens de consumo; tornar a indústria mais apta para servir a intensificação da agricultura; aumentar as capacidades produtivas existentes através da reestruturação e modernização.

Avançando resolutamente nesta via, a produção industrial continuará a crescer com rapidez. Em 1985 deverá registar um aumento de 36 a 38% relativamente a 1980. Este desenvolvimento material, intimamente ligado a uma série de outros factores económicos e sociais, permitirá ao nosso país caminhar em frente, armado com uma indústria e uma agricultura avançadas.

O Partido dedica especial atenção à indústria energética, à extracção de petróleo, de gás natural, de carvão, e à produção de energia eléctrica. Criámos um potente sistema energético independente, que satisfaz as crescentes necessidades do país em energia eléctrica, cuja exportação constitui uma importante fonte de divisas. Trata-se de uma grande vitória da política justa do Partido, uma base segura para o desenvolvimento de toda a economia nacional.

Esta vitória deve ser consolidada e desenvolvida, antes de mais com novos investimentos e o aumento da produção, mas também

utilizando os nossos recursos energéticos com grande parcimônia, controle rigoroso e uma gestão acertada e providente. A solução para estes problemas requer um trabalho bem organizado, disciplinado, sistemático, assente em sólidas bases científicas e metodológicas. O desenvolvimento deste ramo nevrálgico, de importância decisiva, coloca-se como um dever imperativo, particularmente nas condições da crise energética mundial.

A extracção e tratamento de petróleo e gás natural ocuparão o lugar principal entre os nossos recursos energéticos. Em 1985 a extracção petrolífera será 56 a 60% superior à de 1980. Trata-se de uma tarefa de grande envergadura, mas inteiramente realizável, uma vez que se apoia simultaneamente nas fontes existentes e nas reservas conhecidas e susceptíveis de entrar em exploração.

Para realizar as tarefas ligadas à extracção do petróleo e do gás natural e aumentar a rentabilidade dos fundos investidos neste ramo da indústria, os operários, especialistas e quadros deste sector deverão dedicar especial atenção ao aperfeiçoamento dos métodos de prospecção e extracção, apoiando-se a fundo sobre as descobertas científicas e sobre a aplicação de uma firme disciplina técnica e de trabalho.

As despesas com a extracção de petróleo e gás natural devem ser feitas com base em estudos aprofundados e de elevada responsabilidade. Devem, pois, adoptar-se todas as medidas técnicas, organizativas e materiais necessárias para incrementar a extracção de petróleo, não só nos novos jazigos, mas também nos já existentes, utilizando melhor do que até agora os métodos de intensificação e secundários. Neste sector vital, devemos proceder com economia, avançando para reservas conhecidas com segurança, explorando o petróleo e o gás sem o menor desperdício, pensando no presente mas também no amanhã. É necessário que as forças científicas e técnicas se empenhem mais ainda no sentido de acelerar a exploração altamente eficaz das areias betuminosas, grande riqueza do nosso país que se impõe introduzir, logo que possível, no circuito económico.

O carvão ocupa um lugar importante entre as fontes energéticas do país por ser um combustível de ampla utilização e muito econó-

mico. Em 1985, a extracção de carvão terá aumentado em 48% relativamente a 1980. Trata-se de uma importante tarefa, cuja realização exige um trabalho perseverante da parte dos trabalhadores do sector.

Devemos concentrar-nos, não apenas na exploração racional das minas de carvão existentes, como na abertura e exploração rentável de outras. Será necessário desenvolver as prospecções de carvão com maior poder calorífico e susceptível de ser transformado em coque, fazer esforços para substituir por toda a parte os carburantes líquidos por carvão e utilizá-lo com economia. Deverão ainda ser tomadas medidas para o enriquecimento dos carvões e a produção de briquetes, tendo em vista as economias conseguidas pela sua utilização.

A produção de energia eléctrica será em 1985 16% superior à de 1980. Para fazer face às necessidades crescentes deste tipo de energia e explorar de forma intensiva os abundantes recursos hídricos do nosso país, efectuar-se-ão, durante o presente quinquénio, trabalhos de envergadura para conclusão da central hidroeléctrica de Koman, a mais potente de todas as construídas até hoje. Faremos também preparativos para a construção de outras pequenas e grandes centrais hidroeléctricas, a fim de fazer face às necessidades imediatas e a longo prazo e aumentar a exportação deste tipo de energia.

A produção e utilização da energia eléctrica devem considerar-se como indissociáveis. O Partido, os órgãos do Estado e os organismos económicos devem empenhar-se no sentido de corrigir as concepções existentes sobre o assunto, fazer com que a energia eléctrica seja encarada como uma grande riqueza nacional, que deve ser utilizada com economia e controle rigoroso em todos os domínios, particularmente no da produção material, onde devem ser estabelecidas normas cientificamente estudadas para a utilização de cada quilovátio.

O 7º plano quinquenal abre amplas perspectivas à indústria de extracção e tratamento de minério. A extracção de minérios conhecidos — crómio, cobre, ferroníquel — será prosseguida em

grande escala, prevendo-se um aumento de 30 a 100%. Estão já reunidas condições para incrementar também a extracção de outros minerais úteis, tais como as fosforites, o quartzo, o sal-gema, as dolomites, olivinas, bauxites, etc.

As necessidades imediatas e a longo prazo colocam-nos a tarefa de desenvolver a extracção e enriquecimento de minérios pobres e aumentar o nível de exploração dos seus elementos úteis, a fim de valorizar as nossas riquezas em minérios e explorar também os jazigos antigos ou novos, de fraca qualidade mas ricos em reservas.

Os geólogos e demais prospectores de minérios deverão apoiar-se nos trabalhos de síntese e nas leis científicas, utilizando com audácia métodos novos e mais complexos e aperfeiçoando a organização do trabalho, com o objectivo de aumentar a eficácia das perfurações e reservas mineiras, sobretudo nas minas existentes, descobrir novos minerais e jazigos em zonas com boas perspectivas ainda por explorar.

Os operários e os especialistas em minas deverão dedicar especial atenção ao aperfeiçoamento técnico e tecnológico da extracção, a fim de conseguir uma profunda viragem na qualidade da produção, reduzir as despesas e limitar o empobrecimento e as perdas de minério.

Será prestada particular atenção à metalurgia em geral e à siderurgia em especial, não só para completar o ciclo de elaboração dos nossos minérios principais, como também para tornar a nossa economia cada vez menos dependente das importações. Isto significa que os nossos metalúrgicos deverão mobilizar todas as suas forças e aptidões para aprenderem a conhecer e dominar, com uma disciplina rigorosa e em bases científicas, a tecnologia da fundição de minérios e da elaboração diversificada dos metais, no sentido de aproveitar todo o seu teor útil, principal e acessório, e reduzir os gastos de material e de energia, que ainda são elevados. O prosseguimento das importantes ampliações empreendidas no complexo metalúrgico “O Aço do Partido”, a montagem das fábricas de tubagem de diversos tipos, de chapa laminada e de produtos carbônicos, exigem estudos profundos e um trabalho intensivo.

Agora, que já temos o nosso próprio aço e que já edificámos

uma **poderosa indústria mecânica**, as condições criadas permitem atribuir a este ramo tarefas da maior importância. Em 1985, a produção da indústria mecânica será 43 a 45% superior à de 1980.

A indústria mecânica levou a bom termo a tarefa que lhe tinha sido fixada pelo 7º Congresso do Partido, para a produção de peças sobresselentes, satisfazendo 95% das necessidades da nossa economia nesse campo. Durante este quinquénio, será necessário consolidar o êxito alcançado, por uma melhoria radical da qualidade e do desenvolvimento dos serviços de reparação de peças sobresselentes.

No decurso deste quinquénio, a indústria mecânica empenhar-se-á em maior escala na produção de equipamentos e maquinaria destinados à construção de novas linhas de produção e novas fábricas, à reestruturação e ampliação da capacidade produtiva. Para tal, será necessário melhorar em bases mais científicas a tecnologia de elaboração, a planificação, a cooperação e a normalização da produção.

Deverão sobretudo tomar-se medidas urgentes e completas com vista à elaboração dos projectos tecnológicos a instalar, assim como para as reestruturações a efectuar no decurso do presente quinquénio. Grande parte desse equipamento e dessa maquinaria serão pela primeira vez produzidos no nosso país. A preparação dos projectos respectivos e a produção nos prazos fixados, satisfazendo as exigências de qualidade, constitui uma das mais árduas tarefas da nossa indústria mecânica.

Para fazer entrar a indústria mecânica pelo amplo caminho da produção de maquinaria, torna-se indispensável assegurar a qualificação dos seus trabalhadores e o desenvolvimento do seu pensamento criador, formar quadros superiores e intermédios, inclusive em disciplinas específicas e especialidades concretas, procedendo para tal às necessárias modificações nos programas das escolas profissionais e da universidade.

A indústria química terá um grande desenvolvimento durante este quinquénio. A sua produção será em 1985 de 63 a 65% superior à de 1980. Será dada especial importância ao aumento da produção de adubos fosfatados e de pesticidas. Agora que já dispõem de uma

boa quantidade de produtos essenciais e de uma série de resíduos industriais e de compostos acessórios dos minerais, os químicos e outros especialistas deverão empreender estudos para obter uma mais vasta gama de produtos e reagentes químicos, de modo a reduzir quanto antes a sua importação. Os passos iniciados na síntese química devem prosseguir, utilizando principalmente as matérias-primas nacionais e tendo em vista que, num futuro não muito afastado, os produtos obtidos a partir dessas matérias-primas virão engrossar as nossas exportações.

No desenvolvimento geral da indústria, o Partido tem tido sempre presente **o aumento da produção de artigos de consumo corrente, em função das necessidades da população, de modo a garantir a estabilidade e a melhoria do nível material e cultural das massas trabalhadoras.** Para atingir este objectivo, os ritmos de aumento da produção na indústria ligeira e alimentar serão, no presente quinquénio, mais do dobro da taxa de crescimento da população.

No que se refere aos produtos da indústria ligeira e alimentar, é necessário operar uma verdadeira viragem, alcançar uma melhoria radical na estrutura das mercadorias, na variedade de produtos, na qualidade, na embalagem e na redução dos custos. Esta viragem só será possível pela adopção de medidas completas e eficazes no terreno da organização e da gestão, da planificação e tecnologia da produção. Antes de mais, há que transformar por completo as concepções artesanais, desenvolver a imaginação e o pensamento criadores, agir com prontidão para operar transformações positivas e abrir por toda a parte um amplo caminho à inovação.

Têm sido feitos importantes investimentos na edificação e desenvolvimento desta indústria e formou-se um verdadeiro exército de trabalhadores qualificados, cheios de abnegação, que constitui um sólido apoio ao desenvolvimento deste sector vital da nossa economia.

A realização dos grandes objectivos traçados pelo Partido exige que os trabalhadores da indústria aumentem a eficácia da produção e a produtividade do trabalho, elevem a um nível superior o seu espírito criador. Cabe-lhes aproveitar largamente as múltiplas

capacidades produtivas de que dispõem e dominar o melhor possível as novas unidades e linhas de produção a entrar em exploração, bem como as que serão reestruturadas no decurso do presente quinquénio. Com base nos resultados dos estudos efectuados e na investigação científica, os trabalhadores deverão dar provas de audácia e determinação no impulsionamento e modernização da tecnologia e no melhoramento dos índices de qualidade e de rendimento financeiro.

O povo e o Partido estão plenamente convictos de que os trabalhadores de todos os ramos da indústria, conscientes da situação que vivemos, redobrarão de esforços e intensificarão a luta para cumprir os objectivos e tarefas traçados por este Congresso para o desenvolvimento e fortalecimento da nossa indústria socialista.

2. Intensificar a produção agrícola e aperfeiçoar as relações socialistas nos campos

O nosso Partido tem elaborado e aplicado uma política agrária marxista-leninista, tendo em conta as condições históricas e as circunstâncias concretas em que a nossa revolução triunfou e o país enveredou pela via do socialismo. Tratando-se de um país agrícola muito atrasado, duas tarefas simultâneas se colocavam ao Partido: a transformação socialista dos campos e o desenvolvimento diversificado da agricultura. Competia à agricultura criar as possibilidades para alimentar as populações rurais e contribuir de forma significativa para a industrialização do país e o desenvolvimento do conjunto da economia nacional. **Todavia, a realização destas tarefas fundamentais requeria, não um desenvolvimento agrícola qualquer, mas unicamente um desenvolvimento socialista, com base na grande produção moderna, em estreita ligação com os restantes ramos e sectores da economia.**

As transformações revolucionárias operadas e os progressos alcançados na agricultura representam uma das maiores vitórias da linha e da política do Partido para a edificação do socialismo. A atestar a justeza desta política está o facto de, em cerca de quatro

decênios de poder popular, a produção agrícola nacional ter aumentando a um ritmo quase duplo do da população, a capitação do rendimento no campesinato ter aumentado, de um quinquênio para o outro, de 10 a 20%, e de a produção agrícola actual, por unidade de superfície cultivada, ser 1,7 vezes superior à de 1960, ou seja, 1,6 vezes mais por trabalhador agrícola. Embora nem todas as tarefas traçadas tenham sido cumpridas, a produção média anual durante o 6º quinquênio foi 21,4% superior à do quinquênio anterior.

Prosseguindo de forma conseqüente a aplicação da sua política agrária, o Partido fixou para o 7º plano quinquenal novos e mais importantes objectivos para o desenvolvimento da agricultura e para o progresso dos nossos campos socialistas. As tarefas definidas pelo Comitê Central do Partido para o novo plano quinquenal visam, no sector da agricultura: aumentar a produção, de molde a satisfazer cada vez melhor as necessidades alimentares da população e a melhorar a estrutura alimentar; aumentar em ritmo acelerado a produção de matérias-primas para a indústria ligeira e alimentar; reduzir gradualmente as importações de produtos alimentares e matérias-primas agrícolas que ainda continuam a efectuar-se; aumentar o volume das exportações de produtos agrícolas elaborados e não elaborados; aumentar as nossas reservas úteis. Com a realização destes objectivos e a adopção de outras medidas económicas e sociais, melhoraremos o bem-estar do campesinato e reduziremos mais ainda as diferenças entre a cidade e o campo.

Estes grandes problemas do desenvolvimento da nossa agricultura dizem respeito ao presente e ao futuro do país. Por isso, a agricultura irá merecer, neste plano quinquenal, um lugar destacado, mais importante do que até hoje. A produção agrícola global aumentará, durante o 7º quinquênio, em 30 a 32% relativamente ao quinquênio anterior. Cerca de 29% dos investimentos totais previstos serão encaminhados para a agricultura. Cerca de 60% da nova força de trabalho activa será destinada a este ramo da economia, cuja base material e técnica será também ampliada. Eis porque os trabalhadores da agricultura e dos sectores a ela ligados terão para realizar tarefas de combate de maior envergadura.

A primeira tarefa da agricultura continua a ser, como até aqui, a produção de cereais. Temos que cobrir as necessidades de pão de uma população em constante crescimento, satisfazer uma maior procura de concentrados e alimentos industrializados para o gado, assim como outras necessidades indispensáveis de cereais. Estes problemas não podem ser resolvidos pelo aumento contínuo das áreas semeadas. Pelo contrário, é preciso pôr cada vez mais a tónica no aumento dos rendimentos e no melhoramento da estrutura das culturas cerealíferas. Isto torna-se absolutamente necessário, dado o forte crescimento da população, que tende a reduzir a superfície de terra arável por habitante. O aumento aproximado de 20% da produção cerealífera previsto para o 7º plano quinquenal em relação ao anterior deve ser pois integralmente assegurado pela elevação dos rendimentos. As tarefas neste domínio são muito sérias e exigem uma atenção excepcional por parte dos órgãos do Partido, do poder, da economia e de todos os trabalhadores agrícolas.

Paralelamente ao aumento da produção cerealífera, convém reforçar, a todos os níveis, as medidas de armazenagem, elaboração, conservação e utilização dos cereais, de modo a evitar quaisquer desperdícios e perdas neste domínio. Devemos simultaneamente tender para uma redução no consumo do pão por habitante, nas cidades como nos campos. De acordo com um plano cientificamente concebido, devemos avançar na melhoria da estrutura alimentar da população, aumentando a produção e consumo de legumes, batatas, fruta, produtos animais, etc. Sem baixar o nível de vida, mas, pelo contrário, elevando-o, há que fornecer ao povo mais lacticínios, carne, legumes, etc., reduzindo assim o consumo de pão.

Por isso, paralelamente ao aumento da produção por habitante de legumes, batata e feijão e à redução do seu custo, convém levar a cabo um trabalho melhor organizado para o estudo das exigências e gostos da população, modificando a actual mentalidade, quase artesanal, quanto à produção, transporte, industrialização e venda desses produtos. Os objectivos bastante avançados previstos neste plano para os legumes, batata e feijão, requerem a adopção de uma série de medidas agrotécnicas, assim como a concentração e espe-

cialização da produção, sobretudo em torno das grandes cidades, para que os planos sejam cumpridos em quantidade, variedade de produtos e dentro dos prazos estabelecidos ao longo do ano.

O Estado e as cooperativas fizeram importantes investimentos no desenvolvimento da fruticultura. Estes revelaram-se, contudo, pouco eficazes até agora, sobretudo nas cooperativas, e o peso específico deste sector no conjunto da produção agrícola é ainda relativamente reduzido. Assim, para levar a bom termo as tarefas cada vez mais vastas para o desenvolvimento da fruticultura, surge-nos como primeira necessidade avaliar o sector de forma mais justa, combater as concepções que tendem a subestimá-lo e as manifestações de desinteresse por esta importante riqueza, com boas perspectivas no nosso país. É preciso efectuar com maior perfeição os trabalhos requeridos pelas árvores de fruto e oliveiras e criar condições para uma irrigação adequada em larga escala.

Os novos investimentos deverão destinar-se principalmente a completar as plantações existentes e reorganizar os vinhedos de que dispomos. Deverão empreender-se estudos sobre as culturas frutícolas e desenvolver um grande trabalho com vista ao aumento e melhoria das novas variedades, deverá tender-se para a plantação de cinturões de árvores de fruto em torno das cidades e, na medida do possível, fazer investimentos conjuntos do Estado e das cooperativas.

As necessidades do povo e o desenvolvimento de uma agricultura diversificada exigem uma melhoria na estrutura das culturas industriais, que deverão concentrar-se nos distritos e locais onde se tenham verificado melhores resultados, especializando-os nesse sentido. Deverão ser garantidas sementes altamente produtivas e de elevado rendimento, ao mesmo tempo que se torna necessário aplicar uma tecnologia avançada à produção. A nossa orientação no respeitante às plantas industriais deve continuar a ser guiada pela satisfação cada vez mais completa das necessidades da população e da economia, com base na produção nacional.

No que se refere à economia florestal, em paralelo com as medidas visando um mais rápido equilíbrio entre os abates e o cresci-

mento natural da vegetação, é necessário transformar as florestas em explorações complexas onde, além da madeira, se cultivem o obtenham produtos secundários, plantas oleaginosas e medicinais e se desenvolva cada vez mais a zoocultura.

Os objectivos estabelecidos pelo novo plano quinquenal para a pecuária exigem dos órgãos do Partido, do Estado e da economia, de todos os trabalhadores, uma atenção muito maior a este importante sector. Apesar dos progressos alcançados, o nível da produção e da modernização do sector não corresponde aos investimentos realizados nem às necessidades crescentes em produtos animais. As percentagens de aumento da produção previstas pelo projecto de directivas do plano quinquenal são as seguintes: o leite terá 30 a 32% mais em 1985 do que em 1980, a carne 53 a 55%, os ovos 50 a 52%, etc. Estas metas baseiam-se no aumento do número de cabeças de gado, mas, mais ainda, no aumento de produtividade de todas as espécies. O objectivo fixado é obter de vacas e outros animais de raça mais apurada o dobro ou o triplo do rendimento médio até agora registado à escala nacional. Para tal, é necessário modificar radicalmente as concepções e atitudes em vigor quanto às necessidades e exigências impostas pelo desenvolvimento da criação de gado em larga escala, com grande variedade de animais e assente em bases científicas.

Neste campo, o problema principal consiste na aplicação de um sistema completo e adequado de medidas que permitam duplicar ou triplicar o rendimento das forragens e a capacidade produtiva das pastagens naturais, no sentido de acumular e explorar todas as reservas e subprodutos agrícolas e de aplicar uma tecnologia mais avançada na preparação de alimentos concentrados e outros produtos agrícolas e industriais para o gado.

Não deixaremos de continuar a fazer investimentos e a tomar medidas para a construção de complexos modernos que reforcem o sector, em produção de carne e ovos e na preparação e armazenamento de alimentos para o gado. Mas será necessário escolher a altura própria para estes investimentos, de modo a obter o efeito requerido. Por outro lado, não deverá perder-se de vista que a grande riqueza nacional que representa a pecuária está, na sua

maior parte, concentrada nas cooperativas e que os rebanhos englobam também o gado que é propriedade dos cooperativistas. Deverá por isso ter-se o maior cuidado em assegurar boas condições de reprodução desse gado, elevar as produções animais e reduzir o preço de custo em todas as regiões do país.

Os progressos previstos pelo 7º plano quinquenal para a agricultura repousarão, em proporção maior do que nunca, no esforço de intensificação. De acordo com as previsões, o aumento da produção agrícola global será em 90% resultante da elevação do rendimento das culturas e da produtividade do gado, em comparação com os 45 a 70% obtidos por esta via nos quinquênios anteriores. A terra e toda a base material e técnica, relativamente poderosa e variada, deverão ser exploradas de forma mais eficaz, de modo a obter a maior quantidade possível de produtos vegetais e animais com o mínimo possível de custos.

Ao mesmo tempo que definimos importantes tarefas para a intensificação acelerada da agricultura, devemos continuar a realizar esforços insistentes para ampliar a extensão da terra arável, visto existirem ainda nas colinas e nas montanhas terras por desbravar, enquanto outras poderão ser aproveitadas pela dessalinização.

Para intensificar a agricultura é necessário, entre outras coisas, harmonizar, de forma mais ponderada e científica, o conjunto dos factores humanos, materiais, agrotécnicos e naturais que condicionam a produção agrícola. Este é um importante problema que se coloca a cada exploração, distrito ou zona. Não só os especialistas, quadros e trabalhadores de vanguarda na base, organismos económicos e de planificação, como também as instituições de investigação científica, têm aqui um vasto campo de estudo e de acção criadora e inovadora.

Os investimentos e os cuidados com a terra deverão continuar a servir de orientação principal das acções a empreender para a intensificação e aumento da produção agrícola. Isto exige a aplicação de uma série de medidas tendentes a aumentar a fertilidade do solo, protegê-lo contra a erosão, enriquecer e melhorar as terras por meio de uma adubação combinada e integral. Exige igualmente a produ-

ção e utilização de sementes de elevada produtividade, resistentes às doenças, às pragas e a outros factores naturais desfavoráveis.

Os numerosos problemas relacionados com a intensificação da agricultura só poderão ser resolvidos a contento se a produção agrícola assentar em bases rigorosamente científicas. A 8ª reunião plenária do CC do Partido traçou orientações e directivas muito importantes, destinadas a todos os organismos científicos da agricultura, da base ao topo. As organizações do Partido, os órgãos de Estado e da economia, têm como tarefa principal fazer aplicar perseverantemente este programa. Para tal, é necessário ter uma compreensão correcta do papel decisivo desempenhado neste ramo da economia pela investigação e a experimentação científica e tomar todas as medidas organizativas necessárias para que os resultados desses estudos sejam aplicados à grande produção, no mais curto espaço de tempo.

No quadro do trabalho que deverá ser levado a cabo no domínio da agricultura, durante o presente quinquénio, o Comitê Central do Partido propõe ao Congresso **a aplicação de uma série de importantes medidas, com vista à intensificação prioritária da produção nas planícies mais férteis dentro de um período de dez anos.** A primeira fase deste programa, correspondente ao 7º quinquénio, deve abranger mais de 100 mil hectares das terras baixas do litoral. O fim desta acção é aumentar a produção vegetal e animal nas zonas em que o trabalho e o investimento dão maior rendimento em menor espaço de tempo. Isto criará também condições favoráveis para um desenvolvimento mais rápido das cooperativas e para a passagem gradual da propriedade de grupo à propriedade de todo o povo. Esta acção será realizada sem prejuízo dos investimentos e recursos materiais indispensáveis ao desenvolvimento da agricultura nas demais zonas do país. Pelo contrário, prosseguirá o trabalho para aí desenvolver e fortalecer todas as cooperativas agrícolas.

Para conseguir levar a bom termo esta grande tarefa, exige-se um trabalho cuidadoso, bem programado e organizado pelo Ministério da Agricultura, pela Comissão do Plano de Estado, pelo Ministério das Finanças e outras instituições centrais, bem como

pelos órgãos do Partido e do poder nos distritos englobados na região onde será levada a cabo esta intensificação superior da agricultura.

O nível alcançado no desenvolvimento das forças produtivas e os novos passos previstos para o 7º quinquênio e para o futuro, serão acompanhados e apoiados pelo aperfeiçoamento das relações socialistas no campo. O Comitê Central do Partido estudou atentamente e aprovou as iniciativas revolucionárias do campesinato tendentes a uma nova redução nas parcelas individuais nas cooperativas e à concentração em rebanhos do gado dos seus membros, e continuará a adoptar todas as medidas necessárias para apoiar este processo progressivo que se desenvolve nos campos. O Partido aprecia muito o espírito revolucionário e o patriotismo ardente do campesinato cooperativista, revelados por este empreendimento de excepcional importância para a consolidação do sistema cooperativo do nosso país.

O Partido tem plena confiança em que a redução das parcelas individuais e a concentração do gado em rebanhos conduzirão ao aumento da produção agrícola e pecuária, à garantia e constante elevação do bem-estar do campesinato, ao reforço maior ainda do sentimento de colectivismo socialista. Deste modo, à medida que aumenta a produção e se eleva o bem-estar geral do campesinato, a propriedade pessoal, enquanto economia auxiliar e transitória, vai sendo pouco a pouco suprimida, até se extinguir por completo.

A aplicação do programa de intensificação acelerada da produção agrícola nas regiões de planície provocará também aí transformações importantes nas relações de produção socialistas. Devido aos investimentos consideráveis a efectuar nas cooperativas dessas zonas, o Estado aumentará a parte dos meios de produção que são sua propriedade. Daqui resultará a redução gradual da esfera de relações de propriedade cooperativa, até ao momento em que esta se transforme em propriedade de todo o povo. Até lá, os trabalhadores cooperativos das zonas onde terá lugar a intensificação acelerada continuarão a ser remunerados de acordo com as actuais formas, em função das normas de rendimento e dos dias de trabalho. Entretanto, faremos esforços para que o nível da sua remunera-

ção atinja gradualmente o dos salários dos operários das empresas agrícolas.

Prosseguiremos paralelamente com o esforço de fortalecimento das cooperativas de tipo superior, algumas das quais serão transformadas em empresas agrícolas. Também isto constituirá uma rica experiência para o futuro. Novas cooperativas de tipo superior serão constituídas nas planícies e este poderá ser também o caso de certas cooperativas das zonas montanhosas e de colinas, em função do seu nível de desenvolvimento e das possibilidades do Estado.

Ao programar estas novas medidas, o Partido continuará a dar uma grande importância ao desenvolvimento e fortalecimento das cooperativas situadas nas zonas de colinas e montanhosas. Estas zonas, povoadas por uma grande parte da população nacional, dispõem de áreas consideráveis de terra cultivável. A intensificação acelerada da agricultura nas planícies dará ao Estado maiores possibilidades materiais e financeiras para investir também nestas zonas e aumentar o apoio que lhes presta.

Particular atenção e cuidado deverão ser também concedidos ao desenvolvimento e fortalecimento de todas as empresas agrícolas, combatendo as falhas e fraquezas que hoje existem em algumas delas. A directiva há muito formulada pelo Partido, para que as empresas agrícolas ocupem a vanguarda, deve ser levada à prática com perseverança.

Os objectivos grandiosos do novo plano quinquenal abrem amplas perspectivas ao desenvolvimento e ao progresso da agricultura e dos nossos campos socialistas. A sua realização requer a mobilização e o labor perseverante de todos os trabalhadores agrícolas, o aperfeiçoamento da planificação, da organização e gestão da produção agrícola e de todos os escalões sucessivos — órgãos de armazenagem, indústria ligeira e alimentar, comércio interno e externo. Ao Ministério da Agricultura, em particular, e aos seus órgãos e instituições dele dependentes, colocam-se importantes tarefas para fazer face aos grandes problemas colocados por este Congresso no domínio do crescimento da agricultura.

A realização com êxito destas tarefas será uma grande vitória da política agrária do Partido, diametralmente oposta à política prati-

cada nos países revisionistas, onde a agricultura foi conduzida para um beco sem saída. Como todos sabem, nesses países foi há muito abandonado o caminho leninista da colectivização. A forma de capitalismo colectivo actualmente existente na União Soviética e noutros países é acompanhada em larga escala por formas directas de propriedade privada. As explorações individuais privadas são consideradas pelos revisionistas uma base essencial para a produção de carne, leite e outros produtos agrícolas: confia-se-lhes, inclusive, o gado dos kolkozos e dos sovkozos para aí ser alimentado e criado, liquidando assim qualquer vestígio do sistema socialista nos campos. Foi este caminho que conduziu a agricultura de muitos desses países a uma crise profunda, tornando a penúria de alimentos e de matérias-primas um dos mais graves problemas da vida das massas trabalhadoras.

3. Os investimentos e os trabalhos de construção, base importante para o reforço constante da economia

Durante o último quinquénio, fizeram-se grandes esforços para realizar os investimentos e os trabalhos de construção fundamentais fixados pelo 7º Congresso do Partido. Neste domínio, a actuação hostil dos revisionistas chineses causou-nos um sério prejuízo e entrou, mais do que em qualquer outro, a realização dos objectivos traçados. Todavia, graças às medidas tomadas pelo Partido e pelo Estado em diversas frentes, o volume de investimentos realizados no 6º quinquénio foi superior em 15% ao do anterior.

O potencial produtivo criado e as frentes crescentes da nossa acumulação interna tornam possível para este novo quinquénio um plano de investimentos e de grandes trabalhos de amplitude sem precedentes, num valor global de 25 mil milhões de leks, ou seja, 22 a 24% mais do que no quinquénio anterior. Esta é uma expressão significativa da superioridade e da vitalidade da nossa ordem eco-

nómica e social, da capacidade criadora e da energia inesgotável das amplas massas trabalhadoras, da justeza do princípio de contarmos com as nossas próprias forças.

Ao fixar os investimentos, a sua estrutura e as realizações concretas a que são destinados, teve-se em vista a perspectiva de desenvolvimento dos diferentes ramos da economia e da cultura, o fortalecimento da independência e da defesa da Pátria, a garantia da elevação gradual do bem-estar da população.

Como sempre, a prioridade na política de investimento é atribuída à produção material. A parte dos investimentos na esfera produtiva é, no novo plano, de 83% em confronto com os 77,5% que lhe eram destinados no plano anterior. Esta distribuição das verbas resulta do facto de estar na produção a base do bem-estar do povo e do potencial defensivo da Pátria.

Durante este quinquénio, como nos anteriores, os maiores investimentos, ou seja, mais de 74% do total, irão para o desenvolvimento da indústria e da agricultura, o que representa um aumento de cerca de 37% relativamente ao quinquénio anterior. Estão igualmente projectados importantes investimentos nos transportes, sectores socioculturais e construção de habitações. Durante o presente quinquénio, e considerando apenas a esfera produtiva, trabalhar-se-á na construção de mais de 350 obras importantes.

Para realizar estes objectivos, é necessário tomar medidas práticas que permitam utilizar, com maior eficácia económica, os meios financeiros, técnicos e materiais que lhes serão atribuídos. É um trabalho que começa com a planificação. Impõe-se pois que assente em bases científicas, desde as empresas até às direcções centrais. Deverá prestar-se maior atenção à elaboração de estudos completos sobre a necessidade e a utilidade de cada obra e os fundos necessários à sua realização. Convém, pois, determinar sem demora os critérios científicos e os índices económicos e técnicos em função dos quais será calculada a eficácia económica, e exercer controle para que sejam obrigatoriamente aplicados, quer na construção, quer na exploração dessas obras. São particularmente importantes os estudos de prospecção do desenvolvimento dos diversos ramos da economia e também das empresas e cooperativas. Esses estudos servirão como

ponto de partida para a elaboração dos planos quinquenais e para a utilização racional e sem desperdício dos investimentos básicos.

No decurso do 7º quinquénio, será melhorada a estrutura interna dos investimentos, aumentando a parte correspondente à maquinaria e equipamento e reduzindo a dos trabalhos de construção e montagem. Nisto influirá consideravelmente o facto de que cerca de 40% dos investimentos na indústria e noutros ramos serão destinados à ampliação, reestruturação e modernização das empresas existentes. Trata-se de um caminho vantajoso, que permite economizar fundos importantes para os trabalhos de construção e acelerar a extensão da capacidade produtiva numa base técnica e tecnológica mais avançada. Os órgãos da planificação, da construção e das finanças devem desenvolver um trabalho atento e uma luta perseverante para alcançar este objectivo.

A execução dos investimentos e dos trabalhos de construção dentro dos prazos fixados é determinante, mais do que em qualquer outro sector, para reduzir o volume de investimentos inaplicados e de construções não terminadas, para realizar as tarefas do plano de produção, do rendimento nacional, da acumulação, para o fortalecimento da estabilidade do mercado, da circulação monetária, etc. A fixação de prazos para a duração da construção das diversas obras e de limites ao volume de investimentos não aplicados e de construções inacabadas deve servir como meio eficaz para reforçar o controle na planificação e aplicação dos investimentos.

Deverá dedicar-se também um cuidado maior ainda aos investimentos efectuados pelas cooperativas agrícolas com os seus próprios meios, para os quais se prevê um total de 2.750 milhões de leks, durante o actual quinquénio. Estes investimentos devem ser melhor integrados no plano de desenvolvimento económico e a sua realização acompanhada de perto pelas próprias cooperativas, pelos órgãos estatais e pelos organismos económicos, de modo a impedir que venham a ficar fundos por aplicar.

A redução dos custos continua a ser um importante problema para as construções, uma vez que, apesar dos progressos registados, esses custos continuam a ser elevados. Daí surge a necessidade, para os projectistas, tecnólogos e executantes, assim como para os pro-

dutores de materiais de construção, em estreita colaboração com os economistas, elaborarem e aplicarem projectos adequados, utilizarão construções normalizadas e leves, produzirem uma ampla gama de materiais de construção de alta qualidade e resistência, aplicando a experiência avançada nacional e mundial.

O Ministério da Construção, os outros departamentos centrais e as empresas deles dependentes, que dispõem de um grande parque de máquinas, devem velar com o máximo empenho pelo aproveitamento completo e racional desta poderosa base. Aos ritmos que têm vindo a adquirir os trabalhos de construção, só se pode avançar desde que se opere uma viragem radical na mecanização dos trabalhos, na industrialização das construções e no aumento sensível da produtividade do trabalho neste sector.

O serviço de transportes será ampliado no 7º quinquénio, a fim de corresponder melhor às necessidades da economia no referente à circulação interna e externa de mercadorias, assim como ao movimento de passageiros. Tendo em conta as necessidades de desenvolvimento da economia e a sua grande utilidade econômica, **será dada prioridade ao desenvolvimento acelerado dos transportes ferroviários.** No decurso do presente quinquénio, serão construídas novas vias férreas e linhas secundárias, em extensão equivalente a mais de 37% da rede ferroviária até hoje construída.

A realização destas transformações estruturais no transporte exige novas formas de organização, assim como diversas outras medidas técnicas para intensificar o aproveitamento das vias férreas, aumentar o parque de vagões, a mecanização da carga e descarga, o movimento rápido das mercadorias nas estações, etc.

Ao dar prioridade ao transporte ferroviário, não deve descuidar-se de forma alguma o transporte marítimo, de cabotagem e longo curso, dado o seu carácter massivo e económico, assim como a exploração racional e o mais completa possível dos transportes por estrada, especialmente o do sector produtivo. Será dada grande atenção à produção e utilização de reboques, sobretudo dos de grande tonelagem.

A exploração mais completa dos diversos meios de transporte e a sua manutenção, assim como a realização do plano em todos os

seus índices, constituem grandes tarefas para a organização do Partido e para todos os trabalhadores dos transportes.

4. Aumentar as exportações e economizar divisas

O nosso comércio não cessa de se desenvolver e ampliar. Comerciamos hoje com mais de 50 países de diversas regiões do mundo. Trataremos de ampliar ainda mais as nossas relações comerciais, no interesse do país e na base do benefício recíproco. Conduzimos sempre o desenvolvimento da nossa economia na via do reforço incessante da independência política e econômica, mas nunca procurámos nem nos interessa um desenvolvimento autárquico, tal como lutámos e lutamos contra todas as pressões tendentes a integrar a nossa economia nas dos países capitalistas e revisionistas.

Apesar das dificuldades e dos sérios obstáculos com que nos temos defrontado, a aplicação desta justa linha marxista-leninista e o crescimento considerável das exportações permitiram que **nos últimos anos do quinquénio passado, a nossa economia tenha conseguido, pela primeira vez, equilibrar com as exportações todas as importações indispensáveis. Este equilíbrio foi conseguido sem afectar os ritmos de desenvolvimento nem o nível de vida da população.** Esta é outra vitória histórica do nosso Partido e do nosso povo, no caminho para a construção integral da sociedade socialista, e uma clara manifestação do potencial econômico do nosso país.

Prevê-se que a exportação de mercadorias seja em 1985 58 a 60% superior à de 1980 e que as importações cresçam de 56 a 58%. Deste modo, consolidar-se-á o saldo positivo da balança do comércio externo e dar-se-ão maiores garantias para o cumprimento na totalidade das tarefas do plano quinquenal.

Serão introduzidas melhorias sensíveis na estrutura das exportações. Durante o 7º quinquénio, a exportação de produtos da indústria pesada assegurará mais do dobro das divisas do que no quinquénio precedente. Os produtos elaborados representarão

cerca de 73% do conjunto das mercadorias exportadas, em comparação com os 70% do quinquênio anterior.

A produção em quantidade e qualidade, a entrega a tempo das mercadorias para exportação, a luta para produzir pelo mais baixo custo possível, são objectivos que devem estar na ordem do dia dos nossos organismos. Em toda a parte é preciso pensar e trabalhar para encontrar novas fontes de exportação.

Neste quinquênio, será executada de maneira mais perfeita a directiva do Partido para reservar a maior parte das importações, ou seja, cerca de 93%, para máquinas, certas matérias-primas e certos materiais não trabalhados, a fim de desenvolver a produção nacional. A expansão acelerada da produção permitirá aumentar a parte das importações relativa a maquinarias e equipamentos e reduzir a das matérias-primas e dos produtos não elaborados.

Na esfera da importação, um dos problemas mais sérios e de maior responsabilidade, que requer conhecimentos mais profundos e medidas preparatórias concretas, colaboração e coordenação dos trabalhos por parte de todos os departamentos centrais, dos técnicos, projectistas e executantes, assim como do comércio externo, é assegurar a maquinaria e instalações para as obras completas e para as reestruturações e modernizações a realizar durante o quinquênio.

O cumprimento, por parte de todos, das tarefas do comércio externo, exige que se tenha bem presente a ideia de que a importação e a exportação devem ser sempre consideradas como indissociáveis, dando sempre a prioridade às exportações. Tal como se exige que a importação de mercadorias se faça de acordo com o plano, visto que toda a irregularidade ou demora neste terreno acarreta consequências não apenas econômicas, como políticas e sociais, com mais forte razão é preciso trabalhar e lutar para realizar rigorosamente o plano das exportações.

Na actualidade, adquire particular importância a luta para economizar tanto as mercadorias incluídas nas exportações, como as matérias-primas e materiais importados. Devem fazer-se economias sobretudo no uso do coque, do fuel oil, da nafta, do aço, lubrificantes, pneus e outros produtos. Devem estabelecer-se normas cientificamente estudadas e exercer um controle rigoroso sobre o

uso destes materiais e de outros do mesmo gênero. Devemos esforçar-nos todos por substituir as matérias-primas e os materiais caros por materiais mais baratos e vantajosos, passar a produzir no país maquinaria, equipamentos e mercadorias que hoje importamos.

O considerável aumento do volume de trocas e a realização das importantes tarefas que se põem neste sector exigem uma melhoria notável e uma intensificação da actividade dos organismos do comércio externo, maior competência profissional e uma grande habilidade, que lhes permita orientar-se em quaisquer situações.

5. Garantir e elevar gradualmente o nível de vida da população

A construção da sociedade socialista é um processo revolucionário multilateral. Por isso o Partido tem encarado o desenvolvimento da produção como indissociável do reforço da ordem socialista, da satisfação das necessidades materiais e culturais dos trabalhadores e da sua educação comunista, o qual, por sua vez, também não pode ser separado do reforço da independência e da capacidade de defesa da Pátria. Não se pode dissociar o geral e o colectivo do particular, o presente do futuro, o desenvolvimento urbano do progresso rural.

No desenvolvimento da produção e de todas as outras actividades sociais, o Partido centra sempre as atenções no homem trabalhador, na satisfação das suas necessidades materiais e culturais. No decurso do 6º plano quinquenal, tal como nos anteriores, e se bem que as tarefas fixadas não tenham sido integralmente atingidas, o poder de compra e os rendimentos reais por habitante aumentaram nas cidades e nos campos, aumentou gradualmente o abastecimento de produtos de consumo corrente, melhoraram as condições de habitação dos trabalhadores. Os preços dos produtos alimentares e industriais, dos combustíveis, da energia eléctrica, as rendas de casa

e as tarifas dos serviços públicos não sofreram qualquer aumento. O fundo de consumo social cresceu de 20%, o que representa para cada família um benefício médio de uns 4 mil leks por ano.

O desenvolvimento que conhecerão a indústria, a agricultura e os outros ramos da economia durante o 7º quinquênio permitirá garantir uma elevação ainda maior do nível de vida material e cultural da população. Apesar do grande programa de investimentos e das despesas com o desenvolvimento econômico e com o aumento da norma de acumulação, que passará de 30% no 6º quinquênio para 31 a 33% no 7º quinquênio, o rendimento real por habitante aumentará de 8 a 10%. O seu ritmo de crescimento nos campos será o dobro do das cidades. A produção de artigos de consumo corrente aumentará de 33 a 35% e os serviços de utilidade pública de 45 a 47%. Melhorará o abastecimento em carne, peixe, ovos, legumes, batatas e fruta. Estão igualmente previstos melhoramentos na estrutura das mercadorias de consumo corrente e na venda de artigos duráveis, a fim de facilitar as condições de existência e melhorar a qualidade de vida das famílias.

Para alcançar os objectivos fixados quanto ao bem-estar, o trabalho e o esforço principal devem incidir sobre as tarefas visando o aumento da produção e da sua eficácia, na indústria, na agricultura e nos outros ramos e sectores. Será preciso, em particular, estar atento às leis que regem a produção e a distribuição, a circulação das mercadorias e do dinheiro em regime socialista. A produtividade do trabalho deve aumentar mais rapidamente do que o rendimento por habitante, o rendimento nacional deve crescer a um ritmo maior do que o poder de compra da população, e este deve ser coberto não apenas globalmente pela quantidade de mercadorias e serviços, mas também por uma estrutura adequada dessas mercadorias e serviços. A violação destas proporções provocaria perturbações na circulação monetária, a qual só pode ser concebida e posta em prática em ligação com a produção, com a circulação dos diversos produtos e mercadorias, com a criação e repartição dos rendimentos.

Os trabalhadores do comércio têm importantes tarefas a cum-

prir para melhor servirem a população e satisfazerem as suas exigências e necessidades quotidianas. Devem melhorar radicalmente o seu trabalho, colaborar mais estreitamente com os outros órgãos da economia, proceder a estudos aprofundados, esmerar-se no comércio, elevar o seu papel activo na produção e não permitir produtos de qualidade medíocre. Tanto o comércio de Estado como as cooperativas deverão consagrar uma atenção particular à venda de produtos alimentares nos campos, para apoiar devidamente as iniciativas e medidas recentemente aplicadas de redução das parcelas individuais e de concentração do gado de propriedade pessoal dos membros das cooperativas.

A melhoria das condições de alojamento tem sido e continua a ser uma questão importante na política do Partido em matéria de bem-estar. Hoje, cerca de 80% da população vive em casas construídas sob o poder popular. Durante o 6º quinquénio, o Estado e a população construíram mais de 56 mil apartamentos e casas. Para resolver melhor do que até agora o problema da habitação, é necessário acelerar os ritmos de construção. Por isso, o 7º plano quinquenal prevê a construção de mais de 80 mil apartamentos e novos alojamentos, onde irão habitar mais de 400 mil pessoas. As rendas, apesar de serem das mais baixas do mundo, não foram nem serão elevadas.

Os órgãos dos serviços comunais têm grandes tarefas a cumprir para a manutenção desta riqueza que aumenta e se multiplica de ano para ano. Mas cabem-lhes tarefas ainda mais importantes na ampliação dos serviços de interesse público, na melhoria radical da sua qualidade e na redução dos custos e, sobretudo, na extensão aos campos dos serviços comunais e de reparações. Os comités executivos dos distritos, que muitas vezes se limitam a ocupar-se da realização dos planos de produção, devem assumir maior responsabilidade e testemunhar maior interesse por estes e outros problemas que respeitam à vida quotidiana da população.

A instrução e a cultura dos trabalhadores, a protecção e fortalecimento da sua saúde, continuarão como até aqui no centro da atenção do nosso Partido e do nosso Estado socialista. A elevação do nível de instrução e de cultura das massas constitui uma condição e

uma base sólida do progresso econômico e social de todo o país. do reforço da defesa da Pátria, da melhoria continua das condições de vida da população. As possibilidades de crescimento do saber e da cultura representam um grande potencial para a realização dos planos actuais e futuros, para o progresso técnico e científico alcançar novas metas. Por isso, o ensino, a cultura e a ciência obterão um maior desenvolvimento no novo plano quinquenal.

O número de alunos das escolas secundárias aumentará sensivelmente. Este ensino englobará, para além das crianças das cidades, cada vez mais crianças do campo. As escolas médias profissionais serão aumentadas e especializadas, para melhor corresponder ao desenvolvimento impetuoso da economia, à criação de novos ramos e á introdução de novas tecnologias na produção. Durante os próximos cinco anos, terminarão os seus estudos em todos os tipos de escolas secundárias cerca de 160 mil alunos, face aos 113 mil do último quinquénio.

Um cuidado particular será consagrado ao desenvolvimento do ensino superior, onde o número de estudantes aumentará em 45% relativamente ao 6º quinquénio. Serão criadas novas especialidades e aumentar-se-á a qualificação e a especialização pós-universitária.

Paralelamente ao ensino, novos passos em frente serão dados em diversos sectores da cultura, para que as suas actividades penetrem profundamente nas massas e sirvam melhor a sua educação. A publicação de obras políticas, científicas, técnicas e artísticas será ampliada. A sua tiragem global excederá em um milhão de exemplares a do último quinquénio. O cinema terá maior crescimento. A rede de televisão será ampliada pela construção de estações de retransmissão e de repetidores, com o fim de cobrir todas as zonas do país. Durante o 7º quinquénio, começará a transmissão da televisão a cores. Construir-se-ão novos museus em cidades e aldeias, enquanto os já existentes serão enriquecidos. Destaca-se neste terreno a construção do Museu Histórico Nacional de Tirana, do Museu Skanderberg em Kruja, do Museu da Cultura Material Popular em Shkodra, etc.

Durante o próximo quinquênio, serão aumentados os fundos destinados ao desenvolvimento da cultura física e dos desportos. Construir-se-ão novos terrenos de jogos e palácios de desportos e estádios, que servirão para a tẽmpera física e a diversão da juventude, para a sua melhor preparação para o trabalho e a defesa. Os desportistas e o ginastas devem corresponder a esta atẽnção do Partido conseguindo os melhores resultados possíveis.

Sob o poder popular, operou-se uma verdadeira revolução no domínio da saúde do povo. A rede de instituições sanitárias alargou-se muito, o serviço médico não parou de melhorar e intensificaram-sẽ outras medidas tendentes à protecção e fortalecimento da saúde do povo. Durante o 7º quinquênio, prosseguir-se-á nesta via fecunda. As medidas profiláticas serão alargadas e melhoradas, tanto nas cidades como, sobretudo, nos campos. Será dedicado um cuidado especial à melhoria dos serviços sanitários, a fim de aumentar a qualidade dos cuidados e da assistência médica e de reforçar as medidas para a protecção da saúde da mãe e da criança e baixar a mortalidade das crianças com menos de um ano de idade. Neste sentido, influirá também a decisão de prolongar as fẽrias de parto para cerca de 6 meses.

O nosso país conhece um crescimento dinâmico da população, uma estrutura demogrãfica onde predominam as camadas jovens e uma população sempre activa e fresca. O Partido tem trabalhado e trabalhará para que os processos demogrãficos sejam estudados e dirigidos em bases científicas, para que a população continue a crescer a ritmos adequados.

O nosso país desconhece o desemprego e a emigração econõmica. Pelo contrãrio, o desenvolvimento dinâmico das forças produtivas e das actividades sociais e culturais requer cada vez mais força de trabalho. Todas as novas forças de trabalho que surgirão durante o próximo quinquênio, e que atingirão cerca de 210 mil pessoas, serão aplicadas em primeiro lugar na produção. A incorporação de novas forças de trabalho nos diversos sectores exige estudos aprofundados por parte da Comissão Estatal do Trabalho e Salários, de outros departamentos ministeriais, dos comitês executivos

dos conselhos populares de distrito e das próprias empresas e cooperativas agrícolas.

Naturalmente, o Partido e o Estado tratarão de criar novas frentes de trabalho nos locais onde as pessoas habitam, mas isso depende também muito da distribuição dos recursos e riquezas naturais. Por isso, uma parte das novas forças de trabalho serão encaminhadas para os locais mais necessários ao país e onde se abram novas frentes de trabalho. Este processo deverá ser melhor combinado com o desenvolvimento dos centros urbanos, dos transportes, com a melhoria das condições de trabalho e com modificações do sistema salarial, a fim de estimular a criação de postos de trabalho também nas zonas longínquas onde as condições de trabalho são mais difíceis.

6. Aperfeiçoar a direcção da economia e elevar a sua eficiência

A direcção e a organização constituem um elemento fundamental do trabalho, que devemos dominar perfeitamente para impulsionar o trabalho por toda a parte, na economia, na educação, na ciência, na cultura, em todos os domínios da actividade social.

Nas condições actuais, em que a nossa economia se transformou numa grande economia complexa, ela não pode ser dirigida nem avançar com concepções e prática antiquadas. Hoje não se pode trabalhar de uma forma empírica e praticista. A direcção e a organização precisam de apoiar-se em conhecimentos e saber profundos, em princípios e critérios científicos sólidos que emanam das leis do desenvolvimento económico e social.

A direcção da economia com base nestas leis exige que os problemas do crescimento das forças produtivas sejam sempre considerados em estreita ligação com os seus aspectos sociais, com todas as componentes da nossa vida socialista. Isto relaciona-se com a materialização na prática, de forma planificada e bem dirigida, da interacção entre as forças produtivas e as relações económicas e

superestruturais, que todos reconhecemos mas que por vezes esquecemos na prática, ou tratamos de passagem. Estas manifestações negativas devem ser combatidas e eliminadas, porque comportam o perigo de uma direcção economicista e tecnocrática.

A economia popular, enquanto economia socialista única, é dirigida na base do princípio do centralismo democrático e do plano geral do Estado. Se este princípio for afectado, por pouco que seja, pela entrada em jogo de estreitos interesses particulares, é porque as directivas do Partido, as leis da economia e as regras do nosso Estado socialista não foram bem compreendidas e aplicadas. É também preciso combater as tendências para considerar os problemas no quadro estreito de um ministério ou para desenvolver um trabalho fechado a nível de um distrito ou de um organismo. A colaboração e a coordenação do trabalho sobre os diversos problemas devem ser reforçadas segundo a linha e a política do Partido, para se conseguir uma rápida solução para os problemas, na base das competências atribuídas a cada um.

O essencial é que cada um, guiando-se pela linha, a política e a ideologia do Partido, realize as tarefas que lhe foram atribuídas, as cumpra cabalmente, mostre iniciativa e perseverança e se responsabilize plenamente pelo trabalho que realiza e pelo sector em que se integra. A exigência e a prestação de contas impostas a cada um sobre a realização das tarefas do plano, no quadro das competências e das funções que lhe incumbem, é uma norma que emana da nossa ordem social, do princípio do centralismo democrático. Esta norma deve ser aplicada em todas as instâncias, sem qualquer concessão, sem permitir qualquer espécie de liberalismo ou sentimentalismo pequeno-burguês.

O Partido tem acentuado constantemente que o socialismo é obra das grandes massas trabalhadoras por ele dirigidas. Donde a necessidade objectiva de que estas participem activamente na direcção da vida do país, assimilem a arte da administração da economia. Esta questão de princípio deve estar profundamente arreigada no espírito e na consciência de todos. Para que as coisas avancem, é preciso que, por toda a parte, os trabalhadores digam a sua palavra,

exponham as suas opiniões, critiquem as deficiências e todos os que violam as normas e a disciplina do Estado.

Na organização e direcção científica da economia, reveste uma importância particular a elaboração de planos realistas e mobilizadores, baseados em estudos detalhados sobre os problemas actuais e futuros, em profundas generalizações e análises. Convém igualmente realizar um trabalho mais atento no decorrer da execução do plano, resolvendo correcta e prontamente os problemas do dia-a-dia. É claro que o plano é uma lei e a sua execução um dever do Estado, mas isto não é razão para não proceder a eventuais modificações com vista a melhorar os índices, de cada vez que isso se torne necessário e possível.

Deve prestar-se maior atenção ao controle de execução do plano. Deve ser um controle vivo, operativo, diário, que não se limite a constatar os defeitos e as fraquezas, mas que dê solução imediata aos problemas. Deve fortalecer-se especialmente o controle económico, financeiro e técnico interno nas empresas económicas e nas cooperativas agrícolas. Os órgãos das Finanças e do Banco do Estado devem proceder a um minucioso controle financeiro, conferindo-lhe a importância devida, e reforçar ainda mais o seu papel activo na produção, na circulação e nos serviços, utilizando para isso com maior eficácia e de forma correcta as outras alavancas do nosso mecanismo económico.

O reforço do trabalho de direcção e de organização exige que se levem à prática as melhorias necessárias nas estruturas dos órgãos do Estado e dos diversos organismos económicos, sempre que necessário.

Tal como lutamos para aumentar a produção e aperfeiçoar a tecnologia, também devemos agir para modificar as formas e métodos de direcção, aplicando novas formas e estruturas mais eficazes, mais dinâmicas e menos dispendiosas.

O trabalho de direcção e de organização deve materializar-se no aumento da produção e da rentabilidade dos investimentos em todos os domínios da actividade económica. No decurso do 7º quinquénio, o rendimento nacional crescerá mais rapidamente do que a produção social. Este aumento será obtido, numa proporção

superior a 46%, pela elevação da produtividade do trabalho. Na indústria e na construção, a produtividade do trabalho aumentará duas a três vezes mais depressa do que no último quinquénio. O aumento das receitas líquidas das empresas será conseguido na sua maior parte graças à redução dos custos de produção, de construção e dos serviços.

Da realização destes objectivos depende em considerável medida o desenvolvimento equilibrado de toda a economia, a realização dos ritmos previstos e de todas as tarefas do plano, contando com as nossas próprias forças. Os caminhos para os alcançar devem ser procurados na produção, no aprofundamento da revolução técnico-científica, na ampliação da mecanização, no reforço da disciplina e no aproveitamento do tempo de trabalho, na redução dos custos, na utilização racional da base material e técnica, isto é, na descoberta e aproveitamento de todas as reservas internas de que dispõe a economia, apoiando-se firmemente na experiência avançada e nas aquisições da ciência e da técnica.

Um trabalho de alta qualidade e rendimento é o factor decisivo para uma maior eficiência da produção e para o progresso geral da economia. Isto exige um maior grau de qualificação dos trabalhadores, o desenvolvimento do seu espírito de iniciativa e criatividade, a tomada de consciência da importância das tarefas do plano e das possibilidades de as realizar.

Um outro problema importante que influi directamente na direcção e organização da economia, assim como no aumento da sua eficiência, é o que respeita à extensão e reforço da cooperação em todos os domínios da actividade económica e social. Trata-se de uma tarefa ditada pela própria acentuação da divisão social do trabalho e estreitamento dos laços económicos. A produção enriquece-se com numerosos ramos e actividades, as forças produtivas estenderam-se a todo o país. Aprofundou-se a especialização da actividade produtiva, avançaram a ciência e a técnica. Nestas condições, a falta de cooperação e colaboração para solucionar os diversos problemas, não só impede o aproveitamento das vantagens da economia socialista enquanto economia única, como inclusive entrava o seu desenvolvimento a ritmos rápidos.

Nesta situação, exige-se uma compreensão mais profunda e uma aplicação mais cabal do princípio de nos apoiarmos nas nossas próprias forças, no terreno econômico como em qualquer outro. Nas suas relações com o exterior, o nosso país aplica este princípio como um todo indivisível, ou seja, todos os ramos e sectores da economia no seu conjunto asseguram e devem assegurar por qualquer preço a independência e o desenvolvimento ininterrupto do país. No plano interno, o apoio nas próprias forças por parte dos ramos econômicos, das regiões, das empresas, das cooperativas, deve ser concebido como uma luta lado a lado, com forte solidariedade socialista, em estreita e multilateral cooperação e colaboração entre todos para o cumprimento das tarefas do plano único e geral do Estado.

A via que a nossa economia tem percorrido e que se desenrola à sua frente é um caminho justo, marxista-leninista. Testemunha-o de modo claro e concreto a sua estabilidade, vitalidade e dinamismo. Estes traços fundamentais da nossa economia socialista consolidar-se-ão e acentuar-se-ão graças à luta e aos esforços da classe operária, do campesinato cooperativista e da intelectualidade popular, sob a direcção do Partido, para materializar os objectivos do 7º plano quinquenal que trazemos à aprovação deste Congresso.

II

FORTALECER CONTINUAMENTE O PARTIDO, AUMENTAR MAIS AINDA A EFICÁCIA DO SEU TRABALHO

O nosso Partido do Trabalho, inabalavelmente fiel aos princípios do marxismo-leninismo, combatente decidido contra os inimigos externos e internos, profundamente enraizado no povo que lhe deu a vida e o criou, tem dirigido com sabedoria e perspicácia o povo albanês, de vitória em vitória, em cada etapa da revolução e da construção socialista do país.

O Partido cumpriu também com honra as grandes, difíceis e complexas tarefas que lhe foram fixadas pelo seu 7º Congresso. Na luta e no trabalho pela realização dessas tarefas, o Partido fortaleceu-se e temperou-se mais ainda, elevou a sua função dirigente e o seu espírito combativo, revolucionarizou a vida e a actividade das suas organizações de base, dos seus organismos e dos seus membros, temperou a unidade de aço das suas fileiras e estreitou os seus laços com as amplas massas populares.

Uma clara expressão dessa unidade monolítica do Partido e do povo que o rodeia é a mobilização geral dos comunistas e de todo o povo para realizar as tarefas que o Partido continuamente coloca, são as grandes acções e movimentos revolucionários, assim como a maravilhosa solidariedade popular da nossa gente. Esta unidade tem sido e continua a ser o factor decisivo, a chave de todas as nossas vitórias na construção do socialismo e na defesa da Pátria.

A luta incessante conduzida pelo Partido para revolucionarizar

as suas fileiras através do trabalho de elevação do nível ideológico, político e cultural dos comunistas, através do crescimento da sua actividade como militantes políticos e sociais, e do reforço da sua composição proletária — contribuiu para a sua consolidação e para a elevação do seu papel dirigente. Nas fileiras do Partido milita um verdadeiro exército de comunistas, que têm demonstrado lealdade inabalável para com a sua justa linha em todas as situações que temos atravessado. Os comunistas albaneses têm, como sempre, lutado e trabalhado com audácia e optimismo revolucionário, têm-se revelado excelentes organizadores, educadores e dirigentes das massas.

A intensificação da luta contra as manifestações de liberalismo e de burocratismo na vida dos organismos e das organizações de base do Partido, a eliminação das consequências da actividade hostil em certos sectores da economia, na arte, na cultura e no exército, a qual procurava retirar ao Partido o seu papel dirigente, o respeito e a aplicação dos seus princípios e das suas normas em todos os campos — elevaram ainda mais o seu espírito combativo, tornaram-no mais maduro, mais apto e mais decidido para levar à prática as novas grandes tarefas que nos enfrentam, na via da construção socialista do país.

1. Aumentar e aperfeiçoar mais ainda o papel dirigente do Partido

A experiência de quarenta anos de existência do nosso Partido comprova que só um partido solidamente baseado na ciência marxista-leninista pode ser o dirigente autêntico da classe operária, exercer a sua hegemonia e assegurar o triunfo da revolução e a edificação da sociedade socialista. O nosso Partido tem sempre estado e permanece na primeira linha da luta e da actividade das massas, é ele que dirige em toda a parte, na política e na ideologia, no poder e na economia, na educação, na cultura e nas ciências, no

Exército e em todos os outros sectores do país. Nenhum problema, simples ou complexo, imediato ou a longo prazo, pode ser resolvido sem a direcção do Partido. Isto tem sido e permanece para nós uma lei. A fonte de todas as vitórias conseguidas na construção socialista e a garantia mais segura para o futuro luminoso que edificamos está na direcção única e sem partilha pelo Partido.

Não é por acaso que o Partido se coloca e se mantém no lugar dirigente. É graças à sua linha correcta, à luta e ao trabalho para a aplicar, que o Partido assegura o seu papel dirigente. Baseando-se na teoria da classe mais avançada da sociedade, o proletariado, na doutrina-marxista, nas leis do desenvolvimento materialista da sociedade, o Partido dispõe de uma visão ampla, de um pensamento elaborado e científico. Orienta-se com clareza em qualquer situação, compreende o presente, prevê o futuro e sabe antecipar-se aos acontecimentos, definindo e aplicando sempre uma estratégia e uma tática revolucionárias, que correspondem aos interesses da classe operária e das massas trabalhadoras.

O Partido exerce o seu papel dirigente em toda a parte e em todos os aspectos através das organizações de base e dos seus membros. Quanto melhor forem assimiladas e aplicadas por cada organização e cada comunista a ideologia e a linha política do Partido em geral e cada uma das suas decisões e directrizes em particular, mais se fortalece o Partido e os seus laços com as massas, mais se eleva o seu papel dirigente em cada etapa da edificação socialista. Isto constitui uma condição determinante para a realização das grandes tarefas que se colocam na etapa actual do desenvolvimento do país e na situação concreta em que edificamos o socialismo. Dirigida pelo Partido, forte como o aço, vigilante e intrépido, a causa da revolução e do socialismo é invencível.

É particularmente importante formar uma concepção mais clara e mais completa sobre a maneira como se realiza o papel dirigente do Partido em todos os níveis e em todos os aspectos. Na prática, há comitês, secretariados e organizações de base do Partido que têm uma concepção estreita desta questão. Alguns pensam

erradamente que “o Partido são só os aparelhos e os órgãos dirigentes” e não a grande massa organizada da totalidade dos comunistas. Outros não têm uma compreensão correcta do papel dirigente do Partido no sistema de ditadura do proletariado e, em nome da palavra de ordem de que “o Partido dirige tudo”, envolvem as organizações, os comitês do Partido e os seus dirigentes na solução concreta de pequenas questões da produção, da administração, da técnica, etc. Parece que nem todos compreendem bem que os assuntos do Partido são dirigidos por todos os comunistas, onde quer que trabalhem, que o partido dirige em bloco, de forma organizada e centralizada, através de todas as suas alavancas, os órgãos do Estado, os organismos económicos e as organizações de massas.

Por esta razão, um certo número de órgãos e organizações do Partido, quando têm que tratar e resolver diversos problemas, dedicam maior atenção ao seu lado técnico e administrativo do que ao seu aspecto político e ideológico, deixam de lado os problemas da política económica, cultural ou militar do Partido, o trabalho com as pessoas, que é afinal a sua tarefa principal. Estes pontos de vista e procedimentos conduzem à monopolização dos assuntos, refreiam a iniciativa dos quadros e das massas, sobrepõem estes órgãos e organizações às alavancas do Partido, quando não as anulam mesmo, enfraquecem e fazem estiolar o próprio papel dirigente do Partido.

O nosso Partido sempre concebeu e desempenhou correctamente o seu papel no sistema da ditadura do proletariado. É por isso da maior importância compreender cada vez melhor, e saber traduzi-lo nos factos, que o trabalho do Partido não se reduz apenas ao dos seus órgãos e organizações de base e menos ainda aos dos seus aparelhos. Também desenvolvem trabalho do Partido os órgãos do Estado, os organismos económicos, os comandos e estados maiores do Exército, as organizações de massas, todos os quadros e trabalhadores, sejam ou não comunistas, porque todos se guiam pela linha e pela ideologia do Partido, aplicam as leis, os regulamentos e planos do Estado, que encarnam precisamente essa linha.

Isto não diminui nem enfraquece de forma alguma a plena

responsabilidade das organizações do Partido, a sua função dirigente face a todos os problemas. Mas elas não podem realizar, por si sós, todo o trabalho. Por isso as organizações do Partido distribuem tarefas às suas alavancas, mobilizam-nas, abrem-lhes perspectivas, dirigem a sua actividade, controlam-nas e pedem-lhes contas na aplicação escrupulosa das tarefas. As instâncias e organizações de base do Partido, através dos comunistas que nelas actuam, esforçam-se por se consciencializar e pôr em movimento estas alavancas, para cumprirem de forma revolucionária e com espírito de iniciativa as funções, tarefas e responsabilidades que lhes incumbem.

Estas questões devem ser bem compreendidas, não apenas pelas organizações do Partido, mas também pelas suas alavancas e por cada quadro. O Partido destinou a cada um as suas tarefas, competências e responsabilidades. A todos dá as suas orientações, controla e pede contas. Mas cada um deve assumir as suas tarefas, agir com espírito de iniciativa e perseverança e, de acordo com a competência que lhe foi atribuída, no quadro da linha do Partido, assumir a plena responsabilidade pelas tarefas que lhe foram entregues no sector que dirige. Deste ponto de vista, devem ser consideradas incorrectas as tendências observadas na prática, quando certos órgãos do Estado e organizações económicas, em nome da garantia do papel dirigente do Partido, pedem parecer e autorização das organizações e instâncias do Partido para tudo e para nada, procurando legitimar a sua acção com o nome do Partido. Não é assim que se garante o papel dirigente do Partido: isto é uma tendência para partilhar as responsabilidades com a organização do Partido.

Os órgãos estatais e económicos, as organizações de massas e os seus quadros, não são apolíticos, não se ocupam apenas de questões técnicas, agrotécnicas, militares, etc. Eles também trabalham com base na linha do Partido e lutam pela sua aplicação. Naturalmente, a organização do Partido tem a sua parcela de responsabilidade quando permite que certos dirigentes e administradores não cumpram as tarefas que lhes foram atribuídas. Deve ajudá-los, orientá-los, educá-los, corrigi-los, colocá-los inclusive perante as suas responsabilidades e, se for caso disso, pôr no seu lugar todos os que tentam

actuar nas suas costas, quer seja à sombra da organização de base, quer aproveitando-se da qualidade de membro do Partido. Assim diminuem os riscos de erro e crescem os quadros, simultaneamente com o seu sentimento de responsabilidade perante o trabalho.

As organizações do Partido ocupam-se e continuarão a ocupar-se de todas as questões: dos problemas da economia, da cultura, da defesa, de toda a vida do país. De outra forma, não poderiam manter-se na primeira linha e dirigir. A sua capacidade consiste em saber captar, num momento dado, as questões principais, dar-lhes soluções correctas, bem fundamentadas e argumentadas, ver como estão a ser compreendidas e aplicadas a linha e as directrizes do Partido por parte dos comunistas, dos quadros, dos organismos económicos e estatais, das organizações de massas, e pedir-lhes contas quando não cumprem as suas tarefas. Por isso é a organização do Partido directamente responsável, a estas questões deve dedicar o melhor da sua atenção, e não ocupar-se na resolução de pequenos problemas concretos, para os quais o Partido criou órgãos e organismos específicos.

O trabalho do Partido é, antes do mais, trabalho com as pessoas, trabalho de educação, de explicação, de mobilização e de organização. É necessário não o esquecer nunca, caso contrário o Partido afasta-se da sua tarefa e função dirigente essencial, transforma-se num organismo executivo e assume as funções do Estado. Isto é um grande perigo para um partido no poder. Há muito que alertámos para esse perigo, a fim de impedir que se manifeste.

A força invencível da nossa revolução, da ordem social socialista, reside nas massas do povo, na sua elevada consciência política, na sua disposição e determinação de construir e defender o socialismo. É esta a obra gloriosa do Partido, a obra que o Partido deve consolidar e levar sempre avante através do seu trabalho ideológico, político e organizativo.

Para isto, é necessário que as organizações do Partido, todos os comunistas, saibam fundir-se com as massas e trabalhar incansavelmente entre elas, conheçam perfeitamente o seu estado moral e

político, estejam sempre ao corrente dos problemas que as preocupam, lhes expliquem as situações, as convençam da importância das tarefas a realizar, lhes façam compreender com clareza as directivas do Partido, as leis do Estado. É-lhes exigido que eduquem as massas segundo a concepção do mundo e a moral comunistas, que combatam todas as sobrevivências e manifestações estranhas ao socialismo, encorajem e apoiem a sua criatividade e iniciativas, que as mobilizem e lancem em acções para fortalecer a economia, a cultura e a defesa da Pátria.

2. Elevar a eficácia do trabalho do Partido e o sentido de responsabilidade dos seus órgãos e organizações

A etapa actual de desenvolvimento impetuoso e generalizado, as grandes e audazes tarefas que temos para resolver, exigem que o nível e eficácia do trabalho do Partido em todos os escalões e em todos os terrenos sejam elevados a um grau superior. O trabalho do Partido é vasto e multiforme, é político, ideológico, organizativo, administrativo, económico, psicológico, é um trabalho harmónico e sintetizado e como tal deve ser aplicado. A sua eficácia mede-se pelos resultados concretos na realização das tarefas em cada sector da actividade social.

Na prática, constata-se por vezes uma concepção estreita do trabalho do Partido. Alguns órgãos e organizações de base do Partido perdem a perspectiva, tocam os problemas pela rama, apoiam-se apenas nos conhecimentos práticos, sem confrontar os seus pontos de vista com a experiência e o pensamento avançados, com as transformações operadas na vida do país e das massas. Estas manifestações são na maioria dos casos a origem da não-realização dos planos económicos ou das debilidades que se verificam na actividade de algumas empresas e cooperativas agrícolas, assim como em certas regiões.

Hoje, todo o trabalho exige cultura, saber, competência e conhecimentos científicos. Repete-se com frequência que somos

obrigados a caminhar por trilhos inexplorados, que somos obrigados a investigar e a criar. Mas isso não se consegue sem se conhecer profundamente a teoria marxista-leninista e sem estudar e generalizar cientificamente a prática revolucionária dos comunistas e das massas trabalhadoras. Na hora actual, os problemas da produção, da organização do trabalho, da instrução e da cultura, da ciência e da defesa, não podem ser resolvidos de forma correcta e com êxito sem um sério estudo prévio. Esse estudo é também necessário para o trabalho de direcção, de organização e de educação conduzido pelo Partido. Os estudos e sínteses alargam o horizonte, abrem perspectivas claras às organizações do Partido, aos comunistas e aos trabalhadores, ajudam-nos a combater as manifestações de rotina, de formalismo e de superficialidade, criar convicções sólidas e definir correctamente as medidas e os caminhos para realizar as tarefas actuais e a longo prazo.

Os órgãos e organizações do Partido devem utilizar melhor o pensamento qualificado dos especialistas, dos activistas e outras pessoas competentes que o Partido formou em todos os sectores. Pede-se-lhes que apoiem e inspirem o pensamento científico avançado e o ponham ao serviço da solução das tarefas. Devem combater as manifestações de sectarismo e de subestimação da experiência e do pensamento avançados. Os comunistas devem ser os primeiros a dar o exemplo neste terreno. Um bom comunista é aquele que se dedica a aprofundar os seus conhecimentos científicos, que aprende continuamente por si mesmo e com a ajuda dos outros, que acompanha o desenvolvimento da sociedade, apoia as inovações progressistas e pensa na perspectiva do futuro.

O trabalho do Partido não se limita a um trabalho de agitação e propaganda com vista a esclarecer e persuadir as pessoas. Ê também um trabalho de organização e de mobilização para aplicar a linha e as directivas do Partido. O trabalho do Partido consiste em dirigir, educar e mobilizar os comunistas e as massas para acções revolucionárias, levá-los a pensar, trabalhar e lutar como revolucionários.

O Partido tem combatido as manifestações estreitas no trabalho de alguns órgãos e organizações de base, que dão mais importância às reuniões, aos longos e sucessivos relatórios e debates do que à

definição clara das tarefas a realizar e das medidas concretas para a sua aplicação. É por isso que, num certo número de casos, neste ou naquele sector, os problemas não se resolvem e a situação não muda, apesar do grande número de reuniões para analisar a situação.

A experiência demonstrou que os problemas se resolvem e as tarefas se realizam, não apenas com apelos à consciência dos comunistas e dos trabalhadores, mas também acompanhando a realização dos objectivos e o trabalho de persuasão com medidas mais gerais, com um trabalho concreto de organização e de direcção, controlando e pedindo a cada um contas pelo seu trabalho. As medidas político-ideológicas e técnico-organizativas formam uma unidade dialéctica, educam e mobilizam os homens e lançam-nos à acção revolucionária.

O aperfeiçoamento do papel de vanguarda dos comunistas tem sido e continuará a ser uma das principais tarefas dos órgãos e organizações de base do Partido. Especialmente nas condições actuais, os comunistas têm por dever ser mais exigentes consigo próprios para ser dignos desse título, combater todas as manifestações estranhas ao socialismo, em si mesmos e nos outros, ser pessoas avançadas em todos os aspectos. Os membros do Partido devem destacar-se pela sua determinação revolucionária e pela sua participação activa na luta diária pela edificação do socialismo e pela defesa da Pátria. Devem ocupar as frentes mais difíceis e mais importantes do trabalho e da luta, ser organizadores e dirigentes de talento, agir com espírito de responsabilidade na aplicação da linha do Partido.

As massas aplicam as decisões da organização do Partido e seguem os comunistas quando estes não separam as palavras dos actos, quando pensam, trabalham e se sacrificam no interesse dos trabalhadores, do socialismo e da Pátria. Ser comunista e revolucionário significa assumir e realizar grandes tarefas, não ficar a marcar passo, não se satisfazer com os ritmos habituais, lutar por progressos rápidos em todas as frentes, aderir ao que é novo e tomar a sua defesa.

O trabalho do Partido é frutuoso quando as suas organizações, todos os comunistas, libertam a sua iniciativa, o espírito criador e inovador. A este respeito, existem em toda a parte numerosos exemplos e experiências positivas. É contudo imprescindível que algumas organizações do Partido, alguns quadros e comunistas que trabalham em empresas e cooperativas agrícolas, em departamentos e instituições centrais, lutem contra a atitude de expectativa, os atrasos e as vacilações, a falta de iniciativa na busca de solução para os problemas da sua competência.

Os métodos de trabalho, de direcção e de organização não são dados de uma vez por todas, de forma invariável. A vida avança, a nossa sociedade socialista desenvolve-se sem cessar, as condições mudam. Este desenvolvimento exige-nos que sejamos criadores e inovadores, que encontremos novas formas de trabalho, mais flexíveis e diversificadas, que saibamos renová-las e enriquecê-las continuamente, para melhor corresponder às exigências da época.

Para um desdobramento fecundo das directivas do Partido, é necessário um trabalho mais qualificado e mais eficaz. Esta é uma tarefa fundamental das organizações de base, de todos os comunistas. As directivas do Partido exprimem a sua linha, definem as tarefas que incumbem aos comunistas e às massas para resolver os diversos problemas. Tem sido adquirida uma boa experiência no trabalho de desdobramento das directivas do Partido. Impõe-se todavia combater com maior energia as manifestações de formalismo e as atitudes estereotipadas que ainda se observam em certos órgãos e organizações de base do Partido. Acontece por vezes que as directivas e decisões do Partido não chegam à base, às pessoas, com a seriedade e a força que lhes foram dadas pelo Comitê Central e pelos comitês regionais. São transmitidas mecanicamente para baixo, sem ter em conta as condições concretas em que actua a organização do Partido, a situação e as tarefas que se lhe colocam.

Desdobrar correctamente a directiva do Partido e explicar a sua necessidade e importância do ponto de vista político, ideológico e económico, deduzir as tarefas que se colocam às organizações do Partido, às organizações de massas, aos órgãos do poder, da economia, da cultura, etc., e isto de acordo com as condições concretas de

cada região, zona, sector e colectivo, e ainda definir as vias e medidas necessárias para a realização dessas tarefas.

O empenhamento das massas em acções revolucionárias tem uma importância decisiva para a aplicação completa e criadora das directivas. É também aí, no fogo da luta, que se demonstra a justeza da directiva do Partido e se lhe dão os complementos e correcções necessários. É na acção e através dela que os comunistas e as massas consolidam as suas convicções sobre a justeza das directivas do Partido, que se educam e ganham ténpera, desenvolvem o espírito de iniciativa revolucionária, aliam as palavras aos actos, asseguram ritmos elevados de trabalho para realizar as tarefas a tempo e com qualidade. A acção de massas serve igualmente para combater os métodos burocráticos e tecnocráticos, os atrasos, o gosto pela comodidade e a auto-satisfação, serve para animar em toda a parte a vida, o trabalho e as pessoas.

O trabalho do Partido torna-se eficaz quando os seus órgãos e organizações assumem inteira responsabilidade pela aplicação da linha, pelo cumprimento das tarefas do plano do Estado. Se faltar o sentido da responsabilidade não há luta nem esforços, não há acção revolucionária para resolver os problemas. Para realizar as tarefas é necessário trabalhar e lutar com abnegação e espírito de sacrifício, empenhar-se com todas as forças, realizá-las até ao mais pequeno detalhe, tendo em vista a qualidade e a eficácia.

É um facto que a imensa maioria dos órgãos e organizações do Partido, dos comunistas e dos quadros, trabalham com elevado sentido de responsabilidade, mas também há organizações, comunistas e quadros que não lutam com perseverança para superar as dificuldades e os obstáculos e para realizar as tarefas. As manifestações de indiferença, as desculpas, a tendência para apagar os defeitos e fraquezas, não são mais do que falta de espírito de responsabilidade.

O Partido deve lutar para elevar o sentido de responsabilidade, não apenas nas suas próprias fileiras, mas também nos órgãos e organismos que dirige, entre todos os trabalhadores e quadros. Elevando o sentido de responsabilidade colectiva de cada órgão e organização de base do Partido e das suas alavancas, assim como o

sentido de responsabilidade individual de cada comunista, de cada quadro, garante-se o melhor cumprimento das tarefas, em todos os momentos e em todos os aspectos.

O sentido de responsabilidade reforça-se quando se exige a prestação de contas e se exerce um controle rigoroso sobre a realização das tarefas. Apesar dos progressos conseguidos nesse sentido, constata-se ainda manifestações de liberalismo e atitudes sentimentais, espírito de justificação, subestimação do controle, formalismo e superficialidade na sua execução. Por vezes o controle e a prestação de contas deixam muito a desejar, devido ao facto de as tarefas e decisões terem um carácter geral e serem por isso incontroláveis.

Cada comunista e membro de qualquer instância do Partido, independentemente do seu posto e da sua função, deve prestar contas e exigi-las minuciosamente, sempre que se trate da aplicação da linha e das directivas do Partido, da execução das decisões da sua organização de base e das tarefas estatais. Isto consegue-se quando os comunistas desenvolvem com audácia e sem hesitação a autocrítica, assim como a crítica, para com todo aquele que não cumpre as suas tarefas, quando levam a cabo uma luta decidida contra o medo, o espírito vingativo e o indiferentismo pequeno-burguês. A atitude autocrítica dos comunistas face às suas próprias fraquezas, a sua coragem para criticar e pedir contas, são um exemplo e uma grande fonte de inspiração para todas as massas trabalhadoras.

Staline ensina-nos que o controle

“... bem organizado é como um projector que permite a lodo o momento iluminar o estado de funcionamento das nossas organizações e desmascarar os burocratas e amigos da papelada”.(1)

Devemos ter este ensinamento sempre em conta e pô-lo em prática de forma consequente. Os órgãos e organizações do Partido têm o dever de vitalizar e reforçar o controle do Partido e o controle

(1) J. Stáline, Obras Escolhidas, ed. alb., pp. 418-419. Tirana.

do Estado, o controle operário e o das massas, exercê-los de forma contínua e entrelaçados uns com os outros. O controle de cima, o controle paralelo ou o de baixo devem ser mais operativos, acompanhados de uma ajuda concreta, abrir perspectivas, ensinar as pessoas a organizar o trabalho, a mobilizar-se e a enfrentar os obstáculos que se levantam à realização das tarefas.

3. Aplicar correctamente os critérios estabelecidos para o crescimento das fileiras do Partido

O nosso Partido tem sempre aplicado com firmeza e de forma revolucionária critérios justos para o crescimento das suas próprias fileiras. Assim se tem reforçado e elevado a eficácia do seu trabalho.

O Partido apresenta-se neste Congresso com as suas fileiras engrossadas por comunistas que lutam resolutamente pela causa do povo, da revolução e do comunismo, proletários pelo pensamento e pela acção. Actualmente, militam nas fileiras do Partido 122.600 comunistas, dos quais cerca de 38% são operários, 29,4% cooperativistas e 32,6% empregados. As mulheres representam 30% do total dos membros, ou seja, mais 2,5% do que no Congresso anterior. A percentagem dos comunistas na população é de 4,5%. Quanto aos candidatos a membros, foram admitidos desde o 1º Congresso 24.363, sendo 42,40% operários, 40,43% cooperativistas e 17,17% empregados. As mulheres constituem 40,7% do total de candidatos.

Na sua imensa maioria, os membros e candidatos provêm da produção e sobretudo das suas frentes mais importantes. Contam-se entre os melhores trabalhadores, os que têm melhor formação política e ideológica, dotados de altas qualidades e virtudes morais, de um nível de instrução elevado. São combatentes de vanguarda, participantes activos na edificação do socialismo.

Partindo da experiência adquirida e da situação actual, o Comitê Central considera conveniente continuar de futuro a observar sensivelmente os mesmos ritmos e critérios seguidos nestes últimos cinco anos para o crescimento das fileiras do Partido:

— dar prioridade à admissão de activistas provenientes da

classe operária, sobretudo dos que trabalham nos principais ramos da produção, na indústria pesada, de extracção e elaboração, nas grandes obras de construção.

— trabalhar melhor para acelerar a elaboração do objectivo traçado pelo 7º Congresso, no sentido dos comunistas cooperativistas virem a ocupar o segundo lugar entre os efectivos do Partido, a seguir aos operários.

— admitir no Partido elementos da categoria dos empregados e da intelectualidade com um alto nível ideológico, político e cultural, técnico e científico, e que trabalhem nos sectores mais importantes da edificação socialista e da defesa.

— dedicar ainda maiores esforços para reforçar a participação feminina no Partido.

A aplicação destas orientações requer da parte dos órgãos e organizações de base um trabalho mais qualificado e planificado para o crescimento das fileiras do Partido. Devem ser resolutamente combatidas as manifestações de formalismo e de burocratismo, toda a tendência para se preocupar só com os números e percentagens fixadas.

A qualidade dos seus membros tem sido e continua a ser o factor decisivo na política de alargamento das fileiras do Partido. Os candidatos devem ter preparação política e ideológica, grande aptidão e capacidade, ser avançados no pensamento e na acção, possuir um vasto horizonte cultural e técnico-profissional, gozar da confiança e do respeito das massas, ter iniciativa, ser revolucionários consequentes. Ninguém deve ser admitido no Partido só porque é filho de operário, de camponês ou de comunista, ou pelos méritos dos seus pais. Cada um deve ser admitido apenas pelos seus méritos pessoais, pelas suas próprias qualidades e capacidades. E essas qualidades e características devem ser ainda mais temperadas pelas organizações de base do Partido e por cada comunista, na luta a na acção diárias.

O estágio desempenha um grande papel na formação comunista dos futuros membros do Partido. A experiência acumulada deve servir para elevar o papel e a responsabilidade das organizações de

base na educação ideológica e política contínua dos candidatos a membros, na sua têmpera revolucionária. Devem ser combatidas certas práticas por vezes observadas, em que o período de estágio é subestimado e as regras estabelecidas para a sua realização não são rigorosamente respeitadas.

4. Aperfeiçoar o trabalho do Partido com os quadros

Ao longo dos seus quarenta anos de actividade, o Partido sempre dedicou uma atenção especial ao trabalho com os quadros e aplicou nesta questão de importância vital uma política justa, com perspectivas claras. Durante este período, o Partido formou, em todas as especialidades, em todos os domínios e sectores da vida, um verdadeiro exército de quadros, que se destacam pelas suas elevadas qualidades e virtudes morais, pela sua maturidade política e ideológica, pela sua fidelidade e abnegação à causa do povo e do socialismo, pelas suas aptidões e capacidades na realização das tarefas.

No trabalho com os quadros, como nos demais, o Partido aplicou a sua política, definiu claramente orientações, critérios e normas marxistas-leninistas. A política de quadros é monopólio do Partido, é elaborada pelo seu Comitê Central e aplicada em toda a parte sob a direcção do Partido. Trata-se de uma questão de princípio que deve ser correctamente compreendida por todos. A este respeito, o Comitê Central do Partido criticou contudo algumas interpretações estreitas e rectificou certas práticas erradas observadas no trabalho com os quadros. O monopólio do Partido na política de quadros não significa que os problemas que lhes dizem respeito devam ser tratados apenas pelos comitês do Partido. Uma visão confusa desta questão não pode deixar de conduzir, como de facto conduziu, a uma forte concentração do trabalho relativo aos quadros nos órgãos e organizações do Partido. O Partido traça as orientações, define os critérios, estabelece as normas para a forma-

ção, educação, escolha e designação dos quadros. Mas estas orientações, normas e critérios são aplicados não apenas directamente pelos comitês do Partido, mas também por todas as suas alavancas, pelos órgãos do poder, da economia, do Exército e das organizações de massas. No trabalho com os quadros, o Partido atribui competências a cada órgão, fixa-lhe tarefas bem definidas que devem ser executadas com espírito de responsabilidade, de Partido, de forma escrupulosa. Longe de apoucar o papel e a responsabilidade dos órgãos e organizações do Partido, esta prática, pelo contrário, consolida-os. O Partido dirige e controla a aplicação da sua política no trabalho com os quadros tal como em todos os outros sectores.

O Partido deve velar com o maior cuidado pela utilização acertada dos quadros, pelo melhor aproveitamento das suas capacidades intelectuais e criadoras, pelo seu empenhamento total ao serviço da produção, da educação e da defesa. Os diversos quadros e especialistas devem ser encarregados de tarefas e colocados em funções adequadas ao seu ramo, especialidade e experiência, tendo sempre em conta as suas qualidades político-morais e as suas aptidões profissionais. Em especial nas escolas superiores, nas instituições de investigação científica, de preparação de projectos e de trabalho criativo, importa que sejam escolhidos e nomeados, na medida indispensável e sem afectar o trabalho na base e na produção, os melhores especialistas, os mais talentosos, os mais capazes, com provas dadas.

Na promoção dos quadros é preciso ter bem em conta as exigências do momento. Para todas as funções, quer nos órgãos preenchidos por eleição, quer nos de nomeação, devem ser promovidos quadros capazes, aptos a tomar os assuntos a seu cargo e dirigi-los com competência. Sem isso, abre-se o caminho ao burocratismo, à rotina e à mediocridade. Os especialistas promovidos para as diversas funções no Partido, no poder, na economia e nos outros sectores devem, pela sua parte, ser sempre criadores e não se transformar em simples administradores, no sentido estreito da palavra.

O Partido tem desenvolvido um esforço especial para promover quadros entre os que trabalham directamente na produção, assim como entre as mulheres. Nos órgãos eleitos do Partido, do poder e

das organizações de massas, a categoria mais numerosa é a dos trabalhadores na produção. Entre os quadros nomeados, 33% são de origem ou condição operária. As mulheres e raparigas representam 44% dos quadros superiores ou médios. Para fazer aplicar acertadamente as orientações traçadas pelo 7º Congresso do Partido, o Comitê Central tem chamado a atenção dos órgãos e organizações do Partido para a necessidade de, em paralelo com a luta contra o conservadorismo, o sectarismo e o tecnocratismo, combaterem também uma aplicação exageradamente formal destas orientações. Não se deve prejudicar a qualidade apenas para garantir o respeito mecânico por certas proporções orientadoras. Continuaremos a promover operários e mulheres para cargos de responsabilidade, porque é uma orientação justa. Fá-lo-emos, porém, não apenas por serem operários e mulheres, mas quando o mereçam.

Dispomos actualmente de centenas e milhares de pessoas capazes e experientes, nas fileiras da classe operária, do campesinato cooperativista e das mulheres, que reúnem todas as condições para assumir tarefas mais importantes. No decurso do trabalho e com a ajuda dos seus camaradas mais antigos e experientes, desenvolver-se-ão, transformar-se-ão em quadros qualificados, como muitos outros o fizeram.

Em face da grande massa de pessoas instruídas de que dispomos, é de rejeitar como totalmente infundada a ideia de que faltam quadros, não se pode consentir que incapazes permaneçam em funções que não estão à altura de desempenhar, nem contar só com algumas pessoas e proceder a transferências sem critério, como por vezes se faz. No futuro, como até hoje, o Partido deve mostrar-se audacioso na promoção de novos quadros. Quanto à distribuição por idades, 38% dos quadros têm menos de 30 anos, 34% estão entre os 30 e os 40 anos e 28% têm mais de 40 anos. Isto demonstra que o crescimento e a renovação dos quadros segue um curso normal. É necessário contudo combater as manifestações de conservadorismo que ainda se verificam e que entravam a chamada de quadros novos a postos de responsabilidade. Deve haver maior confiança nos quadros jovens, sejam eleitos ou nomeados, na sua capacidade de

e elevar a um nível superior o trabalho e a acção do Partido. Confiança que deve ser acompanhada pela ajuda e que deve ser retribuída por parte dos jovens com um redobrar de esforços no trabalho, na aprendizagem e na criação. O Partido e o povo alegram-se e orgulham-se de ver como os jovens educados pelo Partido dirigem e trabalham com competência nos diversos sectores da vida do país.

O partido esforça-se por que a vida activa dos quadros seja o mais longa possível. A vida humana tem contudo as suas leis. Há quadros a precisar de se reformar, há outros que já não têm capacidade física para desempenhar as suas tarefas, assim como há outros que, por sua culpa, não acompanharam as exigências da época. É por isso indispensável que cada quadro pense e trabalhe seriamente, com ardor e espírito de responsabilidade, na formação dos seus substitutos, a que o Partido possa recorrer onde e quando necessário.

A formação e ténpera dos quadros como revolucionários consequentes constitui uma tarefa primordial do Partido no trabalho com os quadros. O nosso Partido teve sempre esta tarefa no centro das suas atenções. Tem realizado uma actividade educativa multilateral e adoptado medidas para que os quadros estejam em condições de militar sempre na linha do Partido e de ser fiéis servidores do povo. Esta foi uma das garantias do avanço da causa da revolução e do socialismo na Albânia.

Para prosseguir com segurança por esta via correcta, os quadros devem continuar a apetrechar-se constantemente com a ideologia do Partido, aplicar a sua linha e as leis do Estado, tomar parte activa na luta de classes e manter laços estreitos com as massas. Só assim podem ser combatidas com êxito as manifestações de burocratismo e de liberalismo, de intelectualismo e tecnocratismo, só assim os quadros reforçam a sua concepção comunista do mundo e o seu carácter comunista.

O nosso país precisa de quadros dotados de um amplo horizonte cultural e de profundos conhecimentos científicos, quadros capazes de pôr em acção com eficácia o pensamento avançado, as aquisições

das ciências, conhecer as leis do desenvolvimento econômico, traçar planos exactos e saber executá-los correctamente, sem desperdícios. É tarefa de todos os quadros, quer sejam eleitos ou nomeados, elevar-se ao nível das exigências actuais e das funções que lhes foram confiadas.

Para isso, teremos que melhorar mais ainda e assentar em bases mais científicas o trabalho de formação, qualificação e especialização dos quadros. Formação que deve ser levada a cabo de forma científica e planificada, rigorosa, tendo em conta as necessidades actuais e futuras. Neste domínio, grandes tarefas incumbem às nossas escolas, mas é necessário ter presente que a qualificação e a especialização não se fazem apenas nas escolas, conseguem-se igualmente na vida e no trabalho. Na prática quotidiana, os homens devem acostumar-se a economizar, a ser metódicos e perseverantes no trabalho, produtores capazes e criadores imaginativos.

5. Reforçar mais ainda o sistema político da ditadura do proletariado

Depois do 7º Congresso, com a aprovação da nova Constituição e dos códigos e leis dela emanados, reforçaram-se mais ainda a direcção, organização e actividade de todo o sistema de ditadura do proletariado, do próprio Partido, do Estado, das Forças Armadas, das organizações de massas, etc.

O Partido sempre considerou o trabalho realizado por intermédio das suas alavancas como uma necessidade absoluta para realizar o seu objectivo e o seu programa. Quanto mais vastas e importantes são as tarefas empreendidas pelo Partido, mais aumenta o seu cuidado e o seu trabalho com os órgãos do poder e as organizações de massas. Contudo, apesar dos êxitos alcançados, um certo número de organizações, de comités do Partido e de militantes mostram não ter uma concepção completa e exacta do papel do Partido no sistema de ditadura do proletariado. Há órgãos

e organizações do Partido que nem sempre conseguem assegurar uma direcção concreta e qualificada dos órgãos do poder e das organizações de massas, verificam-se sobreposições, afastamentos e substituição de funções, encontram-se comunistas que não militam activamente nas organizações de massas, bem como manifestações de formalismo no seu trabalho com as massas. São deficiências que efectivamente limitam a força e eficácia do trabalho do Partido.

É bem conhecido que o sistema de ditadura do proletariado compreende todo um conjunto de órgãos e de organismos investidos de diversas funções, competências e responsabilidades, estruturados na base do centralismo democrático e funcionando sob a direcção do Partido. O problema é fazer que todo este sistema se reforce de modo ininterrupto, actue de forma sincronizada, de modo a que cada um realize com exactidão as tarefas que lhe cabem e todos juntos levem a cabo os objectivos e o programa do Partido.

O Partido dirige este sistema organizado em todos os degraus da pirâmide, da base ao topo, graças à sua política e à sua ideologia, através da actividade das suas organizações, dos seus órgãos e de cada um dos seus membros. Os membros do Partido e os seus quadros, eleitos ou nomeados para as diversas funções no Partido, no poder, no Exército, na economia, nas organizações de massas, etc., encaram as responsabilidades que lhes são confiadas como uma divisão do trabalho efectuada pelo Partido entre os seus membros e quadros.

Todas as alavancas do Partido, embora dispondo dos seus próprios órgãos dirigentes, são guiadas por ele, não apenas em geral, mas por cada um dos seus órgãos e organizações de base. O menor enfraquecimento do papel dirigente do Partido, em qualquer escala, acarretaria graves consequências. É esse precisamente o objectivo da burguesia e dos revisionistas modernos: nos seus esforços para minar o sistema de ditadura do proletariado, procuram arrancar essas alavancas à direcção do Partido, transformá-las em organizações independentes, à margem do Partido e em oposição a ele.

A direcção do Partido no sistema de ditadura do proletariado não limita nem mutila de forma alguma a actividade dos órgãos do poder ou das organizações de massas. Pelo contrário, o Partido

trabalha e luta para elevar o seu papel e as suas responsabilidades, desenvolver o seu espírito de iniciativa, reforçá-las do ponto de vista político e organizativo, capacitá-las para cumprir as suas tarefas o melhor possível. Com este fim, o Partido não cessa de criticar como alheia e nefasta a prática de alguns dos seus organismos ou organizações, que pretendem submeter as alavancas do Partido a uma tutela burocrática, impondo-lhes decisões injustificadas, entrando e sufocando o seu espírito de iniciativa.

Cabe ao Partido, como força dirigente do estado e da sociedade, coordenar a actividade de todos os órgãos do poder e das organizações de massas. Estas, pela sua parte, paralelamente ao cumprimento das suas funções e tarefas, devem intensificar a cooperação mútua, como condição indispensável para o êxito da sua actividade. Como é óbvio, cada órgão e cada organização tem as suas características próprias e o seu campo específico de trabalho, mas estas particularidades não devem ser tomadas em absoluto, porque todos trabalham e lutam pela mesma causa. Ao colaborar, não se sobrepõem nem se substituem, nem uns dominam outros, porque todos são guiados pelo Partido e cada um, no seu sector próprio, trabalha e luta pela realização das tarefas que o Partido lhe entregou.

O Partido dedica também um cuidado especial ao reforço contínuo dos órgãos do poder e da administração do Estado, do topo à base. O poder popular constitui a maior conquista e a arma mais poderosa da classe operária e das massas trabalhadoras empenhadas na edificação do socialismo e na defesa da Pátria. Por isso defendemos este poder como as meninas dos nossos olhos e não cessamos de o reforçar na luta contra os perigos que o ameaçam, contra o liberalismo e o burocratismo.

O Partido deve continuar a velar como até aqui, de modo permanente, pelo reforço e ampliação do papel dos órgãos do poder e em particular dos conselhos populares. O Partido sempre combateu todas as manifestações de formalismo na actividade dos conselhos, sempre exigiu que sejam exercidos os seus direitos e atribuições, sem nunca consentir que os órgãos executivos deles se apropriem. A aplicação rigorosa das normas da Constituição para

os órgãos legislativos do poder estatal e para as relações destes com os órgãos executivos e administrativos, garante o carácter democrático do nosso poder, que tem as suas raízes no povo e a ele pertence.

No nosso país, os órgãos do poder estatal exercem a sua actividade em estreita ligação com as massas trabalhadoras. É justamente nestes laços estreitos com o povo que reside a força invencível do nosso poder popular. Por isso devemos defendê-los, reforçá-los e aperfeiçoá-los sem cessar. Desde que avancemos sempre de forma consequente por esta via, veremos crescer o próprio papel das massas, a sua participação nos assuntos do Estado, e ampliar-se a nossa democracia socialista, sem a qual é inconcebível a ditadura do proletariado.

Toda a actividade do nosso Estado se funda sobre a Constituição e sobre as leis que dela emanam, nas quais se exprime de forma sintética o conteúdo da linha e da política do Partido. O Partido nunca permitiu nem permitirá manifestações de arbitrariedade e de violação das leis, que prejudicariam os interesses da sociedade ou de determinados cidadãos. Por isso, o Partido não cessa de insistir por que as leis do Estado sejam conhecidas a fundo e escrupulosamente aplicadas por todos os órgãos estatais e pelos seus trabalhadores. É igualmente necessário levar essas leis ao conhecimento das massas trabalhadoras, através de um vasto trabalho de propaganda, para que saibam bem desempenhar as suas tarefas e defender os seus direitos, combater qualquer deformação da lei, donde quer que venha. O conhecimento e a aplicação das leis são uma condição determinante do justo desenvolvimento e do êxito da actividade dos órgãos do Estado e das massas populares. Contribuem para fortalecer por toda a parte a disciplina, a ordem e a consciência socialista, e impedir o aparecimento de muitos males.

O Partido trabalha para que os órgãos do poder eleitos, desde os conselhos populares das aldeias e dos distritos até à Assembleia Popular, as diversas comissões que lhes são adjuntas e os órgãos executivos, desempenhem cabalmente as suas tarefas e os poderes em que estão investidos em todos os domínios da vida política, económica, sócio-cultural, educativa, científica, etc. Trabalha para superar as manifestações de estreiteza que se observam em certos

órgãos distritais do poder quanto às suas atribuições, ao ocupar-se essencialmente de problemas econômicos e manifestar pouco interesse pelas outras esferas da actividade estatal. O Partido criticou também a prática de alguns conselhos populares de aldeias unificadas, os quais, partindo do facto de que competem às presidências das cooperativas agrícolas os problemas de direcção e desenvolvimento económico, se abstinham de acompanhar a sua actividade, não as controlavam nem lhes pediam contas sobre a realização das tarefas do plano económico do Estado.

As grandes tarefas que temos para realizar reclamam um aperfeiçoamento constante dos métodos e do estilo de trabalho de todos os órgãos estatais, da forma como organizam e dirigem os assuntos. Este aperfeiçoamento não deve ser concebido de modo linear e burocrático, como se pudesse obter-se apenas pela ampliação dos quadros de pessoal. Pelo contrário, para melhorar e aperfeiçoar a organização e direcção dos assuntos, impõe-se combater as manifestações de burocratismo, particularmente os conceitos, métodos e formas antiquadas de trabalho, que não correspondem em muitos casos ao grau de desenvolvimento e à complexidade dos problemas que defrontam o nosso país.

Nos órgãos do poder e da administração estatal, do topo à base, as organizações do Partido, os seus quadros e trabalhadores, devem desenvolver uma luta mais perseverante contra toda a falta de sentido de responsabilidade, os atrasos, a tendência a enredar-se nas miudezas do dia-a-dia, a falta de iniciativa, as manifestações de servilismo, de conformismo ou de prepotência, o estreito espírito de sector, as concepções e práticas artesanais, etc. O êxito desta luta depende do trabalho de educação mas também da organização, da disciplina e do controle rigoroso.

No período decorrido desde o último Congresso, o Comité Central do Partido e o Conselho da Defesa **tomaram importantes medidas para o reforço da capacidade defensiva do país.** O Partido e o poder, os quadros militares do activo e da reserva, levaram a cabo um trabalho importante no Exército e lutaram com êxito para eliminar as consequências da acção hostil de Beqir Balluku e dos seus sequazes. Com este trabalho e esta luta, foi possível elevar a um

nível superior a organização, treino, educação e preparação de combate das nossas Forças Armadas.

O nosso Partido nunca baseou a defesa da Pátria no auxílio externo ou nas conjunturas internacionais, mas fundamentalmente no factor interno, na força, patriotismo e coragem do nosso povo, assim como na preparação militar geral e na constante disposição de todos para defender o país. A directiva do Partido “a defesa da Pátria é o primeiro dos deveres” torna-se cada vez mais uma grande realidade entre nós. Da justa e perfeita compreensão desta directiva, assim como da luta concreta pela sua aplicação depende em grande medida o aumento da capacidade defensiva do país.

O Partido exige que no futuro, igualmente, o Exército Popular com todas as suas estruturas, se reforce, modernize e revolucione incessantemente, como força principal de defesa da Pátria. Para isso é preciso que as organizações do Partido, os comunistas e todos os efectivos redobrem de esforços para dotarem as nossas Forças Armadas de um elevado nível de preparação política e militar, fazer-lhes assimilar e aplicar de forma criadora as exigências da nossa arte militar sobre a guerra popular, dominar com mestria o uso de todos os tipos de armas e a técnica militar, reforçar a ordem e a disciplina militares de acordo com os regulamentos respectivos.

No nosso país, o Exército e o povo formam um todo único e indivisível. A criação das escolas militares livres, segundo os ensinamentos do grande Lenine, serve também para o fortalecimento desta unidade e destes laços. A sua consolidação transforma a preparação militar em parte integrante da vida e da actividade de cada trabalhador.

A defesa da Pátria reforça-se e torna-se invencível quando as tarefas no campo político, ideológico, económico e militar são compreendidas e aplicadas em ligação estreita e indissolúvel entre si.

Esta forma de conceber e executar as tarefas permitirá consolidar mais ainda a nossa frente interna em todos os domínios, torná-la ainda mais apta a enfrentar com êxito todo o tipo de situações.

como uma muralha de aço contra a qual se destruiria qualquer agressor que ousasse atacar a República Popular Socialista da Albânia

Os órgãos do Interior, a Segurança do Estado, a Polícia Popular e as Forças da Fronteira têm dado uma contribuição preciosa à luta contra os inimigos externos e internos, à defesa do poder popular e das vitórias da edificação socialista. Guiados e educados pelo Partido, estes órgãos, queridos do povo pela fidelidade com que defendem os seus interesses, têm sempre desempenhado as suas tarefas com uma elevada consciência e sentido de responsabilidade.

Exige-se às organizações do Partido nos órgãos do departamento do Interior que intensifiquem e melhorem o trabalho de educação política, ideológica, cultural e profissional dos seus efectivos, elevem mais ainda a sua vigilância revolucionária, reforcem a sua disciplina e preparação de combate. Os quadros e efectivos do aparelho do Ministério do Interior devem redobrar de esforços para conhecer sempre melhor as formas, táticas e métodos utilizados pelo inimigo, progredir constantemente na arte do seu trabalho, descobrir, prevenir e golpear com energia e em devido tempo qualquer acção hostil e prejudicial.

Conhecer cada vez melhor, em profundidade e amplitude, a linha do Partido, a sua política e as suas normas, as leis do Estado e a sua aplicação com elevada disciplina, são condições indispensáveis para uma maior actividade destes órgãos, para o reforço contínuo do seu espírito de classe, do espírito de Partido e da objectividade no exercício das suas funções.

O fortalecimento constante da direcção do Partido, o sólido apoio no povo, são uma garantia para conservar e reforçar o carácter popular dos órgãos do Interior, pela defesa vigilante dos interesses da Pátria e do socialismo.

Os órgãos judiciais e do Ministério Público têm desempenhado importante papel na consolidação do nosso regime socialista, na defesa e aplicação da legalidade socialista, na luta preventiva contra a delinquência e na execução de uma política penal justa, de acordo com os ensinamentos do Partido. A nossa legislação tem um marcado carácter de classe — político, ideológico, educativo e adminis-

trativo. E necessário que este caracter da nossa legislação seja tido em conta também no futuro, no trabalho de explicação, popularização, interpretação e aplicação das leis. Nenhum tacto que esteja em opposição à lei e que caia sob a jurisdição destes órgãos deve passar sem averiguação e julgamento, que devem ser marcados pela maturidade, justiça, espírito de Partido e competência elevada. Impõe-se um esforço especial e mais qualificado para formar e lançar na actividade juizes assessores e procuradores populares, os quais representam uma força importante na defesa e aplicação das leis.

O nosso Partido, como autêntico partido marxista-leninista, sempre deu o devido valor às **organizações de massas, que desempenham um papel de excepcional importância na educação e mobilização dos trabalhadores para a realização do programa do Partido.** As organizações sociais, como correias de transmissão do Partido, têm por base a política, a ideologia, as decisões e directivas do Partido, não apenas nas suas orientações gerais mas também na sua actividade diária. O carácter específico do seu trabalho diz respeito essencialmente às exigências particulares colocadas pelo Partido na sua relação com as camadas da população abrangidas por estas organizações, assim como às formas e métodos de trabalho a empregar por cada uma delas para a realização das suas tarefas.

As Uniões Profissionais assumem um papel particular na educação e mobilização da classe operária e dos outros trabalhadores. Sob a direcção do Partido, têm cumprido com êxito as suas tarefas de alta responsabilidade.

O Partido atribuiu às Uniões Profissionais grandes tarefas para a educação ideológica, política e técnico-profissional da classe operária, de modo a capacitá-la para executar com êxito as tarefas que lhe cabem, não apenas no domínio da produção, mas também em todos os outros domínios da vida do país, permitir-lhe a participação activa nos assuntos estatais e sociais, exercer por toda a parte e sobre todos sem excepção o seu controlo como classe no poder. Para isso, é necessário que as Uniões Profissionais melhorem o seu trabalho de educação, tornando-o concreto e estreitamente ligado à vida, aos problemas que preocupam as diversas categorias de operários, como por exemplo os jovens, os que habitam no campo, os

trabalhadores dos serviços e empresas agrícolas, etc., a todos incutindo as características da classe operária. Impõe-se também que combatam a rotina, o globalismo e o formalismo no trabalho de educação e que utilizem formas de trabalho vivas, flexíveis e variadas, de acordo com o nível, os interesses e as exigências da classe, com as novas situações e tarefas.

A classe operária, classe dirigente da sociedade socialista, terá que assumir, neste quinquénio como nos anteriores, um pesado fardo. As tarefas que se nos colocam exigem da sua parte um trabalho assíduo e uma emulação elevada, alto sentido de responsabilidade, estrita disciplina proletária, rendimento, qualidade e espírito de economia. As Uniões Profissionais têm por dever dar consciência destes objectivos à classe operária e mobilizá-la para a sua realização, encorajar e apoiar o seu espírito de iniciativa, as acções e o pensamento criador, desenvolver em cada sector o seu brio revolucionário com vista a cumprir e ultrapassar os objectivos do plano do Estado.

O operário deve conhecer bem as leis do seu Estado, sobretudo as que lhe ensinam a desempenhar correctamente as suas tarefas, a fim de realizar o plano em todos os índices, defender e administrar a propriedade colectiva socialista, reforçar a ordem e a disciplina no trabalho, etc. São leis que o operário deve conhecer tão bem como a sua própria profissão. As Uniões Profissionais têm aqui um vasto campo de acção. Ao mesmo tempo, devem trabalhar e lutar por uma aplicação rigorosa das leis que defendem os interesses dos operários, não lhes tolerando a mínima violação, venha donde vier. Entre nós, os deveres e os direitos formam um todo indivisível.

Na edificação da nova Albânia socialista, **a juventude tem estado sempre nas primeiras linhas do trabalho e da luta, tem sido um auxiliar combativo do Partido.** É com grande satisfação que vemos como a jovem geração cresce feliz, instruída, educada nos planos político e ideológico, fisicamente saudável e com uma moral elevada. O Partido, o Estado, a sociedade, a escola e a família não devem contudo descuidar a solicitude constante pela nova geração, porque a juventude é o futuro do país, a esperança do povo e do socialismo. O Partido e a organização da União da Juventude

devem trabalhar sem descanso para aumentar mais ainda o interesse da juventude por todos os problemas do país, políticos e ideológicos, da economia e da defesa, da educação e da cultura, da ciência e da técnica, para lhe permitir, como força mais viva do povo, tomar parte activa na construção do socialismo e preparar-se cada vez melhor para enfrentar a vida.

A juventude é um viveiro inesgotável, não só para a renovação das fileiras do Partido e dos quadros, mas também para tomar o lugar das gerações mais idosas, preencher as fileiras da classe operária, dos cooperativistas e da intelectualidade, levar mais além a obra imortal do nosso Partido e do nosso povo. Para que este viveiro produza sempre árvores sãs, o Partido reclama dos seus membros, da organização da Juventude e dos quadros encarregados do trabalho juvenil, que melhorem o seu trabalho de educação política, ideológica, cultural e profissional dos rapazes e raparigas da nossa terra, com o objectivo de manter vivas e desenvolver neles as tradições patrióticas e revolucionárias do povo, cultivar e estimular o seu espírito prático e criador, dar-lhes têmpera no grande cadinho da edificação socialista, da luta de classes e das acções revolucionárias.

O Partido confia em que a nossa juventude continuará a estudar com paixão na escola e na vida, assimilará a ciência e a técnica, trabalhará com o entusiasmo que lhe é próprio em todas as frentes, em todos os cantos da Albânia, aprenderá e treinar-se-á na defesa da Pátria, lutará com perseverança para assimilar a ideologia vitoriosa do Partido.

As tarefas que defrontam a nova geração exigem que a própria organização da Juventude se reforce e dinamize, que eleve a um nível superior a sua actividade educativa, organizadora e mobilizadora; que combata as manifestações de liberalismo, de sectarismo e de formalismo; que desenvolva um trabalho o mais possível diversificado e interessante, que corresponda ao nível de formação e às exigências crescentes dos jovens de ambos os sexos, utilizando melhor todas as condições e meios que o Partido e o Estado criaram para a educação, os lazes e a revolucionarização dos jovens.

O Partido continuará a lutar como até aqui pela aplicação

consequente do seu programa de **emancipação completa da mulher albanesa, sem a qual é impossível conceber o socialismo ou o avanço da sua edificação.** A vida da mulher albanesa tem conhecido transformações imensas, mas ainda há bastantes problemas que continuam por resolver, sobretudo no que se refere à realização da igualdade completa entre a mulher e o homem na vida social e familiar, assim como no nível de educação, de cultura e de formação técnico-profissional.

As mulheres do nosso país deram uma contribuição notável à realização das tarefas traçadas pelo 7º Congresso do Partido. Com a sua organização, a União das Mulheres da Albânia, devem lutar para manter elevado e desenvolver mais o espírito de emancipação na massa das mulheres e em toda a sociedade, agindo de forma a elevar constantemente o papel da mulher como construtora activa do socialismo, defensora intrépida da Pátria, mãe extremosa e educadora da jovem geração. A organização das Mulheres deve dedicar uma atenção particular à consolidação da família e dos laços familiares no seu conjunto, aos problemas da mãe e da criança, ao modo de vida, etc., lutando com energia contra todas as manifestações estranhas ao socialismo e os hábitos retrógrados que continuam a manifestar-se aqui e além sob diversas formas, e que ofendem a dignidade e a personalidade da mulher.

A Frente Democrática da Albânia tem realizado um trabalho valioso para o fortalecimento da unidade do povo em torno do Partido, para a educação patriótica e a mobilização dos trabalhadores no cumprimento das tarefas do plano do Estado, sobretudo nos campos. No futuro igualmente, esta organização de massas, cheia de tradições e prestígio, deve lutar para que a unidade política, ideológica e moral do povo se consolide e cresça o papel activo das massas na construção e defesa do socialismo, na administração do país, no reforço do controlo social e no desenvolvimento da democracia socialista.

Os veteranos da luta e do trabalho, os reformados, cujo número cresce de ano para ano, constituem uma outra grande força, que o nosso Partido e o nosso Estado rodeiam de solicitude especial. Gozam do respeito de toda a sociedade pela sua contribuição

preciosa, a sua luta e trabalho passados. Mas muitos deles têm ainda forças e energias suficientes para aplicar em trabalhos socialmente úteis, sobretudo na educação da jovem geração, de acordo com as ricas e heróicas tradições de luta e de trabalho do Partido e do povo, assim como para manter, perpetuar e desenvolver essas tradições.

III

AS TAREFAS DO PARTIDO PARA A EDUCAÇÃO COMUNISTA DOS TRABALHADORES

A educação integral do homem novo tem sido e continua a ser um aspecto fundamental da actividade do Partido para fazer avançar ininterruptamente a edificação da sociedade socialista. Este trabalho de educação é levado a cabo numa ampla frente, estreitamente associado às tarefas de cada etapa do desenvolvimento, aos problemas levantados pela vida, às situações concretas. É isto que assegura o carácter activo, a grande força mobilizadora e transformadora do trabalho de educação do Partido e das suas alavancas.

As condições em que trabalhamos e lutamos pela construção e a defesa do socialismo e as tarefas traçadas perante este Congresso para o desenvolvimento económico-social do país exigem **que o trabalho educativo do Partido se eleve a um nível superior, que seja centrado de forma mais decidida sobre alguns problemas essenciais, tanto imediatos como a longo prazo**, a fim de criar no nosso povo convicções marxistas-leninistas profundas, promover a sua capacidade profissional, dotá-lo de uma vasta cultura e de elevadas virtudes morais.

1. A educação comunista dos trabalhadores, alicerce dos nossos êxitos

A Albânia é um país onde o socialismo se edifica com êxito, na

via sólida do marxismo-leninismo, onde o desenvolvimento da economia e da cultura, a organização e a direcção do Partido e do Estado, a formação e a tèmpera do homem novo, se baseiam nos princípios do socialismo científico. Não foi fácil o caminho percorrido pelo nosso país. O Partido e o povo tiveram que enfrentar inúmeras dificuldades, avançar por caminhos conhecidos ou desconhecidos, por trilhos novos e inexplorados.

A fidelidade ilimitada do nosso Partido à doutrina imortal de Marx, Engels, Lenine e Staline, a sua capacidade para a aplicar de forma criadora, de acordo com as condições do país e com as complexas circunstâncias internacionais, a sua determinação na salvaguarda da pureza dos princípios contra os ataques e deformações lançados por numerosos inimigos externos e internos, foram e permanecem a pedra-base de todos os êxitos e vitórias do nosso povo.

Tem sido preocupação constante do Partido agir de forma que cada passo no caminho da revolução e da edificação socialista seja devidamente ponderado, que os fundamentos da nova sociedade socialista assegurem o seu progresso contínuo e façam face às vagas e tempestades do cerco hostil imperialista-revisionista. Por isto, a revolução e a edificação do socialismo no nosso país não sofreram zigzagues nem recuos, mas, pelo contrário, têm marchado sempre avante e obtido vitórias consecutivas.

O exemplo da Albânia é uma experiência nova na história da ditadura do proletariado, constitui uma contribuição preciosa para a teoria e a prática do socialismo e do marxismo-leninismo.

Os comunistas, os quadros, os trabalhadores e em particular a jovem geração devem conhecer bem o avanço do nosso país pelo caminho do socialismo, ter ideias claras sobre o ponto donde partimos e o caminho que percorremos, das dificuldades que superámos, da linha seguida e aplicada pelo Partido, enfim, dos fundamentos em que assenta esta sociedade, construída com o sangue, o esforço e o suor do nosso povo heróico.

O conhecimento desta via gloriosa e desta rica experiência dará aos nossos compatriotas uma visão rasgada da sociedade socialista, da sua etapa actual e da sua fisionomia futura, levá-los-á a trabalhar

com mais elevada consciência e com uma convicção inabalável, para cimentar cada vez mais as vitórias do socialismo, e levá-las sempre mais longe. O Partido deve considerar isto como uma questão capital, porque, quanto mais fortes forem os fundamentos do presente, mais assegurado ficará o futuro socialista e comunista do nosso país.

Reforçar a adesão ao socialismo, a certeza da sua vitalidade e superioridade, adquire uma importância muito especial nas condições actuais, quando o socialismo foi minado em muitos países e os imperialistas, a burguesia e os revisionistas desencadearam uma campanha desenfreada para rebaixar os ideais revolucionários, espalhar a descrença e a incerteza quanto ao futuro socialista da humanidade. Não é por acaso que a ponta de lança dessa luta é dirigida contra a nossa doutrina triunfante, o marxismo-leninismo, sem o qual não há nem pode haver socialismo autêntico.

Por outro lado, devemos ter sempre presente que as condições em que se edifica o socialismo na Albânia são extremamente complexas. O nosso Partido, o nosso Estado e o nosso povo lutam face a face e sozinhos contra uma força inimiga colossal, contra o mundo capitalista e revisionista que nos rodeia. Nenhum de nós deverá jamais subestimar ou esquecer os perigos que representa para a nossa sociedade socialista a forte pressão exercida por esse mundo, em todos os planos — político, económico, ideológico e militar.

O nosso dever histórico, nacional e internacional, é mantermos sempre de pé, como um só homem, vigilantes e prontos a enfrentar toda e qualquer situação, defender as vitórias alcançadas e fazer avançar a nossa revolução e a nossa construção socialista. Saibamos opor à perigosa acção subversiva dos inimigos do socialismo a nossa firmeza e coragem, a unidade de aço do Partido e do povo, o nosso trabalho incansável pelo desenvolvimento e fortalecimento da economia e da defesa do país. Para defender o socialismo e conduzi-lo com segurança sempre avante, é necessário, antes de mais fortalecer continuamente a nossa convicção sólida e profunda no socialismo como ordem social superior, à qual pertence inevitavelmente o futuro.

O nosso povo, vivendo e trabalhando numa sociedade socialista, educa-se nas suas normas e princípios, que se materializam nas relações económicas e sociais, na organização e direcção do Estado e de toda a vida do país, na legislação e no modo de vida, no sistema educativo e cultural, etc. A própria realidade socialista, assim como a participação directa dos cidadãos na obra da edificação socialista do país, educam-nos e ajudam-lhes a compreender e assimilar os princípios básicos do marxismo-leninismo.

Mas as convicções e a consciência socialista que se criam na prática da vida não bastam para saber orientar-se em todas as situações, para compreender a fundo a política do Partido e agir a cada momento com objectivos claros. Se essas convicções não assentarem numa poderosa base teórica, poderão ser abaladas pelas múltiplas dificuldades da edificação socialista ou pela grande pressão do mundo capitalista-revisionista. Só o marxismo-leninismo, como base teórica do socialismo científico e da educação comunista dos trabalhadores, criará convicções profundas e estáveis. Cabe ao Partido, pelo seu trabalho de educação, incuti-las na consciência e no espírito das massas.

O nosso Partido tem desenvolvido um trabalho intenso pela educação marxista-leninista dos comunistas e das massas. Para este objectivo existem a Escola do Partido, os diversos cursos e instrumentos educativos do Partido e das organizações de massas, as publicações, a imprensa e todos os outros meios de propaganda. O marxismo-leninismo é estudado de forma sistemática nas escolas de diversas categorias do ensino estatal. As obras de Marx, Engels, Lénine e Stáline, assim como numerosos documentos e materiais do nosso Partido, encontram-se à disposição dos comunistas, dos quadros e dos trabalhadores.

Agora, põe-se-nos a tarefa de elevar todo este trabalho a um nível superior, mais qualificado, para que a assimilação dos princípios do marxismo-leninismo e dos ensinamentos do nosso Partido seja a melhor e mais profunda possível. O essencial não é ensinar simplesmente às pessoas algumas teses e conclusões marxistas, mas armá-las no plano ideológico com a concepção do mundo e a metodologia marxistas, formá-las com seriedade no plano teórico,

para poderem resistir e agir em qualquer momento, em qualquer circunstância, com plena consciência, como revolucionários consequentes e combatentes resolutos pela causa do socialismo e do comunismo.

O nosso Partido e o nosso povo devem avançar continuamente, resolver novos problemas. A elaboração teórica e a solução prática desses problemas exigem o desenvolvimento constante do pensamento criador, baseado nos princípios fundamentais e na metodologia marxistas, assim como na síntese da experiência adquirida.

Por isso é necessário que, nas escolas, no sistema de educação marxista-leninista dos comunistas e das massas, em toda a propaganda do Partido, o marxismo-leninismo seja estudado, explicado e assimilado como uma doutrina viva e criadora, como uma ciência em desenvolvimento e enriquecimento constante. Deve-se pois desenvolver por toda a parte o espírito crítico e revolucionário, estimular as discussões e os debates fecundos, combater todas as manifestações de rigidez e de dogmatismo, rasgar um largo caminho ao pensamento avançado e de partido, submeter cada fenómeno a uma análise profunda, à sólida lógica marxista.

A elevação do nível teórico é indispensável para combater com êxito as manifestações de empirismo e de praticismo. O facto é que há comunistas e quadros que pouco se esforçam por assimilar a teoria, mostram uma compreensão estreita dos problemas e das tarefas que se nos colocam, das directivas e orientações traçadas, consideram-nas de forma simplista, sem penetrar no seu conteúdo ideológico, no seu lado teórico. Nesta questão, permanecem bem actuais as palavras de Stáline:

“Quanto mais elevados forem o nível político e a consciência marxista-leninista dos militantes empenhados em qualquer aspecto do trabalho do Estado e do Partido, mais elevado e fecundo será esse trabalho, mais favoráveis serão os resultados; pelo contrário, quanto mais baixo for o nível político e a consciência marxista-leninista dos militantes, mais prováveis são os erros e fracassos no

trabalho, mais provável a decadência dos militantes, a sua transformação em praticistas ocupados com ninharias, a sua degenerescência”. (1)

As lacunas na formação teórica geral levam inevitavelmente a concepções e acções subjectivistas e voluntaristas, que entram em choque com as exigências das leis objectivas, afectam a direcção científica do trabalho, travam e deformam os processos de desenvolvimento económico e social, prejudicam a própria educação das pessoas. Manifestações deste gênero encontram-se com frequência, mas é sobretudo nas questões de planificação, de organização e direcção da economia que são mais evidentes e mais nocivas.

O facto da sociedade socialista ser edificada de forma consciente não quer dizer que obedeça à vontade e aos desejos subjectivos das pessoas. Em regime socialista, como em qualquer outro, o desenvolvimento obedece a leis com carácter objectivo. A particularidade do socialismo reside no conhecimento e utilização consciente dessas leis, de acordo com os objectivos do Partido e do Estado socialista. Esta é justamente uma das grandes superioridades do regime socialista, que assegura um desenvolvimento harmonioso e acelerado da economia e da cultura em benefício das massas trabalhadoras.

Daqui resulta, para o Partido, o Estado, as organizações de massas e todos os meios de propaganda, o dever de concentrar toda a atenção no trabalho educativo, no conhecimento das leis económicas objectivas do socialismo, que servem de base à política económica do Partido. O conhecimento profundo das leis objectivas e uma acção conforme às suas exigências permitem evitar as manifestações de subjectivismo, aproveitar as grandes vantagens do regime socialista, fazer assentar a planificação, a direcção da economia e a própria educação em bases científicas.

É bem conhecido que o homem, com a sua consciência, capacidades e experiência, constitui o factor fundamental de todo o trabalho, da realização de qualquer tarefa. Por isso, o Partido

(1) J. Stáline. Obras Escolhidas, ed. alb., pp. 509-510. Tirana. 1979

consagra uma atenção primordial ao trabalho com os homens, com vista à sua educação, à sua têmpera e ao seu progresso contínuo. Mas a acção dos homens só é fecunda e atinge os objectivos traçados quando se apoia, para além do trabalho educativo, em adequadas medidas económicas, organizativas e administrativas. Há manifestações de subjectivismo quando as questões são tratadas de forma unilateral, quando as causas dos erros e fraquezas são procuradas apenas no trabalho ideológico e político ou no método e estilo de direcção, quando se supõe que a situação pode ser modificada e melhorada só com debates e reuniões, sem acções e medidas concretas.

Às ciências sociais cabe um papel importante na elevação do nível da propaganda do Partido, de todo o seu trabalho de educação das massas no espirito do socialismo. Só com base em estudos e generalizações científicas da experiência do Partido e das massas, bem como dos problemas colocados pela vida, se pode realizar um trabalho de persuasão profundo e argumentado.

As nossas ciências sociais têm avançado e feito progressos numa via correcta. Os trabalhos e publicações neste domínio trouxeram contribuições valiosas ao estudo da história do povo e da sua cultura, da experiência da Luta de Libertação Nacional e das transformações socialistas, da vida política, económica e social do país. O Instituto de Estudos Marxistas-Leninistas adjunto ao Comité Central realizou um trabalho de grande valor na redacção da História do Partido, na publicação de numerosos materiais e documentos do Partido, no estudo de diversos problemas da revolução e da edificação do socialismo.

Compete às instituições científicas, às diversas disciplinas dos estabelecimentos de ensino superior e a todos os quadros das ciências sociais, elevar o seu trabalho a um nível superior, estudar mais as questões essenciais da experiência e das perspectivas de desenvolvimento do nosso país, tratá-las com um alto nível teórico e científico e participar de forma mais activa na luta conduzida pelo Partido para a educação do homem novo.

A justa compreensão do papel decisivo das massas na edificação

da sociedade socialista constitui uma questão fundamental da concepção comunista do mundo, da teoria e da prática revolucionárias.

O nosso Partido não tem permitido nenhum desvio deste princípio e neste facto reside uma das razões profundas da via justa e do desenvolvimento vitorioso que tem seguido a edificação socialista na Albânia.

A participação activa das massas na administração do país, em toda a vida social, constitui, como aliás demonstra a experiência do nosso país, uma condição indispensável e decisiva para a salvaguarda e reforço do poder popular, para o avanço ininterrupto da revolução socialista, para garantir uma poderosa e invencível defesa da Pátria.

O papel decisivo e sempre crescente das massas populares na nossa sociedade socialista é a expressão mais profunda e a orientação fundamental da ampliação da democracia socialista. Deste ponto de vista, a democracia socialista é não apenas uma realização histórica das massas populares, conquistada na luta e na revolução, mas também uma necessidade, uma condição indispensável, uma lei interna do desenvolvimento da sociedade socialista, uma grande força motriz que a faz avançar.

O socialismo libertou as pessoas de qualquer forma de exploração do homem pelo homem. A libertação da consciência dos trabalhadores das cadeias espirituais próprias das sociedades exploradoras, a emancipação da mulher, que participa em pé de igualdade com o homem na nossa vida social, constituem uma grande vitória histórica. O nosso povo goza de direitos e liberdades democráticas muito amplas, como o direito ao trabalho, à instrução, o direito de eleger e ser eleito para as funções estatais e sociais, a liberdade de expressão, de imprensa, etc, direitos que, no nosso país, são uma realidade, não apenas reconhecida pela lei, mas também aplicada na vida quotidiana. Toda a vida do nosso país, a organização e a direcção do Estado, da economia, do ensino e cultura, da defesa, estão edificadas de tal forma que asseguram e exigem a participação activa das massas trabalhadoras.

O Partido tem alertado desde há muito para os perigos que ameaçam o socialismo se os órgãos do poder e os quadros se

separarem das massas, se os aparelhos se burocratizarem, etc. O Partido tem acentuado que a luta contra as manifestações e deformações deste tipo deve ser conduzida de modo contínuo, sem lhes permitir que se acumulem e se agravem. Mas na prática continuam a observar-se manifestações de estreiteza e de formalismo na compreensão e aplicação da democracia de massas e nas relações dos quadros com as massas. Em certos casos, as administrações sobrepõem-se aos órgãos eleitos, há quadros que não mantêm contactos estreitos com a população ou que a ouvem por mero pró-forma. Acontece por vezes que as assembleias das cooperativas agrícolas e das outras organizações de massas não são tomadas em consideração e valorizadas como é devido, que as normas estabelecidas para a prestação de contas perante as massas, por parte dos eleitos bem como dos quadros nomeados, nem sempre sejam respeitadas.

É tarefa da propaganda do Partido explicar com argumentos sólidos que o papel das massas não é uma questão abstracta mas que se realiza através da actividade dos colectivos, das Uniões Profissionais, das organizações da Juventude, da Frente e da Mulher, dos conselhos populares e de todos os órgãos eleitos. A propaganda do Partido deve, em especial, dar aos quadros a compreensão política e ideológica da necessidade de uma ligação directa com as massas, os operários, os cooperativistas, a juventude, as mulheres e todas as camadas do povo. Os quadros devem consultar amplamente as pessoas, recolher as suas opiniões, colocar-lhes os problemas que preocupam o Partido e o Estado, para encontrar, em conjunto com elas, as soluções mais racionais.

Quando o Partido reclama com energia que se prestem ouvidos mais atentos à voz dos especialistas, que se dê um maior apoio ao seu pensamento avançado a fim de assentar a produção em bases científicas, isto não implica qualquer espécie de subestimação do pensamento avançado das massas e da sua rica experiência revolucionária. A revolução técnica e científica só se desenvolverá com êxito entre nós se o potencial intelectual e científico dos quadros e especialistas for estreitamente ligado e fundido com a luta e a experiência geral das massas.

Ao aplicar a linha de massas, é necessário evitar simplificá-la ou

tratá-la de modo puramente formal. É inadmissível que, a pretexto da aplicação da linha de massas, as pessoas sejam bombardeadas com reuniões que só se debruçam sobre ninharias e não conduzem a quaisquer resultados. As reuniões que não sirvam para resolver os problemas reais, que não cheguem a conclusões e medidas concretas para modificar a situação, não têm qualquer valor. De igual modo, não se pode permitir que a linha de massas seja usada como cortina de fumo para ocultar a irresponsabilidade, as deficiências na organização e direcção do trabalho, a inobservância das competências e das leis e regulamentos em vigor.

O Partido e as organizações de massas devem velar de forma permanente pela activação e dinamização do controle de massas a partir de baixo, inclusive dos grupos de controle directo operário e camponês, aos quais cabe uma vigilância especial sobre a gestão da propriedade socialista, sobre a actividade das administrações e dos serviços consagrados ao povo e à satisfação das suas necessidades.

É de particular importância compreender bem que o controle das massas a partir de baixo não deve limitar-se nem reduzir-se apenas à forma dos grupos de controle operário e camponês. Deve ser exercido com muito maior amplitude, sob formas mais variadas, levantando as largas massas trabalhadoras, dando-lhes consciência de que são donas do país e que têm a sua palavra a dizer acerca de tudo e de todos. Ao mesmo tempo, o Partido tem insistido em que os grupos de controle operário e camponês não podem nem devem substituir-se ao controle das organizações do Partido, dos órgãos do Estado e das organizações de massas.

É necessário que a democracia socialista e o papel das massas sejam, não apenas compreendidos e aplicados de forma correcta, mas também estudados mais a fundo, para o seu aperfeiçoamento incessante. Há que evitar que o processo da edificação socialista se transforme num processo burocrático e administrativo. É preciso garantir que ele seja a todo o momento a obra viva e criadora das largas massas trabalhadoras, sob a direcção do Partido.

A educação do homem novo é uma das maiores conquistas do socialismo e uma das garantias fundamentais do seu desenvolvi-

mento ininterrupto. As tarefas históricas que defrontam o nosso Partido e o nosso povo para a edificação socialista do país e para fazer frente com êxito ao cerco e à pressão do mundo capitalista-revisionista, exigem pessoas formadas e temperadas como revolucionários consequentes, dotadas em elevado grau de uma concepção do mundo e de uma ética marxistas-leninistas, aptas a enfrentar a pressão das ideologias das classes exploradoras. Isto exige o reforço da luta ideológica contra todos os resíduos do passado ou manifestações estranhas ao socialismo na consciência das pessoas.

A luta contra a mentalidade e a psicologia pequeno-burguesas, com profundas raízes no nosso país, tem sido e continua a ser um importante problema ideológico. É certo que as profundas transformações sócio-económicas que tiveram lugar, assim como o trabalho geral do Partido para a educação comunista dos trabalhadores, assestaram sérios golpes na psicologia pequeno-burguesa, abalando-a até aos alicerces. Contudo, embora a sua esfera de acção se tenha reduzido consideravelmente, observam-se ainda em diversas camadas da população mentalidades, atitudes e actuações pequeno-burguesas. As concepções e tendências pequeno-burguesas são um grande mal: não só impedem a educação comunista das pessoas e entravam a sua participação activa na construção socialista do país, como podem acarretar toda a espécie de vacilações, servem de base à propaganda da ideologia burguesa e a uma acção de sapa contra o próprio regime socialista.

A psicologia pequeno-burguesa manifesta-se sob diversas formas e em numerosos terrenos. As suas sobrevivências observam-se de modo mais acentuado na atitude face ao trabalho e à propriedade, que constitui aliás o elemento principal e determinante da actividade humana.

Os nossos trabalhadores das cidades e dos campos caracterizam-se por uma consciência elevada no que se refere à sua atitude para com o trabalho e a propriedade socialista. Este é um traço distintivo do nosso homem novo, é uma realidade que salta aos olhos em toda a parte. Mas o socialismo, como primeira fase da

sociedade comunista, saído do regime de exploração capitalista, tem as suas próprias condições e características de desenvolvimento, que deixam as suas marcas na atitude face ao trabalho e a propriedade. O socialismo, dizia Lênine:

*“... não pode ser **ainda**, do ponto de vista econômico, completamente maduro, completamente liberto das tradições ou vestígios do capitalismo”.* (1)

Por outro lado, é necessário ter também em conta a incorporação na produção social e noutros sectores de grandes massas de jovens, os quais, apesar da sua disponibilidade e entusiasmo para trabalhar e criar em nome do socialismo, não ganharam ainda aptidões necessárias ao trabalho nem se temperaram nas dificuldades da vida.

São estes factores, assim como as fraquezas no trabalho de direcção, organização e educação realizado pelas organizações do Partido e pelas organizações de massas, pelos órgãos do poder e da economia, que originam as atitudes erradas perante o trabalho e a propriedade socialista.

Apesar de numerosos exemplos avançados e realizações positivas, constata-se não poucos casos de violação da disciplina do trabalho, absentismo injustificado, trabalho com baixo rendimento e de qualidade medíocre, aproveitamento incompleto da capacidade produtiva, mau uso e degradação da propriedade colectiva, negligências na sua gestão e conservação.

Por isso o Partido insiste sobre a necessidade de melhorar o nível e eficácia do trabalho de propaganda e ideológico, para reforçar e elevar a um nível superior a consciência socialista dos operários, dos membros das cooperativas e dos quadros, na sua atitude face ao trabalho e à propriedade. Esta tem sido e deve permanecer uma das frentes mais importantes do trabalho do Partido e das organizações de massas e muito em especial das Uniões Profissionais.

(1) V. Lênine, Obras, ed. alb., tomo 25, p. 559.

As medidas adoptadas pelo Partido e pelo Estado para aperfeiçoar as relações de produção socialistas, reduzir ainda mais as parcelas individuais nas cooperativas agrícolas, reduzir o leque de salários, melhorar a legislação, a planificação e a direcção da economia, etc. criaram novas possibilidades e condições para empreender um trabalho educativo mais amplo e mais profundo entre as massas trabalhadoras, para lhes inculcar concepções e atitudes justas perante o trabalho e a propriedade, para instaurar por toda a parte uma atmosfera de optimismo revolucionário e de mobilização para o trabalho.

Os comunistas, os quadros, os trabalhadores, devem tomar consciência de que vivem em condições novas, tanto internas como externas, que acarretam novas tarefas e exigências. Temos pela frente, em toda a sua força, a necessidade de mobilizar todos os trabalhadores para o cumprimento integral das tarefas do plano. As situações que atravessamos e os grandes objectivos do plano quinquenal exigem um ritmo e um ardor novos no trabalho, um sentido de responsabilidade mais elevado, maior perseverança — numa palavra, exigem-nos que avancemos mais depressa, ao passo da nossa época.

O trabalho educativo do Partido deve inculcar a convicção profunda de que o trabalho e a propriedade socialista são os dois grandes pilares que servem de apoio ao desenvolvimento da economia, de toda a vida do país, no presente e no futuro. Neste terreno, impõe-se conduzir uma luta frontal e organizada contra as manifestações negativas, contra todas as concepções e atitudes pequeno-burguesas e liberais, pelo reforço geral do espírito de organização, de ordem, de disciplina.

As tarefas a realizar para a elevação da consciência e da psicologia socialistas exigem que se dedique maior atenção ao conhecimento dos diferentes interesses que existem e actuam no seio da nossa sociedade, de modo a manter uma correcta relação entre eles. Engels assinalava que as relações económicas de qualquer sociedade de manifestam antes do mais sob a forma de interesses. Isto significa que, para atender às exigências das leis económicas e para consolidar a atitude socialista face ao trabalho e à propriedade, é

preciso ter em conta os diversos interesses, sobretudo os interesses econômicos.

Tem sido princípio permanente da actividade do nosso Partido e do nosso Estado na edificação e defesa do socialismo dar prioridades ao interesse geral sobre os interesses de grupo ou pessoais, aos interesses a longo prazo sobre os interesses imediatos, aos interesses fundamentais do Estado sobre os interesses de ordem sectorial ou local. Esta preocupação tem sido e continua a ser uma garantia contra quaisquer desvios da justa via marxista-leninista, da teoria e da prática da construção do socialismo.

Mesmo assim, em muitos casos, o interesse pessoal exerce ainda uma forte atracção, levando à tendência para tomar mais da sociedade do que se lhe dá, só pensar na quantidade em detrimento da qualidade, etc.

Não há dúvida de que, na persistência de fenómenos deste género, influi a existência de disparidades de natureza diversa, como por exemplo as que existem entre as cidades e os campos, entre os rendimentos dos diversos membros da sociedade, entre as exigências crescentes das massas trabalhadoras e as possibilidades reais de as satisfazer. Mas estes factores não podem justificar as diversas manifestações da tendência para sobrepor o interesse pessoal ao interesse geral. Na nossa sociedade socialista, há todas as possibilidades para limitar cada vez mais os fenómenos estranhos ao socialismo — pela elevação do trabalho de educação das massas, pelo desenvolvimento da produção e o aperfeiçoamento das relações económicas, pela aplicação rigorosa das leis do Estado.

Isto deve-se antes de mais ao facto de que, em regime socialista, o interesse geral não se opõe aos interesses pessoais dos trabalhadores. Quando falamos da primazia do interesse geral não queremos com isto dizer que os interesses pessoais devam ser ignorados. Em regime socialista, o interesse geral não é encarado como um fim em si, mas como um meio para satisfazer as necessidades legítimas dos trabalhadores e as exigências de bem-estar do povo e reforçar a capacidade de defesa da pátria. A aplicação da linha do Partido é correcta e consequente quando o interesse consagrado aos problemas económicos e o cuidado com o interesse geral não são desliga-

90

dos em nenhum caso da preocupação com o homem, do esforço para satisfazer as suas exigências materiais e espirituais.

Outro importante problema, não apenas econômico mas também ideológico e social, é a harmonização correcta entre os interesses da propriedade cooperativa e o interesse geral da sociedade. O Partido deve combater de igual modo, tanto as tendências que por vezes se observam para se limitar aos interesses de grupo, dissociando-os dos interesses de toda a sociedade, como as tendências para marginalizar os interesses cooperativos, pretensamente em nome do interesse geral.

Este problema diz respeito às relações entre o Estado e as cooperativas agrícolas mas também ao processo de transformação da propriedade de grupo em propriedade de todo o povo. A propriedade cooperativa é do mesmo tipo da propriedade estatal, é como ela socialista. Mas nem por isso a propriedade de grupo deixa de representar um grau inferior de socialização da propriedade. O Partido deve explicar ao campesinato cooperativista, através de um vasto e ponderado trabalho educativo, o carácter transitório da propriedade de grupo, bem como o caminho que leva à sua transformação em propriedade de todo o povo. O processo de transformação da propriedade de grupo em propriedade de toda a sociedade já se iniciou no nosso país. De agora em diante, o seu ritmo vai acelerar-se. É contudo um caminho em que se deve avançar gradualmente, à medida que se criam as condições objectivas e subjectivas requeridas, nunca perdendo de vista nem desrespeitando os interesses da propriedade de grupo.

A propaganda do Partido deve tratar de forma mais ampla e profunda o carácter único da nossa economia e os factores que contribuem para o seu reforço. Nesta perspectiva, é necessário desencadear a luta contra as tendências que se fecham no quadro de interesses estreitos, ao nível sectorial, local, de empresa. Por exemplo, os obstáculos que se levantam à especialização, concentração e cooperação na produção, os casos em que se planifica a produção, o rendimento e a redução dos custos aquém das possibilidades, as reclamações exageradas de investimentos e de mão-de-obra, etc — são manifestações de interesses estreitos que travam o desenvolvi-

mento da economia e prejudicam os interesses gerais do Estado e da sociedade.

Nas condições reinantes entre nós, de predomínio do novo, as manifestações da psicologia pequeno-burguesa, os vestígios do passado, são cada vez mais deslocados e constituem um sério obstáculo na nossa via socialista.

Estes vestígios têm a particularidade de ser muito resistentes e subsistem apesar da mudança radical sofrida pelas condições que os geram. Tomam formas “novas”, encobrem-se sob as normas socialistas, ressuscitam onde quer que o terreno seja propício. Devemos estar particularmente atentos ao facto de alguns costumes e práticas caducas ressurgirem no modo de vida, nas relações familiares, na atitude perante a mulher, etc, e isto apesar dos duros golpes que lhes foram aplicados. O Partido e as suas alavancas devem trabalhar para fortalecer e consolidar os princípios e concepções socialistas, a ideologia e a moral proletárias, para manter sempre desperto o espírito das acções revolucionárias e dos grandes movimentos ideológicos de massas, cujo objectivo é extirpar as sobrevivências negativas e afirmar as novas normas e costumes socialistas. Esta luta deve ser conduzida com prudência e inteligência, a fim de que as novas normas e concepções sejam aceitáveis para a consciência geral.

Para isso, é necessário conhecer profundamente a psicologia das massas, proceder a um trabalho de educação qualificado e diferenciado, de acordo com as camadas da população e as regiões, o tipo e lugar de trabalho, os colectivos e os sectores, as idades, o sexo, e mesmo as características de cada pessoa. Para bem conhecer o estado de espírito das massas, há que actuar, não de modo empírico, mas na base de estudos profundos e sistemáticos, analisando o problema sob todos os ângulos, tanto na situação actual como na dinâmica do seu desenvolvimento e considerando o conjunto dos factores que influem sobre a formação da consciência e da psicologia das massas, nomeadamente as condições materiais, as tradições e costumes antiquados, o desenvolvimento da educação e da cultura, o mundo exterior capitalista-revisionista, etc.

Na nossa luta na frente ideológica não devemos esquecer nem por um momento que as reminiscências do passado se entrelaçam

com as influências desagregadoras do cerco imperialista-revisionista, as quais, embora apregoadas como “modernas” e “progressistas”, são, no fundo, igualmente obsoletas e perigosas, senão mais.

O nosso país é alvo de uma vasta agressão ideológica, que visa denegrir a realidade da Albânia socialista e desorientar os espíritos. O Partido e as suas alavancas devem erguer-se como poderosas barreiras invencíveis face a esta agressão e à sua influência sobre o nosso povo. Devem forjar a unidade ideológica do povo, reforçar a vigilância e a luta contra o liberalismo e todas as manifestações estranhas ao socialismo, de forma a evitar brechas, situações de adormecimento e de euforia, para que os comunistas, os quadros e todos os trabalhadores se mantenham sempre fiéis aos princípios e normas socialistas, à ideologia e à moral proletárias.

A luta contra as sobrevivências e manifestações de ideologias estranhas, velhas ou novas, pela educação comunista dos trabalhadores, constitui a frente mais vasta e complexa da luta de classes que se desenvolve no nosso país. Esta luta ganha excepcional importância e acuidade nas condições actuais, quando o país avança na edificação do socialismo apoiado unicamente nas suas próprias forças, quando na arena internacional a luta entre o socialismo e capitalismo, entre marxismo-leninismo e revisionismo, se exacerbou em extremo e o cerco imperialista-revisionista e a sua pressão sobre o nosso país se tornaram ainda mais brutais.

O Partido deve trabalhar sem repouso para que os comunistas, o povo e as jovens gerações sejam permanentemente educados no espírito da ditadura do proletariado e da luta de classes, para que se mantenham sempre vigilantes e prontos a defender o socialismo contra qualquer inimigo ou perigo, para que combatam na sua própria consciência, nas fileiras do Partido e do povo, tudo o que se oponha ao espírito e aos princípios do socialismo.

Desenvolver correctamente a luta de classes significa aplicar com acerto a linha marxista-leninista do Partido, aceitar conscientemente e com profunda convicção os princípios do socialismo, trabalhar e lutar a todo o momento para o bem do povo e da Pátria, preservar e defender o socialismo. Significa ainda conduzir essa luta

sem consentir desvios de direita ou de esquerda, oportunistas ou sectários, igualmente perigosos e de graves consequências para o Partido, para a unidade do povo, para a sociedade socialista.

Só conduzindo correctamente e sem desvios a luta de classes, com a vasta participação das massas trabalhadoras dirigidas pelo Partido, se construirá o presente na via justa, assente em alicerces sólidos, e será assegurado o futuro da Pátria e do socialismo.

Para servir a educação dos comunistas, dos quadros e das massas, o Partido criou todo um sistema de meios de comunicação massivos — imprensa, publicações, rádio, televisão, cinema, etc. O importante papel que desempenham reclama a elevação constante do nível do seu trabalho, no conteúdo e na forma, para corresponder sempre melhor às exigências crescentes das massas trabalhadoras.

2. O socialismo precisa de lutadores com uma vasta cultura e conhecimentos científicos

O nível cultural e profissional das massas trabalhadoras sofreu entre nós uma verdadeira revolução. Num país onde, antes da Libertação, cerca de 90% da população era analfabeta, hoje mais de 67% dos operários têm o curso de 8 anos ou o secundário e 32% têm uma qualificação profissional média ou superior; no campo, 52,3% dos cooperativistas têm o curso de 8 anos ou secundário. Dispomos de 47.500 quadros superiores e de 131.500 quadros com formação secundária e profissional. Apesar disto, a elevação no nível de instrução, de cultura e de formação técnico-profissional dos trabalhadores, continua a ser uma das principais orientações da actividade do nosso Partido e do nosso Estado, como parte integrante da educação comunista.

O desenvolvimento intensivo da economia e da cultura, a introdução em mais larga escala da técnica e da tecnologia avançadas, as tarefas que se nos colocam para a elevação do rendimento e da qualidade, de uma maior rentabilidade e eficácia da produção, e as

perspectivas gerais de desenvolvimento do país exigem da nossa gente um nível de instrução e cultura ainda mais elevado, o domínio da ciência e da técnica.

É tarefa do Partido criar em todos uma compreensão correcta das exigências da nossa sociedade em homens e mulheres instruídos, dotados de vastos horizontes culturais, com elevado nível de preparação profissional, técnica e científica, educar os trabalhadores no espírito de uma grande exigência consigo próprios. Os nossos quadros e trabalhadores devem caracterizar-se pela aspiração ao que é novo e progressista, pelo espírito de inovação, a paixão e a vontade de estudar e aprender continuamente.

A nossa nova escola é o principal centro de assimilação da cultura, do conhecimento e da ciência. Durante os últimos 15 anos, foi empreendida uma grande acção para a revolucionarização mais profunda da nossa escola socialista, acção que continua a desenvolver-se com êxito. Todas as novas estruturas fundamentais deste processo estão de agora em diante estabilizadas. Foi realizado um vasto e valioso trabalho para redigir e aplicar os novos programas educativos e especialmente os manuais escolares de todos os níveis.

Foram desenvolvidos grandes esforços para melhorar o conteúdo ideológico e científico da nossa escola nas suas três componentes, tornar mais racional a estrutura de métodos de transmissão dos conhecimentos, estimular a atitude activa e criadora dos estudantes perante o ensino, etc. A nossa escola foi assim capacitada para preparar novos contingentes de alunos, dotados de melhor e mais vasta formação, com melhor ténpera ideológica, profissionalmente mais aptos.

Registaram-se igualmente grandes êxitos no trabalho para dar um carácter de massa a todos os escalões do nosso sistema educativo. No conjunto, podem considerar-se como definitivamente solucionadas, ou em vias de sê-lo, as necessidades urgentes de crescimento quantitativo do nosso ensino. Dispomos agora de um sistema educativo em condições de fazer face às exigências actuais e a longo prazo em todos os domínios.

Assim, embora sem descurar o carácter cada vez mais massivo

do ensino no seu conjunto e de alguns dos seus ramos em particular, chegou o momento de empenharmos, de forma mais séria e mais qualificada, todas as forças da nossa frente educativa e pedagógica na elevação da qualidade do trabalho da escola. Esta necessidade é-nos ditada, não apenas pelo desenvolvimento interno específico do ensino, da escola e da pedagogia, mas sobretudo pelo desenvolvimento geral de toda a vida do país, nos planos econômico, social, científico e técnico.

A nossa escola deve dar à jovem geração conhecimentos de nível contemporâneo. Vivemos numa época em que o sistema de conhecimentos se renova continuamente em vastas proporções. As matemáticas, a física, a química, a biologia, etc, que constituem os fundamentos teóricos das disciplinas aplicadas técnicas e tecnológicas, têm progredido a ritmos muito rápidos. Reduziu-se consideravelmente o intervalo que medeia entre uma descoberta científica e a sua utilização na actividade produtiva. Tornou-se por isso mais agudo o problema de fazer incluir rapidamente nos programas escolares as novas descobertas. Para acolher a nova e indispensável informação científica, há que proceder, não ao aumento mecânico do volume de conhecimentos, mas a modificações no sistema conceptual e a uma nova sistematização dessa informação em estruturas mais coerentes e universais, que lhe condensem a substância alargando sensivelmente o seu campo de aplicação.

Perante a nossa escola, em todos os níveis, coloca-se a tarefa de eliminar um certo tradicionalismo, já superado na exposição das disciplinas científicas de base. É uma tarefa séria que não pode ser resolvida com enxertos ou remendos do novo sobre o velho, mas com base numa concepção global e única que abranja todos os ciclos escolares, sobretudo nos sectores massivos do sistema educativo. Os estudos sobre estes problemas devem ser cuidadosos e reflectidos, de modo a preparar com tempo as alterações eventuais, sem cair em decisões improvisadas, e elaborar minuciosamente os métodos didácticos, de acordo com os nossos critérios ideológicos, científicos e pedagógicos.

Os órgãos competentes devem estudar com sentido de responsabilidade o volume dos programas, porque existe na realidade uma

sobrecarga que prejudica a formação dos estudantes. Esta sobrecarga tem a sua origem na coordenação deficiente das diversas disciplinas do plano lectivo, na tendência para a escola monopolizar ou mesmo duplicar a transmissão de informações que se recebem por outras vias, na exigência injustificada para fazer assimilar conceitos e ideias que ultrapassam a capacidade de percepção da idade respectiva, etc. Deve sobretudo dedicar-se uma atenção especial à elaboração, a diversos níveis, das disciplinas de carácter propriamente ideológico, porque ainda se verifica nelas um desenvolvimento unificado dos assuntos, sem as necessárias gradações, de acordo com os grupos de idade escolar.

A elevação da qualidade e do rendimento do trabalho didáctico e educativo da escola em todas as frentes será também conseguida pelo reforço dos laços do estudo com a vida, com a prática, com o trabalho produtivo. Isto não apenas na óptica da educação e da ténpera da nova geração, em que já conseguimos resultados apreciáveis, mas também para a integração do ensino e da ciência na produção moderna, para as pôr inteiramente ao serviço da ampliação e aprofundamento da revolução técnica e científica. Convém não esquecer que a juventude que hoje recebe uma instrução cada vez mais sólida é e sê-lo-á mais ainda no futuro — uma força de vanguarda na realização dessa revolução.

A melhoria do trabalho em todos os sectores, a elevação do nível científico, do rendimento e da eficácia do conjunto do processo didáctico e educativo, exigem maiores esforços para um aperfeiçoamento radical dos métodos de ensino, de forma a aumentar a assimilação activa e a solidez dos conhecimentos, estimular o pensamento criador, cultivar nos alunos o hábito do trabalho independente desde os bancos da escola. Neste quadro, é necessário adoptar medidas concretas para enriquecer a base material e dos equipamentos de laboratório das escolas.

A nossa produção, que já comporta atualmente um vasto leque de actividades, será enriquecida no futuro com outras novas. Um dos seus pilares é o grande exército de técnicos médios e operários qualificados. Deve por isso dedicar-se particular atenção às escolas profissionais médias, tanto no curso normal como nos cursos noc-

turnos para trabalhadores, que constituem 80% do ensino secundário do nosso país. Estas escolas, e particularmente os seus cursos nocturnos e os cursos agrícolas, devem ser seriamente consolidadas. É preciso que a elevação do nível de formação teórica dos alunos não seja encarada apenas na perspectiva da passagem a um curso superior, mas visando uma melhor capacitação profissional no sector respectivo. O objectivo a atingir é cultivar nos alunos capacidades práticas e intuição técnica na base de um horizonte teórico mais vasto.

É necessário dedicar grande atenção à preparação dos especialistas superiores. Devem possuir uma sólida competência para enfrentar as suas tarefas e ao mesmo tempo estar dotados de imaginação científica, sem a qual não poderão fazer avançar a revolução técnico-científica no seu sector de actividade. O trabalho de rotina deve ocupar uma parte cada vez menor na sua actividade, para que o estudo, a investigação científica, a inovação, possam tornar-se as suas preocupações fundamentais.

É tarefa da Universidade e das demais escolas superiores cultivar estas qualidades entre os estudantes, pondo em jogo o seu potencial intelectual, insistindo mais no lado criador do processo didáctico e educativo. Para o conseguir, os professores das escolas superiores devem consagrar-se a fundo ao trabalho de investigação, porque só um investigador acompanha com interesse a evolução da disciplina que ensina e sabe expô-la com verdadeira paixão.

A extensão do trabalho científico nas escolas superiores, voltado, não para temas secundários, mas para os grandes problemas da economia, da produção, da defesa e da cultura, é também indispensável para ampliar e intensificar a qualificação científica pós-universitária. A qualificação dos quadros e especialistas superiores é questão que interessa a toda a sociedade. Esta exige-lhes que desenvolvam continuamente os seus conhecimentos, estejam a par dos avanços da ciência e da técnica, aprendam e se qualifiquem de forma individual mas também organizada e controlada. A edificação deste novo escalão do nosso sistema educativo exige grande soma de trabalho responsável por parte das escolas superiores e do

Ministério da Educação e Cultura, apoiados por uma ajuda multilateral e empenhada de todos os outros ministérios.

O nosso ensino atravessa um processo de consolidação dos grandes êxitos conseguidos na sua revolucionarização. O aperfeiçoamento contínuo do conjunto de medidas que formam a essência da revolucionarização ininterrupta da escola continua a ser uma tarefa permanente para nós. É na prática revolucionária que as verificamos e que aprendemos a rectificar as suas imperfeições, eliminar as deficiências, preencher as lacunas. Muitas coisas já foram corrigidas na dinâmica do progresso da nossa escola. Mas o desenvolvimento da vida do país e do próprio ensino levanta problemas novos que devem ser estudados cuidadosamente em toda a sua complexidade e para cuja solução devem ser encontradas as medidas necessárias e adequadas.

Aos professores e pedagogos cabe um papel decisivo na realização de todas estas tarefas que defrontam a nossa escola. Devem trabalhar mais ainda para elevar o seu nível ideológico, político e profissional, alargar os seus horizontes científicos e culturais, desenvolver a sua capacidade pedagógica. Na apreciação do seu trabalho, deve ser posto de parte todo o formalismo, combatido o espírito liberal e a tendência para se contentar com pouco. Que todos se convençam de que a escola requer um duro esforço, paixão e vontade, consciência e espírito de disciplina elevados.

Uma sã opinião social desempenha um grande peso no reforço do trabalho na escola e pode dar um grande auxílio à sua actividade diária. É particularmente importante cultivar entre a juventude estudantil o desejo de aprender inspirada nos ideais revolucionários.

A melhoria do trabalho em todos os aspectos do ensino popular obriga a aperfeiçoar e revolucionarizar constantemente o método e o estilo de trabalho de direcção de todos os órgãos docentes, desde a direcção das escolas até ao Ministério da Educação e Cultura. Isto exige que se eleve o nível científico do trabalho de direcção, que se solucionem em bases científicas mais qualificadas os complexos problemas do desenvolvimento do ensino popular e da revolucionarização ininterrupta da escola.

Por sua parte, os restantes ministérios e instituições devem ocupar-se mais atentamente com a preparação dos quadros e especialistas médios e superiores, determinar acertadamente as necessidades quanto ao seu número e especialidades, empenhar-se seriamente na elaboração dos planos, dos programas e dos manuais escolares, velar por uma melhor organização do trabalho produtivo e dos estágios dos alunos na produção.

Durante o 6º plano quinquenal, a nossa arte e a nossa cultura socialistas ganharam novo desenvolvimento, foi elevado a um nível superior o papel que desempenham no trabalho do Partido para a educação comunista das massas trabalhadoras. Registaram-se progressos notáveis no conteúdo e na qualidade das actividades culturais e artísticas, cujo traço marcante é o espírito proletário de partido e o militantismo revolucionário. Estas actividades contribuíram assim para consolidar ainda mais a concepção do mundo do nosso homem novo, para lhe cultivar gostos proletários e educá-lo nas normas do modo de vida socialista.

Na literatura, nas artes plásticas, na música e no cinema, foram criadas obras de qualidade, penetradas de valor ideológico e artístico. Todas elas tiveram por fundamento os princípios básicos do realismo socialista. É um mérito particular dos nossos criadores terem-se esforçado por sublinhar vigorosamente nas suas obras, a par do conteúdo socialista, a originalidade nacional e o espírito popular, apoiando-se solidamente sobre as nossas mais sãs tradições literárias e artísticas, enriquecendo-as com novas investigações e rasgos inovadores e lutando contra quaisquer atitudes conservadoras ou liberais, contra todas as pressões da cultura degenerada burguesa e revisionista.

A nossa literatura e as nossas artes conseguiram também importantes êxitos na sua afirmação perante o público internacional. Os nossos livros, filmes, grupos corais e de ballet, exposições de artes plásticas, têm vindo a despertar a atenção e o apreço das pessoas progressistas, que neles encontram, a par das ideias avançadas, um são espírito realista, democrático e humanista, em oposição ao espírito decadente e reaccionário da actual arte burguesa e revisionista.

O nosso país transformou-se numa grande escola, onde todos

estudam e trabalham, embelezam e fazem prosperar a Pátria. Assim se colocam as pessoas numa relação viva com a cultura: tomam parte activa na criação dos valores da cultura material e espiritual e na sua utilização permanente. Nisto reside uma das superioridades do nosso sistema socialista sobre o sistema capitalista.

A nossa vida socialista insufla maior vitalidade, dinamismo e frescura à cultura, à literatura e às artes, enriquece-lhes o conteúdo e a forma. A ligação com a vida concreta é o único meio e a única forma de descobrir e afirmar as elevadas virtudes e qualidades morais e políticas dos trabalhadores, os seus êxitos e a sua actividade criadora. Só assim os valores culturais se tornam uma fonte de inspiração e de mobilização das massas para a realização das tarefas no terreno da edificação e da defesa do país, criam uma atmosfera de entusiasmo revolucionário para vencer as dificuldades e conseguir novas vitórias.

Todos os nossos criadores da literatura, do cinema, das artes plásticas, da música, etc, têm como importante tarefa tratar e reflectir amplamente nas suas obras os grandes problemas do nosso tempo, os processos em desenvolvimento e os novos fenómenos da vida. A literatura e as artes devem abordar e difundir motivos poderosos, o heroísmo de massa, os heróis que, pelo seu exemplo, servem como guias, na vida, no trabalho, na ciência, na escola, por toda a parte. A nossa época exige que a literatura e as artes alarguem a gama dos seus temas, abarquem a vida em toda a sua amplitude e variedade, para que, pouco a pouco os nossos escritores e artistas completem o grande quadro da época socialista na Albânia. A criação deste testemunho artístico continua ser tarefa fundamental da nossa literatura e das nossas artes.

Os temas extraídos da história e das épocas passadas são e serão sempre úteis e indispensáveis para a educação do povo no amor pela Pátria, pelas tradições e pela cultura nacional, para que conheçam melhor a luta do povo pela liberdade, a independência e o progresso. Mas o desenvolvimento da literatura e das artes é inconcebível se a vida e a actualidade não inundarem cada vez mais os nossos romances, os poemas, os filmes, as obras musicais e plásticas. Será na medida em que se apoiem a fundo sobre a realidade que nos cerca

e saibam reflecti-la amplamente, que a nossa literatura e as nossas artes melhor conseguirão também reflectir o nosso passado, com maior fidelidade e um nível ideológico e artístico mais elevado.

A luta para reforçar o carácter e a originalidade nacional das nossas artes deve ir sempre acompanhada do fortalecimento do espírito socialista, que dá o tom a toda a nossa vida. A afirmação dos elementos socialistas da nossa vida é uma exigência objectiva para a consolidação da arte do realismo socialista. É na representação da realidade socialista que o carácter nacional ganha novos traços qualitativos, se desenvolve e se eleva a um nível superior.

O nosso Partido tem assinalado que a inspiração das nossas artes na arte popular é um importante factor para a consolidação e manutenção do espírito popular e nacional na criação culta. É preciso, contudo, saber manter um justo equilíbrio nas relações entre arte culta e arte popular, não abusando na prioridade a uma ou à outra. É tão prejudicial dissociar a arte culta da arte popular, como identificá-las e transformar a arte culta numa simples imitação da arte popular.

A representação da realidade socialista e o tratamento cada vez mais amplo deste tema, dos problemas típicos e fundamentais da nossa sociedade, devem ser necessariamente acompanhados por uma melhoria da qualidade. Ao conteúdo são, à temática revolucionária, devem corresponder uma forma e um nível elevados de realização artística. Não basta captar o tema do dia, retratar o herói positivo, escrever sobre a realidade socialista, etc. Se esses escritos estiverem desprovidos de talento artístico não conseguirão emocionar-nos, educar-nos e inspirar-nos para o presente e o futuro. A melhoria de qualidade nas artes é uma exigência resultante da evolução do nível cultural e do gosto estético das amplas massas trabalhadoras, das actuais condições de desenvolvimento da nossa sociedade.

As grandes tarefas que nos enfrentam para o desenvolvimento da literatura e das artes tornam maior a exigência da formação contínua de forças criadoras, sobretudo de novos talentos, no plano cultural e da concepção do mundo. Os escritores e artistas conseguem criar uma arte de valor elevado quando conhecem a fundo a

vida do povo, a sua historia e a sua psicologia, quando assimilam o marxismo-leninismo e os ensinamentos do Partido, quando vivem intensamente os problemas da época. Neste domínio, cabe um papel considerável à União dos Escritores e Artistas. É preciso que permaneça como um centro de inspiração e de educação para as forças criadoras, tendo como preocupação principal a criatividade dos nossos escritores e artistas, a elevação do conteúdo e da qualidade das suas obras.

Também as outras instituições culturais e artísticas — radiotelevisão, empresas e institutos de edição, teatros e estúdios de cinema — têm como tarefa reforçar o controle e aumentar de exigência em matéria de qualidade, a fim de oferecer ao povo obras sempre melhores. Devem lutar para banir todas as representações superficiais da realidade, sem rigor nem profundidade, assim como as manifestações de esquematismo, de uniformidade e de simplismo na compreensão dos fenômenos e dos problemas da vida actual.

As tarefas das instituições culturais e artísticas são numerosas e multiformes. No seu trabalho para elevar o nível cultural das massas, devem dedicar especial atenção à larga divulgação do saber e dos conhecimentos, a uma melhor organização da informação técnica e científica, à extensão da propaganda sobre a produção e a experiência avançada, assegurando uma cooperação mais ampla com as organizações de massas, os especialistas e os quadros, os trabalhadores de vanguarda da produção. Em paralelo com a publicação de livros políticos e artísticos, será necessário consagrar maior cuidado à edição de obras técnicas e científicas, de manuais e enciclopédias que possam ser utilizados em larga escala pelos diversos especialistas, assim como de obras de divulgação científica.

Um verdadeiro país socialista deve distinguir-se cada vez mais pelo elevado nível cultural das massas, pela riqueza do seu universo espiritual, pela pureza do gosto estético, pelo modo de vida. A formação de concepções correctas sobre o modo de vida socialista é uma importante tarefa do trabalho educativo e cultural em curso no nosso país.

Importa assimilar profundamente a ideia de que o problema da qualidade de vida acompanha o homem durante toda a sua existên-

cia. Relaciona-se com a alimentação, a higiene e o vestuário, com o ambiente em que habita e produz. A cultura, a literatura e também o ambiente na produção e nos serviços públicos influenciam directamente a formação do gosto das massas. Elevam o seu interesse pelo belo, no trabalho, na vida e na natureza, estimulam a luta contra os gostos burgueses e revisionistas, como contra os gostos vulgares.

Novas e importantes tarefas se nos colocam, sobretudo para a difusão da cultura nos campos. A elevação constante do nível cultural do campesinato influi directamente no progresso dos campos em todas as frentes, na redução das disparidades entre o campo e a cidade. Na difusão da cultura nos campos desempenham um importante papel, além da extensão, reforço e melhor aproveitamento da rede de instituições culturais e da melhoria da composição dos seus quadros, também a ajuda das cidades, a participação activa da intelectualidade e a solicitude das organizações de massas. As escolas dos meios rurais, em especial, devem tornar-se verdadeiros focos de difusão massiva da cultura, das tradições patrióticas e revolucionárias, de animação da vida artística, de educação e formação de novos talentos.

O desenvolvimento e o progresso da cultura são desenvolvimento e progresso de toda a nação. Existe entre eles um estreito laço dialéctico. Como disse Engels, a história demonstra que cada progresso da cultura tem sido um passo para a liberdade. É importante que isto seja bem compreendido pelos órgãos de base do Partido e do poder, por todos os trabalhadores da frente da cultura. Quanto mais elevada for a sua compreensão da importância do trabalho cultural, mais se dedicarão aos problemas do sector. Os órgãos do Partido e do poder devem organizar melhor o seu auxílio e controle, sobretudo no que se refere aos problemas de direcção e planificação, do conteúdo, da eficácia e dos valores educativos da actividade cultural e artística.

A nossa ciência nova tem dado uma contribuição especial aos grandes êxitos alcançados pelo nosso povo na edificação do socialismo. Abarca novos domínios antes inexplorados, elevou o nível dos estudos e está agora em condições de assumir tarefas mais difíceis, solucionar problemas mais complexos e satisfazer melhor

as exigências que lhe coloca o desenvolvimento da economia e da cultura.

Hoje, os nossos homens de ciência e os nossos técnicos estudam, projectam e realizam, só com as suas próprias forças e meios, todas as obras necessárias à nossa economia e à nossa defesa: centrais hidroeléctricas, vias férreas, poços de perfuração profunda, fábricas de enriquecimento de minerais e muitas outras importantes instalações industriais. Foram descobertas e postas em exploração grandes riquezas do subsolo, que agora formam a base fundamental do desenvolvimento da industria e de toda a economia do país. Deram-se importantes passos para a solução dos inúmeros problemas técnicos e tecnológicos da produção. Passámos da produção de peças sobresselentes para a produção de máquinas completas. As investigações e experiências na agricultura tornaram-se importantes factores para o aumento dos rendimentos e o apuramento das raças. Tem havido realizações de valor também nas ciências sociais, históricas, linguísticas, económicas, políticas etc.

Mas o estágio alcançado pelo desenvolvimento do país e as grandes tarefas que nos defrontam exigem-nos, como uma necessidade imperiosa, um maior desenvolvimento da ciência, uma apreciação mais justa da sua importância e a aplicação das suas conquistas à produção. Essa necessidade torna-se ainda mais imperativa nas condições actuais de desenvolvimento do país, apenas apoiado nas suas próprias forças, num momento em que a economia e todos os sectores da actividade social estão empenhados na sua intensificação e quando a exigência geral é para um trabalho de qualidade, rendimento e eficácia elevados.

Por estas razões, o Partido analisou, numa reunião plenária do seu Comitê Central especialmente convocada para o efeito no ano passado, toda a actividade científica do país, chegando a conclusões e definindo tarefas concretas, não apenas para os trabalhadores científicos, mas também para todas as organizações e comitês do Partido, para os organismos estatais e económicos. As tarefas e orientações traçadas pelo 8º Pleno do Comitê Central constituem um grande programa de trabalho para o presente e para o futuro.

Há que concentrar agora todas as nossas energias numa luta perseverante para materializar este programa.

O objectivo principal de todo o trabalho de investigação científica é apoiar devidamente o 7º plano quinquenal, de modo a assegurar a sua plena realização. Cabe porém desde já à nossa ciência, como tarefa e objectivo importante, empreender estudos para o quinquénio seguinte. A ciência só conseguirá sê-lo verdadeiramente, desempenhar o seu papel e realizar a sua função, se preceder a produção, se apontar antecipadamente a perspectiva do desenvolvimento da economia e da cultura. Só assim ajudará tanto a planificação como a produção.

Tendo bem em conta as tarefas imediatas e a longo prazo, será necessário assimilar cuidadosamente os resultados até agora obtidos e desenvolver as ciências com aplicação em terrenos de importância vital, que condicionam o progresso acelerado do país e consolidam a sua independência.

Devemos concentrar o grosso das nossas forças e meios no estudo das nossas riquezas naturais e em primeiro lugar na prospecção e descoberta de minerais. A nossa ciência deve encontrar as melhores vias para aumentar as fontes energéticas e para a sua utilização racional, para um aproveitamento tão complexo e integral quanto possível de todos os componentes úteis das matérias primas, para reduzir os custos e elevar ao máximo a qualidade da produção.

Um importante objectivo do trabalho científico deve ser a ampliação das investigações no terreno das construções mecânicas e do aperfeiçoamento da tecnologia da produção e da mecanização dos processos do trabalho, da projecção e construção de diversas obras industriais, hidrotécnicas, civis, etc.

De particular importância são as investigações no domínio da agricultura, especialmente as que se relacionam com a protecção, extensão e melhoria das terras cultivadas, o aumento da capacidade genética das sementes e das raças, a melhoria da agrotécnica, a protecção das plantas e dos animais.

As condições específicas do nosso país indicam-nos a necessidade de pôr a tónica nas ciências aplicadas. Neste domínio deve ser

sobretudo concentrado o nosso trabalho de investigação, a ele se devem consagrar as principais forças científico-técnicas do país. Isto não significa que se desatendam as ciências fundamentais, que constituem a base teórica das ciências aplicadas e da técnica moderna. A tarefa que se nos coloca é conhecer e assimilar os resultados e os métodos avançados destas ciências para melhor as pôr ao serviço da produção e para assegurar uma sólida preparação dos nossos especialistas.

Em todos os terrenos da ciência, e sobretudo nas ciências aplicadas, devemos elevar a qualidade e eficácia dos trabalhos de investigação científica. Todos os estudos que se empreendam devem ser completos — as suas diversas fases devem constituir um todo único, começando no estudo geral, passando à experimentação e à projecção e terminando na aplicação. Os estudos técnicos e tecnológicos devem ser acompanhados por estudos económico-financeiros que demonstrem a utilidade económica e a rentabilidade dos investimentos.

O aprofundamento da revolução técnico-científica em todos os domínios pôs em movimento grandes massas, despertou-lhes um interesse real por uma assimilação mais profunda dos conhecimentos científicos e pela experimentação em geral. Sobretudo, reforçou a confiança dos nossos quadros e trabalhadores na sua própria capacidade e no seu pensamento criador. Actualmente, estão criadas condições para que, em paralelo com o crescimento quantitativo e qualitativo das racionalizações e inovações, se passe gradualmente a uma etapa superior de melhorias e transformações de grande amplitude. Resultarão daí transformações mais radicais em benefício da produção, do equipamento técnico, das concepções tecnológicas e das formas organizativas, não apenas nas fábricas e departamentos fabris, mas em ramos inteiros de indústria. Para isso, será necessário elevar mais ainda o papel activo e a eficácia da ciência, que deve desenvolver-se não apenas nas instituições de investigação científica mas também através de uma larga aplicação no terreno concreto, nas fábricas e combinados, no campo, onde quer que se produzam bens materiais.

O avanço da ciência é condicionado em grande medida por uma

planificação mais exacta e clarividente, de acordo com as necessidades do país em todos os escalões do trabalho de investigação científica, por uma boa organização e coordenação da actividade das diversas instituições, pela criação de uma adequada base material e de laboratórios, viável para o nosso país, pela preparação, qualificação permanente e participação com alta eficácia dos especialistas nos diversos terrenos.

A Academia das Ciências continua a ser o maior e mais importante centro de investigações científicas do país. O Partido fixou-lhe como tarefa, a par da consolidação dos institutos científicos já existentes, o alargamento da sua actividade a outros terrenos, sobretudo aos das ciências naturais e técnicas, que contribuem directamente para a solução dos grandes problemas da produção.

A criação, no ano corrente, do Comitê da Ciência e da Técnica constitui uma importante medida adoptada pelo Partido, com o fim de orientar e organizar melhor o trabalho de investigação científica. É sua tarefa coordenar melhor toda a actividade científica nacional e ajudar à aplicação prática dos seus resultados.

Todos os órgãos do Estado, da base ao topo, devem dar provas do maior cuidado e interesse pelo desenvolvimento da ciência. Devem considerar a actividade científica como parte integrante e indivisível do seu trabalho para a planificação, organização e direcção da economia, da cultura e de toda a vida do país.

Para apoiar o desenvolvimento e o progresso da ciência é preciso viver mais perto da actividade científica e daqueles que a praticam, recolher a opinião dos especialistas e apoiar-se no que é novo, combater os obstáculos e lentidões burocráticas que ainda se verificam na realização dos estudos e sobretudo na sua aplicação.

Um objectivo fundamental do trabalho das organizações do Partido deve ser o cuidado em aplicar a política do Partido no domínio da ciência, de modo a centrar a investigação e o estudo nos grandes problemas de hoje e de amanhã e armar os nossos quadros científicos com a concepção do mundo marxista-leninista e com os ensinamentos do Partido.

IV

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL E A POLÍTICA EXTERNA DA RPS DA ALBÂNIA

O Partido do Trabalho da Albânia manteve-se atento ao desenvolvimento da situação internacional e dos acontecimentos no mundo. Analisou-os objectivamente e com realismo e retirou deles as conclusões apropriadas, guiando-se como sempre pelos princípios marxistas-leninistas. Em toda a sua actividade, o Partido fundamentou-se no facto de que os processos mundiais actuais exercem, em graus diversos, a sua influência sobre o nosso país. Seguimos e analisamos com particular interesse as situações internacionais para não sermos apanhados desprevenidos, estarmos sempre prontos para defrontar vitoriosamente qualquer perigo vindo do exterior e construir com sucesso o socialismo. Por outro lado, essa análise também nos é indispensável para podermos cumprir com correcção e eficácia o nosso dever internacionalista de apoio à luta dos povos pela liberdade e a independência nacional, pela democracia e o progresso social, e contribuir para a consolidação da paz e da segurança internacionais.

Vista no seu conjunto, a situação internacional actual é turva, complexa e tensa. Importantes forças políticas e sociais opõem-se entre si: dum lado, o imperialismo, o capitalismo e a reacção, portadores de opressão, exploração e guerra; do outro lado, os povos, os revolucionários e os democratas, em luta pela libertação nacional e social, pela emancipação da humanidade. Esta vasta e profunda confrontação em todos os domínios, que é a expressão de

agudos conflitos de classe e que atingiu todos os continentes sem excepção, agravou todas as contradições e a crise profunda que se apoderou do mundo capitalista actual. **Tudo indica que a situação actual do mundo está prenhe de uma conflagração geral e de guerras locais, tal como está prenhe de lutas de libertação e de revoluções.** A evolução dos acontecimentos mostrará se o imperialismo conseguirá conduzir o mundo a uma nova catástrofe ou se os povos impedirão a guerra e salvarão a humanidade.

Nesta situação, a luta dos povos e a revolução estão na ordem do dia, não apenas como uma aspiração e um dever imediatos para a libertação da opressão capitalista e do jugo imperialista, mas também como uma necessidade histórica para lançar por terra os planos belicistas do imperialismo e evitar uma nova conflagração mundial.

O imperialismo foi e é a fonte de todas as agressões e guerras de rapina, a causa de todas as desgraças e misérias que existiram e existem no mundo. Os povos têm pago com sangue e vidas a sede insaciável de conquista, exploração e dominação mundial dos imperialistas. A luta que actualmente travam as superpotências imperialistas e as grandes potências capitalistas pelos mercados e zonas de influência atesta precisamente este carácter permanente do imperialismo, a sua natureza e os seus objectivos.

O imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético enfrentam-se mutuamente, numa competição para levar a cabo agressões e apoderar-se de outros países. Em várias regiões do mundo, a luta entre as duas superpotências imperialistas. Estados Unidos e União Soviética, sem excluir a China imperialista e as outras potências capitalistas, tomou novas e mais vastas proporções. Cada uma destas potências esforça-se por assegurar a supremacia económica, política e militar sobre as outras, ocupar novas posições estratégicas. Embora o incêndio de uma guerra mundial ainda não se tenha declarado, as guerras locais que têm estalado e os perigosos focos que se criaram podem transformar-se na fogueira de uma guerra mundial imperialista. O Médio Oriente, e mais uma vez a Indochina são a clara prova disto. Esta rivalidade, esta política das superpotências, complica ainda mais a situação e cria nas

relações internacionais um elemento de tensão carregado de graves consequências.

Naturalmente, ao constatar que a rivalidade entre as superpotências e a exacerbação das suas contradições mútuas constituem a principal fonte dos actuais conflitos internacionais e do perigo de guerra, não podemos deixar de observar as suas tentativas para chegar a compromissos, acordos e mesmo alianças provisórias. A tendência para os afrontamentos e conflitos entre os imperialistas teve sempre como contrapartida os seus esforços para conseguirem acordos à custa dos povos.

Mas uma atmosfera de confiança recíproca jamais se poderá criar entre Estados imperialistas. Dada a sua natureza agressiva, eles agirão aberta ou secretamente uns contra os outros. Esta é a dialéctica das relações entre imperialistas.

As superpotências têm-se esforçado até hoje por manter um certo equilíbrio entre si, respeitar mutuamente as suas zonas de influência, marchar ao mesmo ritmo na corrida aos armamentos, evitar uma guerra directa. Mas agora, como resultado da crise e do seu desenvolvimento desigual, este equilíbrio tende a romper-se.

A sua expansão já não encontra espaços vazios para onde se possam estender. Qualquer passo duma delas choca com os interesses da outra, com o risco de uma reacção imprevisível. Daqui surgem os desequilíbrios e os perigos de afrontamentos armados, que podem conduzir a humanidade a uma guerra imperialista geral.

Em tempos, foi possível assinar o tratado de não-proliferação de armas nucleares, que assegurava aos Estados Unidos e à União Soviética o monopólio destas armas, e concluir inclusive os acordos SALT, que estabeleceram o equilíbrio entre as duas superpotências neste domínio. Actualmente, ambas as partes estão tomadas de uma incontível febre armamentista, que as fez perder a razão e a lógica. A megalomania e a arrogância das superpotências, que pensam poder ditar impunemente a lei ao mundo inteiro, estão misturadas com o medo recíproco e o terror que lhes infunde a revolução.

Os interesses das superpotências e os dos povos não são concordantes nem convergentes, em nenhum momento nem em nenhum

caso. A sobrevivência do imperialismo exige a escravidão dos povos e a libertação dos povos exige a destruição do imperialismo.

A política das classes reaccionárias que, para preservar o seu poder e enganar as massas, se apoiam num ou noutro Estado imperialista, classificando um de bom e outro de mau, um de amigo e outro de inimigo, um de pacífico e outro de belicista, é extremamente perigosa e deve ser combatida até ao fim. As superpotências, cada uma por si e ambas em conjunto, são os inimigos mais ferozes da liberdade e da independência dos povos, os defensores e garantes dos regimes reaccionários, sustentáculos do jugo nacional e estrangeiro, atizadores das querelas e conflitos que opõem as nações. A sua política constitui o perigo directo de lançar a humanidade numa terceira guerra mundial.

Por isso, hoje como no passado, a luta de todas as forças revolucionárias, progressistas e democráticas para denunciar e frustrar os planos de rapina e de escravização das superpotências imperialistas é uma necessidade histórica, uma condição e uma tarefa para a defesa da liberdade e da soberania dos povos, para o triunfo da revolução, para evitar a guerra e garantir a paz.

De uma maneira ou de outra, sob uma ou outra forma, todos os povos sofrem a ingerência ou a ameaça da política agressiva do imperialismo norte-americano, que representa a principal potência capitalista do nosso tempo e a principal muralha defensiva do sistema burguês-imperialista. Desde o fim da segunda guerra mundial, desde que alcançou a supremacia sobre as outras potências imperialistas e se tornou o principal pretendente ao domínio mundial, o imperialismo norte-americano fez derramar rios de sangue dos povos que atacou directamente ou através dos seus dóceis agentes. A mão do imperialismo norte-americano esteve sempre presente em cada processo contra-revolucionário que se produziu no mundo, em cada golpe fascista ou derrube da democracia, em cada ataque contra a revolução e o socialismo. Este imperialismo fez da ingerência nos assuntos dos outros países, do arbítrio e da imposição, uma prática corrente na vida internacional, fez da agressão e da ameaça da agressão a essência da sua política, de toda a sua acção.

A história não conheceu maior e mais insaciável espoliador das riquezas e do suor dos povos do que o capital norte-americano. As sociedades capitalistas norte-americanas que cravaram as garras sobre todo o globo, violam da maneira mais bárbara a soberania das nações e impõem a sua lei em numerosos países. Juntamente com a exportação de capitais, o imperialismo norte-americano exportou também o seu modo de vida, a corrupção e a degenerescência, o espírito de cosmopolitismo decadente que incita à submissão servil aos estrangeiros.

O imperialismo norte-americano cobriu o globo com as suas bases militares, que constituem os principais pontos de apoio da guerra e da agressão. Prossegue uma política de reforço dos blocos militares existentes e da criação de outros novos, através dos quais assegura a dominação norte-americana sobre os seus parceiros, ameaça abafar a ferro e fogo a revolução e a luta dos povos e defende pela força o sistema de opressão e violência capitalista.

Actualmente, o imperialismo norte-americano começou a aplicar, na sua política externa, uma linha mais dura, mais agressiva e aventureira. Apoia-se cada vez mais na força militar. A nova política de Reagan é disto claro testemunho.

O imperialismo norte-americano procura agora unir toda a reacção e as forças contra-revolucionárias mundiais numa cruzada única sob a égide norte-americana, contra a revolução, o socialismo, a liberdade, a independência e a soberania dos povos, contra os direitos democráticos. Considerando “zonas de interesses norte-americanos” quase todas as que produzem o petróleo e as principais matérias-primas, todas as rotas marítimas e os oceanos, todos os pontos estratégicos do globo, e proclamando oficialmente que intervirá pelas armas para defender estes “interesses”, o imperialismo norte-americano apresenta-se abertamente com um programa concreto destinado a estender o seu poder político e militar sobre o mundo inteiro. A criação do “corpo de intervenção rápida”, grande exército de agressão, pronto a intervir aonde o Pentágono o enviar para estabelecer a ferro e fogo o domínio dos Estados Unidos, é uma prova incontestável desta política.

Esta linha traduz-se igualmente na nova “doutrina” de

Washington, inaugurada por Carter e desenvolvida por Reagan, segundo a qual a paz no mundo e a segurança dos povos podem conseguir-se através do “crescimento do poderio e da superioridade americanas”. Na realidade, esta “doutrina” provoca e aproxima a guerra geral imperialista. A acumulação sem precedentes de armas de diversos tipos, desde as armas convencionais às bombas atômicas de centenas de megatoneladas, a excitação do espírito militarista, a mobilização total para assegurar a qualquer preço a superioridade militar dos Estados Unidos sobre o seu rival soviético, estão criando nos círculos dirigentes norte-americanos a concepção de que a guerra é não só inevitável como necessária.

Tudo isto demonstra que o mundo vai ter que fazer face a uma intensificação da política agressiva do imperialismo norte-americano, a uma escalada das suas intervenções nos assuntos internos dos demais países e, sobretudo, da utilização do seu potencial militar.

Nestas condições, toda a concessão ou recuo face ao imperialismo norte-americano, qualquer ilusão de que a sua política possa ter uma evolução positiva, comporta sérios perigos para a liberdade, a independência e a soberania dos povos.

A política hegemónica e expansionista de dominação mundial, a linha aventureira de preparação e excitação da guerra, caracterizam hoje igualmente o social-imperialismo soviético, tornado mais agressivo na sua estratégia global e sobretudo na forma como a aplica.

Desde a ocupação da Checoslováquia, a política da União Soviética tomou um carácter militarista cada vez mais marcado, que se traduziu no recurso à força armada para a realização dos seus objectivos expansionistas. Sucederam-se as intervenções militares. Após a Checoslováquia, foi a vez de Angola, do Yemem, da Etiópia, da Eritreia, onde os soviéticos intervieram por interpostas forças. Finalmente, veio o Afeganistão, que marca o início da grande marcha do social-imperialismo soviético para o Sul, onde se encontram as mais ricas fontes energéticas do mundo, os mais importantes nós estratégicos, as zonas onde se enfrentam e chocam as mais agudas rivalidades imperialistas.

A política da União Soviética adquiriu os mesmos traços agressivos, expansionistas, belicistas, da dos Estados Unidos. Isto observa-se claramente na identidade dos seus objectivos e no paralelismo dos seus caminhos. A União Soviética procura instalar bases militares fora das suas fronteiras, criar alianças político-militares com outros países, para os ter como pontos de apoio para estender o seu domínio sobre os povos e enfrentar-se com o imperialismo norte-americano. Também não se deixa ficar para trás na corrida aos armamentos. A União Soviética dispõe já de um importante arsenal militar, que aumenta e aperfeiçoa constantemente, nos seus preparativos de guerra. A economia soviética foi militarizada e posta ao serviço dos planos de conquista desta nova superpotência imperialista.

Resulta daqui que a União Soviética se tem desmascarado aos olhos dos povos como uma potência imperialista feroz, que ameaça abertamente e faz perigar a sua liberdade e independência.

Há, no entanto, pessoas e forças políticas em diversos países que continuam a ter ilusões da União Soviética, fazem uma ideia errada do seu regime e manifestam uma confiança ingênua na sua política. Isto é devido não apenas ao facto da União Soviética especular muito com o seu passado socialista e fazer passar a sua política de rivalidade com os Estados Unidos por uma política anti-imperialista. Há outras razões, a principal das quais resulta da expansão soviética se realizar geralmente através da penetração nos movimentos anti-imperialistas e libertadores, mediante a instrumentalização e a utilização destes em seu próprio benefício. Os factos têm mostrado que foram vítimas desta expansão, não apenas os que confiaram na “ajuda internacionalista” da União Soviética, mas também os que contavam com a sua “ajuda” e a sua aliança para se oporem ao imperialismo norte-americano e aos outros imperialismos, ou para se libertarem deles.

É necessário denunciar em especial a demagogia pacifista da União Soviética, os slogans kruchovistas da “coexistência pacífica”, a propaganda revisionista enganadora que procura persuadir os povos de que só através do pretenso desanuviamento entre as superpotências a guerra poderá ser evitada e que a paz e mesmo a

sua independência nacional e as transformações sociais poderão ser asseguradas nos seus países. É claro que os povos não defendem o agravamento da tensão e dos conflitos ou o emprego da força para resolver as questões internacionais. Mas o pretenso desanuviamento que pregam os revisionistas soviéticos não tem nada a ver com a garantia da paz e segurança internacionais, ameaçadas precisamente pelas duas superpotências imperialistas.

O desanuviamento apregoado pelos revisionistas soviéticos e outros não é mais do que a antiga teoria imperialista do equilíbrio e da harmonia entre as grandes potências. As teorias do “desanuviamento”, do “equilíbrio” ou do “bipolarismo”, idênticas quanto ao conteúdo, embora com algumas diferenças quanto à forma, pretendem garantir às superpotências as suas respectivas zonas de influência, erigir em lei internacional o seu *diktat* nos problemas mundiais, a submissão completa e incondicional dos outros países aos dois supergrandes, o abandono por estes países dos seus interesses e da sua soberania.

A política imperialista-revisionista de guerra, opressão e exploração chocou com a forte resistência do proletariado e dos povos do mundo. Os povos apercebem-se das intrigas e manobras, da estratégia e da tática das ferozes superpotências, Estados Unidos e União Soviética revisionista, e não cruzam os braços.

O mundo é hoje testemunha de que a luta da classe operária e dos povos oprimidos e explorados pelo capital internacional e pelo imperialismo tomou vastas proporções e reveste formas variadas, sem precedente no passado. A classe operária e todos os explorados combatem, de uma ou de outra maneira, com maior ou menor intensidade, todas as forças capitalistas dominantes, nacionais ou internacionais, que os exploram, submetem à miséria e oprimem econômica e moralmente.

Intensificou-se em todos os países capitalistas a resistência da classe operária aos ataques da burguesia e a sua luta para defender o nível de vida e os direitos democráticos. Não só as greves e manifestações se tornam mais frequentes, como a participação dos operários nelas atinge números sem precedentes. Contam-se por milhões os operários grevistas nos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha

Federal, Itália, França, Espanha e noutros países. Estas greves e manifestações assumem um carácter cada vez mais combativo. Isto é também confirmado pelo facto de, em muitos países da Europa e da América, os aparelhos repressivos da burguesia terem que fazer uso das armas e entrar em choque com os operários, além de adoptarem outras medidas restritivas e repressivas. Tornam-se mais frequentes os casos em que os operários desobedecem aos sindicatos burgueses e saem à rua contra o desejo e as ordens dos caciques sindicais.

No período actual, a luta dos trabalhadores é dirigida sobretudo contra as consequências da crise econômica, cujo peso a burguesia procura descarregar sobre as costas da classe operária. Contra esta injustiça e esta nova forma de saque, levantam-se as massas trabalhadoras, exigindo que não caia sobre elas este fardo, mas sobre os patrões. Lutam para conservar os seus postos de trabalho e o nível do salário real, contra a inflação e a carestia de vida, pelo aumento das verbas destinadas à saúde pública, ao ensino, à assistência social, etc.

Neste confronto diário entre a classe operária e a burguesia, revelam-se e desmascaram-se a demagogia social e política do capitalismo, o oportunismo e a acção sabotadora da social-democracia, do revisionismo e dos sindicatos por eles dirigidos. Esta indignação e esta revolta, que golpeiam, sob formas e em graus diferentes, a burguesia capitalista e revisionista, constituem um ataque directo e contundente contra as tenebrosas forças da guerra, que pretendem destruir a humanidade.

Nos países capitalistas e revisionistas, a classe operária encontra-se amarrada por numerosas cadeias que o Estado burguês e os diversos partidos lançam sobre ela. Mas esta situação não pode durar eternamente. A agudização das contradições entre o trabalho e o capital e, em geral, a opressão capitalista e imperialista, provocam uma rápida elevação da consciência política e de classe do proletariado, levando-o a tomar consciência de que só é possível libertar-se da opressão e da exploração pela luta de classes e pela revolução.

Actualmente, e em paralelo com a intensificação e ampliação da

luta da classe operária, observa-se um despertar geral dos povos oprimidos, um reforço dos sentimentos nacionais e um maior anseio de liberdade, de independência e soberania. Os movimentos de libertação dos povos adquiriram uma maior amplitude e qualidade, fortaleceu-se o seu carácter anti-imperialista, anti-social-imperialista e antineocolonialista.

A luta do povo iraniano, que varreu com a vassoura de ferro da revolução o Xá e o seu regime feudal, expulsou os seus patrões americanos e infligiu um rude golpe ao imperialismo. Os Estados Unidos sofreram no Irão uma grave derrota política, que são incapazes de remediar, quer pela via diplomática e das chantagens econômicas, quer pela intervenção militar, como foi a fracassada tentativa de Tabas. No Irão, o imperialismo norte-americano perdeu uma das suas mais importantes fontes de petróleo, lucros colossais e ainda a confiança que lhe dispensavam, como a um protector invulnerável, os seus “aliados” árabes do Golfo Pérsico. O compromisso israelo-egípcio de Camp David estremeceu, surgiram desacordos abertos e subterrâneos entre os parceiros da NATO.

A luta dos povos árabes contra os invasores israelitas e os seus patrões americanos ganhou em amplitude e intensidade. No centro desta luta encontra-se o heróico povo palestino que, em condições extremamente difíceis, trava há vários decênios uma batalha titânica para reconquistar a pátria que lhe é negada, para assegurar o direito a viver livre e independente na sua própria terra. O povo do Afeganistão bate-se com coragem e determinação contra os social-imperialistas soviéticos e os seus agentes locais para reconquistar a sua independência nacional.

Os povos da América Latina lutam e derramam o seu sangue contra as ditaduras fascistas, mantidas no poder pela ajuda directa do imperialismo norte-americano. O movimento revolucionário e libertador cresce e aprofunda-se e em bastantes casos consegue vencer os inimigos e sair vitorioso. Os mais recentes testemunhos são o triunfo da revolução na Nicarágua, que derrubou o ultra-reaccionário regime de Somoza, o rebentar da revolução em Salvador, etc. No “quintal” dos Estados Unidos, sopram agora fortes

tempestades, que nem as armas nem os dólares chegam para sufocar.

O continente africano também não está calmo. Graças a uma luta prolongada e perseverante, a quase totalidade dos países africanos conquistou a sua independência nacional. A população negra do Zimbabwe conseguiu, pela luta armada, conquistar os direitos que lhe eram negados por uma minoria reaccionária de antigos colonos. Mas não alcançaram ainda a liberdade a Namíbia e o povo da África do Sul, que continua a ser segregado e privado de quaisquer direitos. Os povos africanos não têm conciliado nem podem conciliar com o racismo. A sua existência ultraja-os e indigna-os.

As lutas de libertação nacional dos povos, o sangue derramado pelos povos em luta pela liberdade e a independência, reflectem o ódio e a indignação face à exploração capitalista e ao jugo imperialista. Confirmam as teses de Lênine sobre o imperialismo como capitalismo em decomposição, como antecâmara das revoluções proletárias. Confirmam que o imperialismo caminha para o abismo, que não está em condições de conter o ímpeto revolucionário dos povos que ousam levantar-se contra ele, sem temer as pressões, ameaças e intervenções imperialistas, mesmo armadas.

O agravamento da situação internacional e o perigo de guerra tornam-se mais agudos devido à grave crise econômica, política, ideológica, que hoje envolve o mundo capitalista e revisionista. A crise econômica actual é a expressão mais clara e concreta da exacerbação da crise geral do capitalismo. Enquanto a crise dos anos 30 atingiu sobretudo os Estados Unidos e os grandes países desenvolvidos, a crise actual arrastou no seu turbilhão todos os países capitalistas sem excepção, desenvolvidos ou não-desenvolvidos. A sua amplitude e profundidade são devidas a um certo número de novos factores do desenvolvimento do sistema capitalista após a segunda guerra mundial, como a concentração e a internacionalização cada vez maiores do capital, a dominação quase exclusiva do dólar no sistema financeiro mundial, a extensão da actividade das sociedades multinacionais e a parte cada vez maior que detêm na produção mundial, o aumento desmesurado das despesas improdutivas, sobretudo em armamento.

No surgimento e desenvolvimento da crise actual influíram, inclusive, em medida considerável e determinante, uma série de factores, como as lutas de classe e de libertação, o enfraquecimento geral das posições do imperialismo em consequência da destruição do sistema colonial e do aparecimento de dezenas de Estados novos, que lutam em diversos graus pela conquista da plena independência política e econômica.

Tal como as anteriores, a crise actual é uma crise de sobreprodução, produto e fenómeno inevitável do sistema capitalista. Mas esta crise, contrariamente às outras, prolonga-se durante um extenso período e não há indícios do seu fim.

A economia capitalista continua estagnada, em certos países observam-se fenómenos de recessão ou um crescimento insignificante. As exportações descem por todo o mundo devido à redução dos mercados. As capacidades produtivas dos grandes países industrializados, são cada vez menos exploradas. O desemprego, nestes países, afecta 25 milhões de pessoas. A inflação aumenta continuamente.

A crise actual provou, como qualquer outra, mas de forma mais nítida, que todo o sistema burguês, independentemente das formas exteriores que possa assumir durante o seu desenvolvimento, é incapaz de conseguir um desenvolvimento harmonioso da economia, de assegurar pão e trabalho para todos, não pode evitar as catástrofes económicas e a destruição das forças produtivas e da riqueza nacional, criadas com o suor e o sangue dos trabalhadores.

A crise actual é a crise e a bancarrota do capitalismo monopolista de Estado. O mecanismo monopolista estatal regulador da economia não só mostrou a sua incapacidade para evitar as crises, como inclusive se tornou mais um factor de agravamento das dificuldades económicas. Ficou assim confirmado que as intervenções do Estado monopolista e a programação capitalista não estão em condições de acabar com a concorrência, assegurar o pleno emprego da população e superar os obstáculos à reprodução social ampliada.

A crise actual desferiu um rude golpe no modelo da sociedade capitalista de “consumo”. Com ela, caíram igualmente por terra as

teorias econômicas do capitalismo actual, propagadas e aplicadas em todos os grandes países capitalistas, e que serviram também de inspiração a um certo número de países revisionistas para as suas reformas econômicas.

A crise actual mostrou claramente, não apenas a putrefacção da forma clássica do sistema capitalista, mas também da forma de capitalismo instaurado na União Soviética, que no fundo não é mais do que capitalismo monopolista de Estado com as suas superestruturas. Esta forma capitalista de opressão e exploração dos trabalhadores também não pôde evitar os abalos econômicos, a anarquia das forças produtivas, a recessão, a quebra do nível de vida das massas trabalhadoras, o recrudescimento dos males criados pela sociedade burguesa.

Para caracterizar nas suas grandes linhas a economia capitalista e revisionista à escala mundial, diríamos que se encontra num marasmo que degrada cada vez mais as relações sociais internas e as relações entre os Estados. Tem como traço saliente um ataque geral cada vez mais intenso contra o nível de vida e os direitos dos trabalhadores. Em quase todos os países, reduzem-se de maneira drástica as verbas destinadas à saúde pública, ao ensino, aos subsídios para a infância, às pensões, etc.

Paralelamente ao agravamento da situação econômica dos trabalhadores, ouve-se na maior parte dos países capitalistas reclamar cada vez mais um governo “forte”, a fim de impor à população medidas anti-operárias e conter o crescimento da luta de classes. Sucedem-se em diversos países os golpes militares, os actos terroristas e anarquistas, organizados pelos governos burgueses capitalistas no poder, há um contrabando colossal e roubo organizado à escala nacional e internacional, desenvolve-se a corrupção política, moral e física de forma ilimitada e espantosa. O fascismo espreita numerosos países.

A crise presente mostrou que em todos os níveis e sob todos os aspectos, a análise do capital feita por Marx e as conclusões de Lênine sobre o imperialismo não só se mantêm justas como constituem também a base científica essencial para compreender os

actuais processos sociais do mundo capitalista e as tendências ao seu desenvolvimento.

A crise econômica e a política agressiva das superpotências agravaram todas as contradições entre as potências imperialistas e golpearam duramente os seus blocos e alianças. As relações econômicas, políticas e militares nos diversos agrupamentos imperialistas e revisionistas são abaladas. Os membros dos blocos ocidental e oriental esforçam-se por aproveitar as brechas que surgem, por encontrar pretextos para não cumprir os compromissos, tratados e acordos que assinaram. Aos velhos conflitos e rivalidades somam-se outros novos. Isto manifesta-se de modo especialmente claro no bloco ocidental.

A política americana do cacete contra os povos é acompanhada por uma forte pressão sobre os seus sócios e clientes. O imperialismo americano exige da Europa, do Japão e da China não só colaboração em todos os terrenos como completa submissão. Trata de obrigar os seus aliados da NATO a aumentar os orçamentos militares e aceitar a instalação nos seus territórios dos novos mísseis norte-americanos “Pershing” e “Cruise”, tenta impedi-los de ter uma política independente e de namorar a União Soviética ou os árabes. Mas a situação actual no mundo e a própria posição dos Estados Unidos já não é a da época de Truman e do plano Marshall.

Hoje, tende a reduzir-se a superioridade do poderio político e econômico dos Estados Unidos sobre a Europa ocidental. O Mercado Comum e o Japão ameaçam-nos com a sua poderosa concorrência. Se, em 1950, a produção industrial dos EUA representava 2/3 da produção industrial mundial, hoje não é mais do que 1/3. Se naquela época os Estados Unidos dispunham de metade das reservas monetárias mundiais, hoje não dispõem de mais de 7%. A liderança do imperialismo americano enfraqueceu muito e é aceite com relutância cada vez maior.

Os países europeus membros da NATO organizaram e reforçaram o seu potencial econômico dentro e fora dos seus países, consolidaram o seu arsenal de guerra e criaram o seu próprio organismo reaccionário, o Mercado Comum. Este tende a opor-se, o mais possível, à chefia americana, travar a expansão americana nos

mercados dos países membros, concorrer nos mercados norte-americanos e ampliar os seus. Cada um dos grandes Estados da Europa ocidental procura reconstituir e reforçar em larga escala as suas zonas de influência.

A estratégia dos monopólios europeus visa fazer da Europa uma superpotência econômica, depois política e por fim também militar. Mas justamente nestes terrenos terão que se enfrentar com as superpotências e com as demais potências imperialistas.

Para os Estados Unidos, a China e também o Japão são peões muito favoráveis no tabuleiro da actual situação. É certo que a China é um parceiro mais fraco do que a “Europa unida”, mas tem maior necessidade da América do Norte e é inimiga da União Soviética. Por isso, o imperialismo norte-americano decidiu fornecer-lhe armamento em abundância, mesmo armas ofensivas. Entretanto, pressiona o Japão para que este aumente o seu orçamento militar, o seu exército e o seu armamento.

Actualmente, tomou corpo no Extremo Oriente uma nova aliança imperialista entre os Estados Unidos, o Japão e a China, que representa um novo perigo de guerras locais ou de uma conflagração geral. Para além do imperialismo americano, que sempre considerou os grandes espaços do Pacífico como zonas submetidas sem discussão à sua influência, vê-se agora o Japão, superpotência econômica animada com novas aspirações imperiais, avançar por sua vez com pretensões hegemónicas. Os mesmos objectivos prossegue nesta zona a China, que sonha estabelecer o seu domínio exclusivo na Ásia e na Oceania. Os Estados Unidos, pela sua parte, esforçam-se por canalizar as tendências de expansão da China e do Japão contra a União Soviética.

A fim de contrabalançar a frente americano-sino-japonesa, a União Soviética procura penetrar em África, no Médio Oriente, no Paquistão. Indochina e, se possível, na Índia, enquanto na Europa se esforça por manter o “desanuiamento” com os países do Mercado Comum e pratica uma política de ruptura das frentes existentes. Por outras palavras, faz todo o possível para enfraquecer o cerco que lhe é movido, dividir o bloco militar que se prepara e se desenvolve nos seus dois flancos, na Europa e na Ásia, garantir

posições estratégicas dominantes para a eventualidade de uma guerra. Mas a Europa, seriamente ameaçada pela União Soviética, também não quer correr perigo. Está disposta a incitar os outros, especialmente a frente sino-japonesa, para que se voltem contra a União Soviética e tirem por ela as castanhas do lume.

Além disso, a Europa tem os seus problemas internos, que frequentemente a paralisam. A “Europa unida” não está realmente unida. O parlamento de Estrasburgo não encontra qualquer solução para os seus numerosos problemas nem para as contradições que corroem o Mercado Comum. As querelas, as rivalidades, a oposição de interesses entre os Estados, aumentam até um ponto tal que põem em perigo a própria existência do Mercado.

As contradições e desacordos também se exacerbaram muito na chamada comunidade socialista. Na situação difícil que atravessa, a União Soviética não está em condições de satisfazer os pedidos dos seus aliados para um desenvolvimento normal das suas economias. Reduzidos desde há anos ao papel de apêndices da economia soviética, estes países são obrigados a submeter-se às suas flutuações e aos seus caprichos.

Também se produzem fricções e dissensões devido à tendência dos países satélites para se aproximarem do Ocidente e colaborarem com ele. A União Soviética esforça-se por travar esta aproximação e manter os países da Europa oriental acorrentados. Para isso, procura por todos os meios consolidar o Pacto de Varsóvia, o COMECON e os outros organismos militares nestes países, etc. Quando não o consegue a bem, recorre aos carros de combate, como fez em 1968 na Checoslováquia.

Os recentes acontecimentos da Polónia, que conduziram este país à beira da catástrofe económica e estão a provocar grandes perturbações sociais e políticas, são o melhor teste da gravidade da situação na “economia socialista” e das profundas contradições que a minam. A crise é consequência da linha seguida pelo partido revisionista polaco para a restauração do capitalismo, da submissão total do país à União Soviética, da abertura das portas aos capitais ocidentais, do endividamento da Polónia, que atinge a

soma astronômica de 27 bilhões de dólares. Essa é também a origem das revoltas da classe operária e dos trabalhadores polacos.

A revolta dos operários na Polônia confirmou duas questões capitais e com uma importância de princípio. Mostrou, primeiro, que a força da classe operária é capaz de abater um poder reaccionário, seja capitalista ou revisionista.

Testemunhou por outro lado que o factor subjectivo, a força política que dirige a classe operária, tem um papel decisivo. No caso do “Solidariedade”, a classe operária é manipulada e dirigida pela Igreja católica e pela reacção polaca e mundial, que lutam por instaurar, através de uma via cheia de perigos e trágicos imprevistos, um outro regime revisionista-capitalista. Se, pelo contrário, o factor subjectivo residisse num autêntico partido comunista marxista-leninista, a classe operária polaca realizaria uma revolução proletária e instauraria a ditadura do proletariado.

A via a seguir pela classe operária e pelo povo da Polónia, assim como pelos de todos os outros países revisionistas, para se libertar da exploração capitalista e da opressão estrangeira, não é a conciliação com o regime revisionista no poder e a submissão ao social-imperialismo soviético, nem a união com o capital e a reacção ocidental. A única via capaz de assegurar o desenvolvimento económico, a liberdade e a independência do país e o restabelecimento do socialismo é a luta aberta e resoluta das massas populares, sob a condução da classe operária, tendo à cabeça um verdadeiro partido marxista-leninista.

O agravamento das contradições entre as potências imperialistas, assim como entre elas e os seus parceiros nos blocos militares e económicos, conduz de forma crescente a novos conflitos e tensões, a guerras de carácter local e geral por uma nova partilha de mercados, de fontes de matérias-primas e de zonas de influência. Trata-se de uma lei do desenvolvimento do capitalismo.

Mas as contradições e os conflitos inter-imperialistas contribuem para o enfraquecimento do sistema imperialista no seu conjunto e de alguns dos seus elos em particular. As forças revolucionárias conscientes devem saber aproveitar as situações

criadas por estas contradições para mobilizar as massas, assegurar a sua consciencialização e lançá-las na luta e na revolução.

Actualmente, o sistema neocolonialista, erguido pelo imperialismo após a segunda guerra mundial, conhece igualmente uma grave crise. Para manter o seu domínio político e econômico sobre os antigos países colonizados, assegurar a exploração máxima das suas riquezas e travar o crescimento dos movimentos de libertação dos povos, os imperialistas imaginaram e puseram de pé novas formas de opressão e submissão, cada vez mais falsas e sofisticadas.

Através do sistema de créditos, empréstimos, ajudas e fundos diversos, transformaram estes países em devedores permanentes, à mercê dos credores, que lhes exigem, a troco das somas emprestadas, não apenas os títulos de propriedade, mas até a sua alma. Paralelamente ao sistema de créditos e ajudas, cresceram as multinacionais, que se tornaram, não apenas concessionários monopolistas da exploração de minas, de poços de petróleo, da energia eléctrica, do comércio grossista, das comunicações, etc., mas também centros políticos a que estão ligados os diversos grupos no poder nestes países. Os grandes bancos, com nomes sonantes, como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, o Fundo Europeu de Desenvolvimento, tornam-se estados-maiores do neocolonialismo internacional para a dominação e exploração dos países que alcançaram a independência. São estes centros financeiros e políticos que, em ligação com as multinacionais, organizam e fomentam os golpes de Estado, derrubam governos e os substituem por outros, provocam mesmo guerras locais, de cada vez que os interesses do grande capital o exigem. Estes conflitos tornam-se um grande negócio para a venda de armas e um polígono de ensaios ao vivo.

Mas paralelamente a esta exploração selvagem, os antigos países colonizados têm atravessado, nas suas estruturas económicas e sociais, mudanças resultantes dos investimentos que aí foram feitos, da introdução de novas técnicas e tecnologia, da extensão das comunicações, etc., a que os imperialistas recorreram para pilhar mais a fundo e mais depressa as suas riquezas do solo e do subsolo. Isso conduziu também, em cada um destes países, à formação de

novas camadas sociais, como a burguesia nacional, diferentes categorias de operários e uma nova intelectualidade necessária aos sectores económico, político e administrativo.

O progresso abriu os olhos a muita gente destas camadas, sobretudo da nova intelectualidade, que já não aceitam as formas e métodos existentes para oprimir e explorar os povos.

O nível de consciência nacional e revolucionário cresceu por toda a parte. É o que evidencia a extensão do movimento dos diversos países e forças que lutam pelo estabelecimento da soberania nacional sobre as suas riquezas, pela revalorização das suas matérias-primas e fontes de energia, pela igualdade nas trocas e vantagens recíprocas no comércio internacional, pela modificação do sistema monetário internacional estabelecido pelo imperialismo, pela limitação e supressão do poder económico monopolista das sociedades multinacionais, etc. Este movimento agravou a crise económica actual, em particular a crise da energia e das matérias-primas, que se abate sobre o mundo capitalista e revisionista.

Foi com o petróleo pilhado aos outros povos e com as matérias-primas pilhadas a baixo preço que as grandes potências capitalistas construíram os seus impérios industriais. A delapidação parasitária e incontrolada das fontes de energia e das reservas mundiais de matérias-primas conduziu à situação crítica reinante neste sector fundamental para o desenvolvimento da economia de qualquer país.

É claro que continua a haver fontes de energia e de matérias-primas, mas já não se encontram a baixo preço. As grandes potências imperialistas e capitalistas já não estão hoje em condições de controlar as fontes de matérias-primas e de impor os seus preços. As suas pressões para a manutenção de baixos preços para o petróleo e matérias-primas chocam com a resistência dos países produtores, que despertaram e defendem os seus próprios interesses, que querem desenvolver-se, investir na indústria, na agricultura e noutros sectores da economia nacional.

A resistência e a luta dos povos dominados pelo neocolonialismo para defender os seus direitos, as suas riquezas e a sua

soberania nacional, são um processo irresistível, que crescerá e se desenvolverá no futuro.

O imperialismo, com o seu sistema de opressão e exploração neocolonialista, sente profundamente este perigo e por isso faz o possível, aqui pela demagogia e a mistificação, mais além pela força, para reprimir este movimento, para esvaziar o seu conteúdo progressista e revolucionário, para o desviar e conduzir a um impasse. Por outro lado, para mistificar os povos dos países oprimidos e dependentes e manter por qualquer preço este sistema podre, os seus defensores procuram convencer a opinião pública internacional de que estes países são inteiramente livres e soberanos, que têm o direito de “falar com toda a independência” nos diversos organismos internacionais, e inclusive de discordar das superpotências e de as contradizer.

O imperialismo estimulou e encorajou a criação de diversos movimentos e teorias para darem esta impressão. Tal é, entre outros, o movimento dos “não alinhados”. A sua justificação fundamental tem sido apregoar a não-participação nos blocos políticos e militares e a defesa dos interesses dos países economicamente subdesenvolvidos contra a política das superpotências. Mas agora que a rivalidade entre as superpotências se acentua e que a crise lhes reduziu o campo de manobra, verifica-se que a maioria dos países “não alinhados” se ligam a uma ou outra das superpotências. Com a divisão deste movimento e o surgimento de numerosos conflitos entre os diversos países ditos não alinhados, assistiu-se também ao afundamento das teorias demagógicas montadas com grande aparato por diversos líderes políticos, que pretenderam tornar-se dirigentes e ideólogos deste movimento, sobretudo os jugoslavos. Actualmente, não passa de um movimento de contornos mal definidos, fluido e flutuante, que se reanima ou extingue segundo as conjunturas e os interesses das superpotências.

A dado momento, surgiu também a teoria chinesa dos “três mundos”, com a função de defender o neocolonialismo e, em particular, a dominação norte-americana sobre o mundo. Mas derreteu-se como neve ao sol. Em pouco tempo queimou os seus cartuchos. O

128

nosso Partido desmascarou e fustigou esta teoria reaccionária e contra-revolucionária.

Nestes últimos anos, tem sido feita uma enorme propaganda em torno da chamada “nova ordem econômica internacional”, que seria destinada a resolver a infinidade de problemas que preocupam os países de economia subdesenvolvida, como a industrialização, a alimentação, a transformação das estruturas produtivas, etc. A propósito desta “nova ordem”, foram elaboradas diversas teorias, foram apresentados minuciosos esquemas e projectos, empreenderam-se mesmo acções concretas, como o pretenso diálogo Norte-Sul, a Conferência dos 77 e as sessões extraordinárias da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Mas os anos passam e nada de substancial é realizado, porque os imperialistas e os neocolonialistas não renunciam aos seus privilégios e posições dominantes. Para além das resoluções estereis das diversas reuniões internacionais e da decisão de celebrar novas reuniões, nada mais resta.

As relações econômicas internacionais devem mudar, isso é imprescindível. Esse é o voto e a exigência dos povos que combatem para se libertar das grilhetas do neocolonialismo. Mas qual a via para o conseguir? Os revisionistas e outros oportunistas defendem o caminho da propaganda, da educação dos capitalistas, das negociações. Tentar fazer crer que uma nova ordem econômica internacional pode ser obtida com sermões não é apenas perder o sentido das realidades, é também uma mistificação deliberada. A justa via a seguir é a luta dos povos para defender os seus direitos até ao fim, a sua firme oposição à pilhagem neocolonialista, a tomada nas suas mãos da gestão soberana das suas riquezas nacionais. Só assim os países subdesenvolvidos poderão impor às grandes potências imperialistas e capitalistas as suas justas exigências de igualdade nas trocas econômicas, de cooperação assente em vantagens recíprocas, etc.

As potências imperialistas, maiores ou menores, julgam ter nas suas mãos os destinos dos povos e da humanidade e nesta base constroem teorias e desenvolvem acções visando submetê-los. Essas potências agressivas subestimam a força dos povos. Obcecadas,

recusam ver que cada passo em frente dos povos para se oporem à sua dupla opressão e escravização, externa e interna, representa uma brecha sempre maior nos muros da prisão capitalista e imperialista.

O imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético fazem grandes esforços para aparecer como duas superpotências invencíveis. É um facto que dispõem de um grande potencial militar e económico, influenciam e interferem nos assuntos internos dos demais Estados. Mas a posse de armas, de dólares ou de rublos não torna uma potência invencível. Há que considerar as superpotências imperialistas tal como são na realidade, sem as subestimar mas também sem as sobrestimar. São poderosas e ferozes mas também putrefactas, carcomidas, degeneradas, com os alicerces minados.

O capital mundial faz grandes esforços para escapar à crise, às lutas de libertação dos povos, essa temível tenaz que o colheu pela garganta e o estrangula. Mas não tem salvação, porque é o próprio sistema capitalista que cria as suas crises políticas, económicas e ideológicas, que as alimenta e aprofunda em extremo. Para sair do caos criado pelo capitalismo, para escapar de uma vez por todas à opressão e exploração capitalistas, ao jugo estrangeiro neocolonialista e ao domínio da reacção, não há outra alternativa para além da revolução, do derrube do imperialismo e do capitalismo.

A luta dos povos e do proletariado contra os seus inimigos irá por diante. É um processo histórico objectivo que nenhuma força do mundo pode deter.

Devido às situações complexas e difíceis que se criaram e criam no mundo, o nosso Partido e o nosso Estado socialista têm por tarefa manter sempre desperta a vigilância revolucionária e tomar medidas para o reforço geral da nossa economia e da nossa defesa, da unidade do povo e da sua consciência política. Estas situações exigem igualmente que a nossa política externa seja activa, que sirva cada vez melhor a defesa dos interesses da Pátria e das conquistas do socialismo, o progresso da causa da revolução, da libertação dos povos e da paz no mundo, que apoie todos os processos que

contribuam para a emancipação e progresso da sociedade humana actual.

A nossa política externa, política de um Estado socialista, de uma sociedade verdadeiramente livre e sem classes exploradoras, é uma política revolucionária e internacionalista. Está isenta de qualquer traço de nacionalismo burguês estreito, de chauvinismo, de exclusivismo nacional ou de desprezo pelos outros povos. O povo albanês respeita todos os povos e deseja o seu bem.

A República Popular Socialista da Albânia mantém-se fiel ao princípio de que todos os povos têm direito a escolher a sua própria via de desenvolvimento, a decidir soberanamente o seu destino.

A Albânia socialista, país inteiramente livre, diz abertamente o que pensa, sem hesitação e com a maior franqueza, aplica uma política externa soberana, não condicionada por pactos políticos, tratados militares ou organizações econômicas fechadas. Não baseia o seu desenvolvimento econômico e político, a sua defesa e o seu futuro, em créditos, empréstimos ou ajudas de outros Estados, mas nas suas próprias forças.

Desta forma, a voz da Albânia permanece uma voz livre, realista e objectiva, num mundo onde a dependência econômica e a sujeição de numerosos Estados às grandes potências imperialistas entravam e deformam qualquer pensamento e acção independentes.

Durante o período decorrido desde o 7º Congresso do Partido, o nosso Estado, baseando-se nos conhecidos princípios da igualdade, do respeito pela soberania, da não ingerência nos assuntos internos dos outros e das vantagens recíprocas, alargou as suas relações diplomáticas, comerciais e culturais com um número crescente de Estados e tem intensificado constantemente o intercâmbio em diversos domínios. Hoje, a República Popular Socialista da Albânia mantém relações diplomáticas com 95 Estados, contra 74 aquando do 7º Congresso do Partido.

A política do nosso Partido e do nosso Estado socialista foi e será sempre favorável ao reforço contínuo das relações sinceras de amizade e colaboração com todos os povos amantes da liberdade e da paz, com todos os que lutam contra a política agressiva e hegemônica dos imperialistas. Somos pelo desenvolvimento de uma

colaboração sincera com todos os países que mantêm uma atitude correcta e amigável para com a Albânia.

O nosso Partido e o nosso país são contrários a todas as práticas imperialistas e neocolonialistas, de desigualdade, discriminação e imposição de grande Estado nas relações internacionais. Defendemos que as relações entre Estados, grandes ou pequenos, sejam libertas de qualquer pressão ou imposição econômica, política ou militar, e que sirvam ao desenvolvimento econômico, cultural, social, ao reforço da amizade entre os povos e Estados soberanos, assim como à salvaguarda e consolidação da paz no mundo.

O nosso Estado socialista sempre tem sido a favor de um desenvolvimento normal e sem peias do comércio internacional, na base da igualdade e das vantagens recíprocas. O nosso país defende trocas comerciais equilibradas, sem discriminações nem medidas restritivas, tendo-se pronunciado contra as relações desiguais nas trocas comerciais, contra a manipulação dos preços e, em geral, contra as maquinações dos que visam explorar as relações comerciais como meio de pressão para impor a sua vontade e concepções políticas a outros Estados.

Não confundimos as trocas comerciais com a aceitação de ajudas e créditos. Trata-se de duas coisas bem diferentes, sem qualquer ligação entre si.

O comércio externo, tal como o concebemos e praticamos, deixa ao Estado albanês toda a liberdade de acção e decisão, para dizer o que pensa e para construir o país com as suas próprias forças, como entende.

O nosso país concluiu uma série de acordos culturais com numerosos países e mantém intercâmbios regulares no domínio da arte, cultura, ciência, desporto, etc. Estas relações contribuíram para o conhecimento recíproco das realizações e progressos dos nossos povos. Apreciamos e acolhemos tudo o que os outros povos têm de bom e progressista. A experiência e a cultura progressistas são um tesouro de toda a humanidade. Simultaneamente, esforçamo-nos também por dar a conhecer aos outros povos os valores da nossa cultura, tão progressista como antiga.

A política interna e externa de princípios e independente do

nosso Partido e do nosso Estado socialista, a sua justa atitude nas questões internacionais, a sua luta ao lado dos povos e contra o imperialismo, reforçaram a posição internacional da Albânia e elevaram o seu prestígio.

A palavra da Albânia é escutada, a sua acção olhada com respeito pelos povos e trabalhadores de outros países, porque vão ao encontro dos seus interesses e aspirações. Por isso, a nossa política é apreciada e aprovada pelos povos e a opinião progressista mundial, seguida com interesse e simpatia por países e Estados com regimes sociais diferentes, sendo em contrapartida objecto dos ataques da reacção e dos revisionistas modernos soviéticos, jugoslavos, etc.

O nosso Partido e o nosso Governo, como é natural e compreensível, dedicaram um cuidado particular às relações com os países vizinhos e, num quadro mais amplo, com os países europeus. As nossas atitudes a este respeito são conhecidas e invariáveis. A política externa da Albânia, em qualquer instante ou situação, tem procurado contribuir na medida do possível para o reforço da paz e da segurança internacional no nosso continente, para o reforço da colaboração entre os povos que dele fazem parte. Declarámos e voltamos a declarar que a participação da maioria dos países europeus nos blocos políticos e militares das superpotências constitui a desgraça deste continente. Aí têm origem as suas divisões e cisões, as tensões e os frequentes afrontamentos entre diversos países europeus.

A política que tenta persuadir os povos europeus de que, abrigando-se sob os guarda-chuvas atômicos das superpotências, defenderão a sua liberdade e independência nacional e a paz geral, é uma mistificação nefasta. Esta política, não só não assegura esses objectivos, como pelo contrário os sacrifica. O facto é que, em nome de uma segurança futura, se sacrifica a segurança presente, mutila-se a soberania, restringem-se a liberdade de acção e a independência nas tomadas de posição na arena internacional de um bom número de Estados do Leste e do Ocidente.

A Declaração de Helsínquia é apresentada aos povos europeus como garantia de independência, soberania e paz. Formulámos

abertamente a nossa opinião acerca da Conferência de Helsínquia e da pretensa segurança europeia. A Albânia socialista não participou nessa conferência e denunciou-a como uma farsa montada pelas duas superpotências para assegurar e reforçar as suas respectivas zonas de influência na Europa, legitimar e perpetuar o seu domínio neste continente. Os acontecimentos verificados na Europa e nas regiões vizinhas desde a Conferência de Helsínquia até à data, confirmam e justificam plenamente a atitude da Albânia.

O tempo mostrou que o pretenso “espírito de Helsínquia”, a “cooperação pacífica”, a “livre circulação de pessoas e ideias”, etc., não passam de palavras vazias para mistificar os povos europeus, alimentar-lhes a ilusão de que o perigo de guerra está afastado, que a sua salvação reside na manutenção do *statu quo* imperialista na Europa.

O nosso ponto de vista é que só a oposição resoluta ao imperialismo norte-americano e ao social-imperialismo soviético, a liquidação dos blocos militares e a retirada da Europa das armas nucleares e dos exércitos estrangeiros, podem assegurar a paz no continente.

Os problemas dos Balcãs são os mesmos que preocupam a Europa no seu conjunto. Mas aqui, devido à posição estratégica desta península e a querelas antigas, os conflitos são mais agudos e os perigos mais graves.

A situação torna-se ainda mais complicada pelo facto das superpotências, partindo dos seus interesses hegemônicos e do seu desejo de fazer dos Balcãs um barril de pólvora permanente, se esforçarem por suscitar paixões e sentimentos chauvinistas, opor os povos e os países da península uns aos outros, impedir o desenvolvimento normal e positivo das suas relações recíprocas, minar o reforço da amizade entre povos vizinhos.

Os perigos nos Balcãs são agravados, em particular, devido à participação de alguns destes países nos blocos militares e económicos das superpotências, à existência de bases militares estrangeiras, à autorização dada às esquadras americanas e soviéticas para permanecer nos seus portos e águas territoriais, etc.

Esta situação cria tensões e perigos para os povos balcânicos. Contrária, em todos os domínios e sob todos os aspectos, os esfor-

ços e desejos sinceros dos povos dos Balcãs para o estabelecimento da confiança, do entendimento e da cooperação autêntica entre os países da nossa península.

A República Popular Socialista da Albânia considera que a melhor maneira de servir as verdadeiras aspirações dos povos dos Balcãs, a paz e a estabilidade nesta zona, é impedir que as superpotências imperialistas intervenham nos assuntos internos dos países da nossa zona e dar passos concretos e construtivos com vista ao desenvolvimento de relações baseadas na política de boa vizinhança. A situação nos Balcãs melhoraria muito se os países balcânicos se comprometessem oficialmente a não permitir o uso pelas superpotências dos seus territórios para ameaçar ou pôr em perigo países vizinhos. No futuro, como no passado, a Albânia socialista manter-se-á fiel a esta política e não poupará esforços para que o respeito recíproco e uma verdadeira compreensão presidam às suas relações com os Estados vizinhos.

Por estes mesmos princípios e objectivos se tem guiado a Albânia nas suas relações com a Jugoslávia. Deseja e procura manter com ela relações normais e correctas, de boa vizinhança, no domínio comercial, dos transportes, das trocas culturais, e noutros de interesse recíproco.

Nas nossas relações com a Jugoslávia, sempre partimos do facto de que os nossos povos vivem desde há séculos lado a lado, que os seus destinos históricos foram muitas vezes comuns e quando os invasores atacaram um deles não pouparam o outro. Por esta razão, independentemente das contradições ideológicas e políticas que existiram e existem entre os nossos dois países e que são notórias, independentemente da polémica ideológica conduzida por ambas as partes, temos sempre procurado viver em paz e em relações de boa vizinhança com a Jugoslávia, sem ingerência recíproca nos assuntos internos e respeitando mutuamente os direitos de cada um.

A política da Albânia socialista para com a Jugoslávia tem sido invariável, nas suas bases e nos seus princípios. Se nas relações albanio-jugoslavas tem havido altos e baixos, melhorias e endurecimentos, a culpa não foi nossa mas dos círculos dirigentes jugoslavos. O agravamento actual nas relações entre a RPS da Albânia e a

RSF da Jugoslávia é também consequência das acções chauvinistas das autoridades de Belgrado para com a população de Kosova e da nova campanha hostil que lançaram contra o nosso país.

As atitudes e o comportamento dos jugoslavos não levarão a República Popular Socialista da Albânia a mudar de princípios nem de caminho. A Albânia deseja que as relações estatais entre os nossos dois países, nos diversos domínios, se desenvolvam normalmente. Mas isso dependerá da atitude da Jugoslávia para com a Albânia socialista e da maneira como forem tratados os albaneses de Kosova e das outras regiões da Jugoslávia.

O problema dos albaneses que vivem nas suas terras na Jugoslávia não é o de uma “minoria” vinda ou estabelecida numa qualquer zona “vazia”, por emigração económica, nem provocado pela irrupção do Império Otomano, nem pelo crescimento demográfico natural dos albaneses, que parece inquietar os novos Malthus grande-sérvios. Os albaneses da Jugoslávia constituem uma etnia, um povo formado ao longo dos séculos, que possui a sua história, a sua língua, a sua cultura, um povo autóctone que, como se sabe, foi desmembrado e arrancado à mãe-pátria pelas grandes potências imperialistas que o anexaram à Jugoslávia. Ninguém pode esconder este facto. Qualquer outra interpretação é arbitrária, é uma falsificação grave e deliberada da história.

O povo albanês não deixou a definição da mãe-pátria da etnia albanesa ao cuidado dos invasores fascistas ou de quaisquer outros. Os albaneses bateram-se sem descanso durante séculos contra inimigos ferozes e muito numerosos, para defenderem a sua identidade nacional e a sua própria existência. Em todas estas guerras, na derrota como na vitória, nos longos anos de cativeiro, em toda a sua história, o povo albanês nunca perdeu a sua identidade e a sua consciência nacional, a sua coesão e unidade. Manifestou-as em todas as circunstâncias com uma vitalidade excepcional e exemplar.

Os grandes impérios e as grandes potências não conseguiram suprimir a etnia compacta dos albaneses, não puderam assimilá-la, alterar a sua cultura, a sua língua, os seus usos e costumes. A prová-lo está a própria existência do povo albanês. A história atesta que, sem qualquer apoio das potências estrangeiras, que sempre lhe

foram adversas, ele combateu vitoriosamente pela liberdade da sua nação e pela sua coesão, pela sua independência de Estado soberano, da sua cultura e dos seus direitos naturais e legítimos. Em todas as circunstâncias, foi com a luta e pelo sangue derramado que conseguiu a vitória.

Durante a segunda guerra mundial, o povo albanês e os povos da Jugoslávia lutaram lado a lado e em estreita fraternidade de armas contra os invasores fascistas italianos e alemães. Os albaneses que vivem na Jugoslávia bateram-se com heroísmo, unidos conosco e com todos os povos da Jugoslávia, contra os mesmos inimigos. Não apenas combateram lado a lado, como inclusive o nosso Exército de Libertação Nacional foi ajudar os combatentes jugoslavos e os nossos irmãos de Kosova. Sobre essas terras derramaram o seu sangue filhos e filhas do povo albanês. Agimos como nos ensinava o Partido Comunista da Albânia, com elevada consciência e espírito internacionalista. Pensávamos que assim os povos dos nossos dois países conquistariam a liberdade, seria suprimida a servidão e reparados os erros trágicos da história passada. Após a vitória, julgávamos, tudo seria resolvido pela via marxista-leninista, de que eram garantes os partidos comunistas que dirigiam a luta de libertação nacional. Mas a experiência desmentiu a nossa convicção no “comunismo” e no “internacionalismo” dos dirigentes jugoslavos, a nossa confiança nas suas palavras. Com efeito, a direcção do Partido Comunista Jugoslavo nunca considerou de forma justa, na via marxista-leninista, a questão do futuro dos albaneses da Jugoslávia. Por isso, teria que a resolver, como de facto resolveu, de forma errada e falsa, numa via nacionalista e chauvinista inteiramente antimarxista.

A solução errada desta grande questão de princípio começou na 2ª reunião do Conselho Antifascista de Libertação Nacional da Jugoslávia, realizada em Jajce em Novembro de 1943. Aí, as regiões albanesas da Jugoslávia foram utilizadas para ajustes nas dimensões territoriais e nas proporções demográficas das repúblicas da Federação, em especial da Sérvia, da Macedónia e do Montenegro. O futuro dos albaneses da Jugoslávia foi decidido a priori, por decisão de cúpula, sem o acordo e a autodeterminação das populações albanesas de Kosova e das outras regiões albanesas da Jugoslá-

via, sem a menor consulta ao aliado do povo da Jugoslávia directamente interessado na questão, a Albânia popular. A direcção do Partido Comunista da Jugoslávia, contradizendo a política de “igualdade nacional” proclamada na 2ª reunião do AVNOJ, espezinhou cinicamente a vontade dos albaneses da Jugoslávia, expressa na reunião da 1ª Conferência constitutiva do Conselho de Libertação Nacional para Kosova e Metohie, realizada em Bujan, de 31 de Dezembro de 1943 a 2 de Janeiro de 1944, e que era perfeitamente conforme ao “direito de autodeterminação e de separação” dos povos que compunham a Jugoslávia, direito reconhecido nos documentos fundamentais do Partido Comunista e do Movimento de Libertação Nacional da Jugoslávia.

A direcção jugoslava considerou desde logo como inútil qualquer consulta à Albânia popular para a solução deste problema histórico. Estava contra essa consulta porque sabia que uma discussão de princípios, marxista-leninista e amigável, entre as direcções dos nossos dois países, tendo na devida conta a vontade livremente expressa dos albaneses habitando nas suas terras na Jugoslávia, conduziria a uma solução justa e não chauvinista, arbitrária e nacionalista, como foi a que a direcção jugoslava deu ao problema.

Após a guerra, em 1946, uma delegação do nosso país, por mim dirigida, efectuou a primeira visita oficial à Jugoslávia. Nas conversações com Tito, este procurou saber o que eu pensava da solução da questão de Kosova e das outras regiões albanesas da Jugoslávia. Exprimi a posição da parte albanesa, defendendo que Kosova e as outras regiões povoadas por albaneses pertenciam à Albânia e deveriam ser-lhe restituídas. Os albaneses haviam lutado para ter uma Albânia livre e soberana, à qual deveriam agora ser ligadas as outras regiões albanesas da Jugoslávia. O presidente Tito respondeu-me: “Estou de acordo com o seu ponto de vista, mas de momento não podemos satisfazê-lo, porque os sérvios não nos compreenderiam”. Esta promessa oficial de Tito acerca deste grande problema de princípio não foi seguida de nenhuma acção da parte dos jugoslavos. Estavam já de má fé em tudo.

A decisão errada de Jajce, o desmembramento das terras albanesas e a recusa a permitir que os albaneses exprimissem livremente

as suas aspirações, constituíram o erro fundamental, de carácter nacionalista e chauvinista, da direcção jugoslava, a que se seguiram outros erros igualmente graves em relação aos direitos legítimos e naturais dos albaneses, agora taxados de “chauvinistas”, “nacionalistas” e “irredentistas” pelos grande-sérvios. Esta solução errada e antileninista da questão nacional na Jugoslávia, e sobretudo do problema da entidade albanesa de perto de dois milhões de habitantes, quase o equivalente à totalidade da população da RPS da Albânia, está na origem dos recentes acontecimentos de Kosova e das outras regiões albanesas na Jugoslávia.

Desde o início, o chauvinismo sérvio, montenegrino e macedónio manteve relativamente aos albaneses uma política ferozmente nacionalista, de opressão e discriminação em todos os domínios, na instrução, na cultura, na economia, etc.

Mesmo no período em que os nossos dois países e os nossos dois partidos mantinham boas relações, o problema dos albaneses na Jugoslávia era como uma grilheta aos pés dos jugoslavos. As reivindicações dos albaneses não eram sequer examinadas, não eram resolvidas politicamente pela via da compreensão, mas pela violência, por medidas administrativas brutais. Para esconder o chauvinismo e o nacionalismo sérvios, acusava-se os albaneses de nacionalismo. Nada pode encobrir ou justificar as represálias sangrentas contra os albaneses, em 1945, em 1968 e, por último, em 1981, a discriminação que sofrem, a pobreza a que foram abandonados, a opressão nacional, as grandes restrições e diferenciações no domínio da instrução e da cultura. Com a queda em desgraça do grupo grande-sérvio de Rankovic em 1966 e, mais tarde, do outro grupo grande-sérvio de Nikezic, iniciou-se o período da demagogia política dos titistas a respeito de Kosova e dos kosovares. A necessidade de equilibrar as diversas forças no seio da Federação conduziu a uma revisão formal do estatuto de Kosova que, de simples região da Sérvia, foi promovida a região “autónoma” desta república.

Gostassem os sérvios ou não, esta nova situação permitiu aos albaneses da Jugoslávia, e sobretudo aos de Kosova, alargar o seu ensino, erguer a Universidade de Prishtina, desenvolver a sua cultura, aprender a história do seu povo, estabelecer contactos e rela-

ções educativas, culturais e econômicas com a Albânia, nos termos das leis da Federação e dos acordos oficiais assinados entre a RPS da Albânia e a RSF da Jugoslávia. Mas a base econômica da Região Autônoma Socialista de Kosova manteve-se fraca e abandonada. As suas riquezas continuaram a ser exploradas sem escrúpulos pelas outras repúblicas da Federação, e sobretudo pela Sérvia. Todas as soluções anunciadas com grande publicidade durante este período eram inconsistentes, conjunturais, e só aproveitavam a Belgrado e Skoplje. Conforme os casos, e embora isso não fosse dito abertamente, ora eram os sérvios a considerá-las como “concessões oportunistas de Tito”, ora eram os dirigentes albaneses da Região de Kosova e apregoá-las como “vitórias conseguidas graças a Tito”. Quanto às massas albanesas, não alimentavam grandes ilusões, porque o que lhes era concedido era ínfimo em comparação com os grandes direitos que lhes haviam sido arrebatados.

Os acontecimentos que tiveram lugar após a morte de Tito mostraram até que ponto foi errada e antimarxista a solução dada à questão nacional na Jugoslávia, e em particular, à questão dos albaneses. Aos seus pedidos legítimos no quadro da Constituição e às manifestações que tiveram lugar em Kosova, em Março e Abril do ano corrente, respondeu a direcção chauvinista sérvia e toda a direcção jugoslava com a repressão sangrenta. Agora, mais do que nunca, pesa sobre os kosovares e todos os albaneses da Jugoslávia, para além da miserável situação econômica, uma feroz opressão nacional. Foi instaurada a lei do terror, lançaram-se sobre eles a polícia e o exército sérvios, as prisões enchem-se de jovens de ambos os sexos. As medidas tomadas visam, não apenas suprimir todo o direito legítimo e mesmo as poucas vantagens conseguidas com o desenvolvimento do ensino e da cultura, mas também desnacionalizar os albaneses da Jugoslávia. E isto é obra dos que afirmam respeitar os documentos da Conferência de Helsínquia sobre as liberdades e os direitos do homem! A opinião mundial não pode ficar indiferente, deve manifestar o seu alarme por esta situação dramática da população albanesa da Jugoslávia.

O que pediram afinal os albaneses nas manifestações de massas realizadas nas cidades e vilas de Kosova?

Os albaneses da Jugoslávia pediram mais de uma vez, em manifestações pacíficas e outras acções, que se rectifique a sua situação constitucional, económica, social e cultural, que seja resolvida de forma justa, no quadro das leis da Federação; pediram que lhes seja reconhecido o estatuto de República dentro da RSF da Jugoslávia. Não pediram nem a separação da Federação nem a união com a Albânia. Mas ninguém deu ouvidos às justas e legítimas reivindicações dos estudantes, operários, camponeses e intelectuais kosovares. Tal como das outras vezes em que apresentaram estes justos e legítimos pedidos, foram qualificados de nacionalistas, perseguidos e reprimidos de forma sangrenta.

Podem resolver-se assim problemas destes na época actual? De forma alguma. É impossível manter na pobreza e na miséria um povo cujas terras ricas são pilhadas por outros. É impossível manter sob o terror dos tanques e das baionetas um povo corajoso como é o albanês. É impossível deturpar ou suprimir a sua antiga história e cultura. É impossível fazer-lhe perder os sentimentos patrióticos e o amor à mãe-pátria.

Se a actual direcção jugoslava continuar a trilhar o caminho que escolheu, a oposição dos albaneses prosseguirá, crescerá, redobrá. Só uma solução ponderada da questão nacional, encarada sem paixões por ambas as partes, solução aceite e aprovada pelo povo de Kosova, pode pôr termo a esta situação, que não foi criada pelos kosovares mas pelo chauvinismo grande-sérvio. Os kosovares propuseram a solução mais justa e apropriada a esta situação difícil para a Jugoslávia e para eles próprios. O pedido de reconhecimento do estatuto de República para Kosova, no quadro da Federação, é justo, não põe em causa a existência desta. Mas os dirigentes sérvios e jugoslavos, em vez de raciocinar, responderam com tanques, fizeram correr o sangue do povo e agora dedicam-se, em larga escala, à famosa “diferenciação”, quer dizer, à investigação policial para saber quem era a favor e quem era contra as manifestações. Esta forma de agir, começando por recorrer ao terror e depois à pretensa “diferenciação”, visa intimidar as massas, que não se deixam intimidar, liquidar o patriotismo, que não pode ser liquidado, alimentar a ilusão de que a situação foi normalizada, quando de

facto se desencadeou o rancor e a cólera; visa fazer crer que o poder foi depurado dos “nacionalistas” e colocados em seu lugar “homens de confiança”, quando afinal se impeliu todo o povo para uma resistência silenciosa, que amanhã dará lugar a novos e mais enérgicos protestos contra as crueldades de que é vítima. Os dirigentes jugoslavos não querem compreender esta situação.

Por dizermos abertamente estas verdades e pedirmos que o problema de Kosova e de todos os albaneses da Jugoslávia, mal solucionado, seja reestudado calmamente, sem recurso à violência e ao terror; por pedirmos que acabem as perseguições e que sejam soltos das prisões os filhos e filhas dos kosovares — a RPS da Albânia vê-se acusada de ingerência nos assuntos internos da Jugoslávia e até de provocar perturbações em Kosova e noutros lugares! E como provocaria estas perturbações? Através das relações oficiais no terreno da educação e da cultura! Chega-se mesmo ao ponto de acusar a RPS da Albânia de ter feito causa comum com a reacção política albanesa no exílio, que sempre combatemos com todas as nossas forças.

A República Popular Socialista da Albânia nunca se ingeriu nos assuntos internos da Jugoslávia. Foi o contrário que aconteceu. Os revisionistas jugoslavos conspiraram para liquidar a direcção do Partido Comunista da Albânia e para enquadrar a Albânia como sétima República da Federação Jugoslava, imaginando que assim poderiam resolver, de uma vez por todas, por esta via anexionista e imperialista, o problema de toda a nação albanesa. Mas estas conspirações não atingiram os seus fins nem nunca o conseguirão. A Albânia não foi nem será nunca moeda de troca para resolver conflitos e contradições entre os clãs jugoslavos. Pertence ao seu povo, um povo cheio de vitalidade, corajoso e patriota, que não teme ninguém.

A Albânia nunca apresentou quaisquer reivindicações territoriais à Jugoslávia. Nos seus documentos, não se encontra nenhuma reclamação de que se rectifiquem as fronteiras. Contudo, ao manter esta atitude, não negamos nem nunca negaremos que na Jugoslávia vive uma grande parte da nação e do povo albaneses. Temos defendido e continuaremos a defender, com todas as nossas forças e na

via do marxismo-leninismo, os legítimos direitos dos nossos irmãos albaneses do outro lado da fronteira. Isto não é uma ingerência nos assuntos internos da Jugoslávia. É o nosso direito inegável.

A questão de Kosova é uma tragédia. As autoridades jugoslavas devem pôr fim ao terror e às perseguições contra os albaneses, acabar com a opressão nacional e reconhecer-lhes os direitos que lhes cabem. Para resolver correctamente o problema, devem debater com tranquilidade, sangue frio e em pé de igualdade com a população albanesa da Jugoslávia.

A República Popular Socialista da Albânia tem dedicado particular atenção ao fortalecimento das relações amistosas com a Grécia. Nos últimos anos, estas relações ganharam novo desenvolvimento em todos os domínios. As trocas comerciais alargaram-se e desenvolvem-se com benefício para ambas as partes. A colaboração no terreno da cultura, as visitas recíprocas de grupos artísticos, e de personalidades da arte, da educação e da ciência, contribuíram para que os nossos povos conheçam melhor as suas respectivas realizações e progressos, consolidem a antiga e tradicional amizade que une os nossos dois países. Convicta de que as relações de amizade e entendimento entre a Albânia e a Grécia correspondem plenamente aos interesses e aspirações comuns dos nossos povos, a RPS da Albânia continuará de futuro a fazer todos os esforços para as ampliar e desenvolver.

Constatamos com satisfação que também o governo e o povo gregos mostram desejo de que as relações entre os nossos dois países progridam na base da amizade e boa vizinhança. Os sentimentos do povo grego e do povo albanês convergem em muitos aspectos, os nossos dois povos estimam-se e alegram-se mutuamente pelos seus progressos respectivos, partindo do princípio de que cada um é senhor da sua casa e dos seus próprios assuntos. A amizade entre o povo albanês e o povo grego é uma amizade estável, que se reforçará e ampliará sem cessar, para bem dos nossos povos, da paz e da segurança nos Balcãs. Fracassarão as tentativas de quem quer que seja para minar esta amizade. Temos a convicção de que estão agora criadas condições e possibilidades para, através de um esforço comum, eliminar todos os obstáculos e abrir um amplo caminho ao

desenvolvimento de relações frutuosas e mutuamente vantajosas entre os nossos dois países amigos.

No que respeita à Itália, estamos dispostos a trabalhar para um maior desenvolvimento das relações normais, de acordo com as aspirações e interesses dos nossos dois povos vizinhos. Em diversos domínios, como no do comércio, transportes, intercâmbios culturais, etc., existiram no passado laços numerosos entre a Albânia e a Itália. Os nossos dois povos sempre desejaram viver em paz e amizade entre si. Embora os caminhos da história os tenham separado e tornado inimigos, têm feito esforços para se aproximar, colaborar e reforçar a atmosfera de confiança e mútua compreensão.

Existem possibilidades de progresso nas relações albano-italianas. O nosso desejo é que se avance no bom caminho, mas isso depende também da predisposição e do interesse da parte italiana para colaborar com a Albânia num espírito novo, de amizade e estrita igualdade.

As relações do nosso país com a República da Turquia desenvolveram-se e desenvolvem-se cada vez mais em espírito de amizade e cooperação. A simpatia e o respeito crescentes entre os nossos dois povos e países são uma boa base para a sua ampliação e fortalecimento futuros.

O povo albanês e o povo turco mantiveram ao longo da história laços de amizade e afinidade. O povo turco, com uma longa história e cultura, mostrou grande respeito pelos combatentes albaneses, pelos sábios, filósofos, homens de Estado, arquitectos, escritores e poetas albaneses ou de origem albanesa, que deram a sua contribuição aos esforços progressistas do povo turco.

O povo albanês tem particular admiração e respeito por Mustafá Kemal Atatürk, eminente personalidade de estadista que, com grande coragem, inspirado pelo pensamento democrático progressista, libertou a Turquia e o seu povo corajoso do complexo do império dos sultões que o levava a subjugar outros povos, consolidou a verdadeira unidade e independência da nação turca, lançou a Turquia no caminho da democracia e do progresso.

O povo albanês não esquece os sentimentos de simpatia pela

Albânia manifestados por Kemal Ataturk e a sua oposição ao rei Zog, tirano do povo albanês.

A amizade sincera do povo turco pelo povo albanês e a elevada inspiração de Ataturk é bem provada pelo asilo fraterno concedido a centenas de milhares dos nossos irmãos kosovares, expulsos das suas terras na Jugoslávia. Agradecemos ao povo irmão da Turquia os seus sentimentos de amizade pelo povo albanês, amizade que é recíproca.

Novos passos positivos se registaram nas relações amistosas do nosso país com a República Francesa. Apreciamos os esforços do número crescente de simpatizantes da Albânia em França em prol do fortalecimento da amizade entre os nossos dois povos. Também o povo albanês sente amizade e respeito pelo talentoso povo francês, pelas suas tradições revolucionárias e os seus progressos.

Tal como no passado, desejamos sinceramente que as relações do nosso Estado com a Áustria, Suécia, Finlândia, Noruega, Dinamarca, Suíça, Bélgica, Holanda e Portugal se desenvolvam e ampliem na direcção positiva e amistosa seguida nos últimos anos.

Os governos ingleses posteriores à segunda guerra mundial têm adoptado posições hostis e antidemocráticas face à nova Albânia. Além disso, apoderaram-se do ouro albanês saqueado pelos hitlerianos e continuam até hoje a explorá-lo no seu próprio interesse, sem o devolver ao legítimo dono, a Albânia socialista.

Como admitir, nestas circunstâncias, relações diplomáticas entre a República Popular Socialista da Albânia e a Inglaterra? O governo inglês deve devolver imediatamente o ouro albanês com os juros correspondentes, fruto da sua exploração arbitrária. Ninguém duvide de que a Albânia socialista defenderá os seus interesses e lutará contra as injustiças de que foi e é alvo.

No que respeita às relações diplomáticas entre a República Popular Socialista da Albânia e a República Federal da Alemanha, não existem obstáculos insuperáveis ao seu estabelecimento. Cremos que com alguma boa vontade de ambas as partes perante certas questões pendentes desde a segunda guerra mundial, a situação pode ser normalizada.

São conhecidos os profundos desacordos de princípio, ideológi-

cos e políticos do nosso Partido e do nosso Estado com os países da Europa de Leste. Sem renunciar à luta contra o revisionismo moderno, somos favoráveis ao desenvolvimento de relações normais com a Romênia, Checoslováquia, Polônia, República Democrática Alemã, Bulgária e Hungria, para trocas comerciais na base da igualdade e das vantagens recíprocas.

O povo albanês está unido aos povos árabes irmãos por uma amizade sincera e de longa data. Temos apoiado e continuaremos a apoiar até ao fim, com toda a energia, a justa luta dos povos árabes pela libertação dos territórios ocupados pelos agressores sionistas israelitas e o restabelecimento de todos os legítimos direitos do povo palestino mártir. O heróico povo palestino e o seu representante legítimo, a Organização para a Libertação da Palestina, continuarão a ter na República Popular Socialista da Albânia e no povo albanês amigos sinceros e defensores decididos da sua justa causa nacional.

Verificamos com grande satisfação o desenvolvimento das relações amistosas do nosso país com a Argélia, Síria, Iraque, Líbia, Líbano, Tunísia, Egito e outros países árabes. Fazemos votos por que estas relações ganhem maior concretização e desenvolvimento. Da mesma forma, a República Popular Socialista da Albânia deseja relações amistosas com a República Islâmica do Irão e não poupará esforços para as desenvolver e reforçar.

O povo albanês e o seu governo saudaram e apoiaram a justa luta dos povos africanos para extirpar radicalmente o colonialismo e o racismo e apoiaram os esforços dos povos e dos países africanos amantes da liberdade para fazer frente à política e à actuação agressiva, neocolonialista e saqueadora do imperialismo. A República Popular Socialista da Albânia mantém relações amistosas com a Tanzânia, a Guiné, o Mali, a Zâmbia, o Zimbábue e outros Estados amigos da África e deseja desenvolvê-las ainda mais.

O nosso país tem também boas relações com um certo número de países da Ásia. Com a República Socialista do Vietnã, o Laos, a República Democrática Popular da Coreia, as nossas relações desenvolvem-se por um caminho amistoso. Expressamos o desejo de que se fortaleçam mais no futuro.

Quanto ao Camboja, o nosso Partido e o nosso Estado condenaram as acções sanguinárias da camarilha de Pol Pot, instrumento dos social-imperialistas chineses. Desejamos ao povo cambojano que supere o mais breve possível as dificuldades com que se defronta e decida por si mesmo, em plena liberdade e sem nenhuma “tutela”, o seu destino e o seu futuro.

Como é do domínio público, entre o nosso país e a China apenas existem relações diplomáticas puramente formais. Não nos cabe a culpa desta situação. Ela é consequência da política e da actuação hostil anti-albanesa da direcção chinesa.

O estabelecimento de relações diplomáticas com o Japão cria condições e abre o caminho ao desenvolvimento do comércio entre os dois países.

A República Popular Socialista da Albânia tem relações normais com o México, Peru, Argentina, Panamá e outros países da América Latina. Está disposta a estabelecer relações semelhantes com outros Estados do continente que sejam favoráveis a uma aproximação amigável e a trocas comerciais e culturais com o nosso país.

Com os Estados Unidos e com a União Soviética, os dois mais ferozes inimigos da liberdade e da independência dos povos, da paz e da segurança mundial, o nosso país não tem nem terá qualquer espécie de relações. Tal como no passado, continuaremos a lutar com firmeza pelo desmascaramento da sua política e da sua acção agressiva e hegemónica.

A República Popular Socialista da Albânia continuará a trabalhar no futuro para o desenvolvimento positivo das relações internacionais. Neste espírito, não poupará esforços para contribuir, também no seio da Organização das Nações Unidas e de outras organizações internacionais, para a defesa dos interesses e aspirações dos povos.

A política externa de princípios aplicada pelo nosso Partido e o nosso país exprime as aspirações do povo albanês e goza do seu apoio total e ilimitado. O Partido continuará a lutar pela aplicação consequente e resoluta desta política que garante ao povo a liberdade, a independência e a soberania nacional.

V

A LUTA CONTRA O REVISIONISMO E O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO E DE LIBERTAÇÃO NA ETAPA ACTUAL

Durante o período decorrido desde o 7º Congresso, o nosso Partido, mantendo-se como sempre fiel ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário, prosseguiu ininterruptamente a luta contra o revisionismo moderno. Aprofundámos a crítica ideológica e política ao revisionismo kruchovista, chinês, jugoslavo e europeu ocidental, evidenciámos de forma mais acabada as condições históricas e sócio-económicas do nascimento e proliferação destas correntes, analisámos com maior amplitude o processo de degenerescência dos partidos comunistas que enveredaram pelo caminho do revisionismo, os seus erros e compromissos, nos planos estratégico e tático. À luz dos factos presentes e passados, demonstrámos a ligação existente entre o revisionismo moderno e a estratégia adoptada pelo imperialismo depois da segunda guerra mundial, visando destruir o socialismo e sufocar a revolução e os movimentos de libertação dos povos.

Estas análises e conclusões permitiram ao Partido conhecer melhor os perigos que o revisionismo faz pender sobre o socialismo e a ditadura do proletariado no nosso país e tomar as medidas mais eficazes e adequadas para os evitar. Serviram também para educar os comunistas e as massas, elevar o seu nível teórico e temperar a sua consciência revolucionária. O conhecimento mais profundo da

estratégia e das táticas do imperialismo e do revisionismo contribuiu para aumentar a eficácia da nossa luta em defesa da causa do proletariado e dos povos.

A justeza da via desde o início escolhida pelo nosso Partido para fazer frente ao revisionismo e combatê-lo até ao fim, foi e continua a ser cada vez mais confirmada pela degenerescência política e pela profunda crise ideológica do revisionismo moderno, pela grave situação econômica que atravessam os partidos revisionistas e os países onde detêm o poder, metidos num beco sem saída.

Quando o nosso Partido encetou a luta contra o revisionismo kruchovista, os partidos comunistas que apoiaram Kruchov apresentavam-se mais ou menos com um bloco, com uma linha única, a do 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Hoje, contudo, vinte anos volvidos, esses partidos encontram-se divididos num sem-número de correntes e fracções, lutam entre si, estão impregnados de espírito nacional-burguês e de oportunismo social-democrata. Estes partidos ex-comunistas transformaram-se em autênticos partidos da nova burguesia dominante dos países onde os revisionistas se encontram no poder ou integram as estruturas do Estado burguês, como acontece nos velhos países capitalistas. A crise do revisionismo moderno é a expressão directa da crise do capitalismo e da ideologia burguesa em geral.

A traição revisionista, a restauração do capitalismo numa série de países anteriormente socialistas, suscitaram grande confusão em torno do problema do socialismo, que ocupa o centro da luta ideológica actualmente travada no mundo. O problema reside em que a sociedade capitalista restaurada nos seus países é apresentada pelos revisionistas como uma sociedade socialista pura, como um “socialismo real”, “desenvolvido” e até “muito desenvolvido”. Esta confusão é ainda aumentada pelo facto de numerosos partidos e forças políticas diversas, que nada têm a ver com o socialismo científico, falarem também em seu nome. No mesmo sentido vão os esforços e a propaganda da burguesia, visando deformar os verdadeiros ideais socialistas e desviar as massas da luta pelo seu triunfo.

A clareza quanto a esta questão e o estabelecimento de uma

linha nítida de demarcação entre o socialismo autêntico e o pseudo-socialismo, reveste-se de importância capital para o avanço com êxito da luta da classe operária e das massas trabalhadoras. Sem possuir uma imagem clara da sociedade socialista e sem respeitar os seus princípios e leis gerais, a revolução está condenada a ficar a meio caminho. É possível levar a cabo a revolução mas, quando falta a verdadeira perspectiva socialista, pode desviar-se do seu caminho e tornar inúteis a luta e os sacrifícios realizados pelo seu triunfo.

A primeira corrente do revisionismo no poder que se fixou como objectivo minar o socialismo foi o revisionismo jugoslavo, surgido num momento-chave da luta entre o socialismo e o imperialismo.

O revisionismo jugoslavo tem raízes profundas. Não surgiu em 1948, como reacção ao “stalinismo” ou como consequência da actuação do Cominform. Resulta das concepções burguesas que já existiam no Partido Comunista da Jugoslávia e que não desapareceram durante a luta de libertação nacional.

A nova Jugoslávia só podia ser construída com uma orientação clara e uma maturidade política baseadas na teoria científica do socialismo. Só um partido comunista forte e norteado por sólidos princípios marxistas-leninistas poderia levar a cabo esta grande obra. É certo que existia na Jugoslávia um partido comunista, mas não possuía inteiramente estas características nem as adquiriu durante a guerra. Pelo contrário, mesmo as que tinha perdeu-as, quando era chamado pelas circunstâncias a construir uma Jugoslávia nova, no rumo do socialismo.

A dar fê nos louvores que a si próprios passam os titistas e a burguesia jugoslava, julgar-se-ia que um tal partido existiu e existe. Os comunistas albaneses, como tantos outros, caíram nesta ideia optimista, em especial durante a guerra e nos primeiros anos após a libertação. Era uma opinião natural, que resultava da heróica luta dos povos da Jugoslávia, dirigida pelo Partido Comunista.

Depois da libertação da Jugoslávia, observaram-se graves desvios dos princípios básicos marxistas-leninistas, tanto na teoria como nas posições políticas e na edificação do socialismo. Também

nas relações com os países socialistas, e particularmente com a Albânia, o Partido Comunista da Jugoslávia manifestou graves desvios e uma arrogância e altivez alheias a um partido comunista.

Era evidente que este caminho conduziria à ruptura, como de facto aconteceu, não por culpa do Cominform nem de Stáline ou do “stalinismo”, nome que dão ao marxismo-leninismo os revisionistas jugoslavos e os seus amigos. O conflito com o Cominform resultou das contradições entre os pontos de vista liberal-oportunistas e os pontos de vista marxistas-leninistas sobre a edificação do Estado e da sociedade socialista. Tito e comparsas encobriram a sua oposição ao marxismo-leninismo sob as cores da oposição a Stáline e, posteriormente, ao sistema socialista soviético.

A viragem dos titistas era inevitável e não tardou a produzir-se. Enveredaram pelo caminho do capitalismo, adoptando e inaugurando uma “nova” estrutura económico-social e uma nova forma de governo, adequadas ao curso anti-socialista materializado no sistema da “autogestão operária”. Não se tratava de facto de um sistema novo. Não era socialista nem de criação jugoslava. Tinha a sua origem no proudhonismo e no anarquismo de Bakunine e de Kropotkine, que Marx, no seu tempo, tanto se empenhou em desmascarar, tal como fizeram mais tarde Lénine e depois Stáline.

A viragem jugoslava para o capitalismo foi objecto de uma propaganda desenfreada. Entoaram-se-lhe cânticos indescritíveis e glorificou-se o “Barrabás”. O desvio jugoslavo foi anunciado como um “período novo”, um “novo sulco” aberto por Tito para a construção de um “socialismo específico”, “humano”. Esta viragem foi apoiada e financiada pelo imperialismo e pelo capitalismo mundial. Excitou-se ao máximo a megalomania pan-jugoslava e a Jugoslávia foi apresentada como “campeão e exemplo para os povos de todo o mundo na sua luta de libertação”.

Todo o sistema autogestionário precisava apresentar-se como “marxista”, tanto na forma como nas denominações da estrutura e da superestrutura. Mas na realidade estava em completa oposição a Marx e à teoria e prática do leninismo.

O primeiro golpe foi desferido contra o poder de democracia popular, forma de ditadura do proletariado que na Jugoslávia nunca

foi definida como tal. Para o justificar, os revisionistas jugoslavos pretendiam que o poder dos conselhos populares, criado durante a guerra e que sobreviveu até 1948, já não podia manter-se com todas as suas prerrogativas. Este poder devia ser substituído pelos “conselhos operários”, já que, na sua opinião, o primeiro era estatal-burocrático e gerador da “burocracia” e da “camada da nova burguesia”, ao passo que os “conselhos operários”, seriam um poder mais próximo da teoria de Marx. Por seu intermédio, dizia-se, “os próprios operários dirigem e governam directamente” sem a mediação do Estado, o qual, na lógica dos dirigentes jugoslavos, não pertence aos operários. O actual Estado jugoslavo seria apenas um “garante” do “novo sistema”, destinado a defendê-lo e evitar a sua desagregação, pelo que a Federação apenas conserva o controle do exército, da UDB e da política externa.

Assim, o “sistema de autogestão” descentralizou, liberalizou e minou o poder de ditadura do proletariado. O Estado era dos “proletários”, passou a ser dos “operários”; surgira da “luta, pela base”, ao passo que o “novo sistema”, supostamente exigido pelo desenvolvimento “dialéctico”, foi implantado de cima para baixo por Tito e Kardelj.

Este sistema teria que liquidar o papel dirigente do Partido, o que de facto fez. O partido ficou só com um certo papel educativo diluído, sem nenhuma autoridade. Na aparência, o partido manteve-se, mas na realidade volatilizou-se. Passou a denominar-se “Liga dos Comunistas”, a pretexto de se aproximar o mais possível da designação de Marx, mas de facto, para se afastar o mais possível da função que Marx e Lenine atribuíram ao partido comunista.

Os titistas apresentam a questão como se, graças à “autogestão”, a Jugoslávia tivesse entrado numa nova etapa de desenvolvimento que a aproxima da sociedade comunista. Partindo daqui, pretendem que o Estado caminha para a extinção e que o partido já não deve exercer o papel e as funções que lhe competiam no período de transição do capitalismo ao socialismo.

E não é tudo. Segundo eles, a “autogestão” suprimiu igualmente a luta de classes no interior do partido, na Jugoslávia e mesmo no exterior. Na realidade, Tito, Kardelj e os seus seguidores apenas

mudaram a direcção da luta de classes. Orientaram-na e continuam a orientá-la para a defesa do seu sistema “autogestionário” contra os “cominformistas”, os “stalinistas”, os “dogmáticos”, etc. Trata-se efectivamente da luta dos elementos capitalistas contra os revolucionários, do sistema capitalista contra o socialista, da ideologia burguesa contra o marxismo-leninismo.

Os teóricos jugoslavos fazem grandes especulações em torno da propriedade dos meios de produção. Segundo eles, a propriedade socializada dos meios de produção existente no sistema “autogestionário” constitui a forma mais elevada da propriedade socialista, enquanto a propriedade estatal seria a forma inferior. Esta última, afirmam, pode ser definida como uma espécie de capitalismo do Estado, no qual nasce uma nova casta burocrática, verdadeira detentora colectiva do direito de propriedade. Por conseguinte, concluem, a propriedade estatal nem mesmo no socialismo elimina a alienação do operário produzida pelo capital. A relação capitalista lucro-salário é substituída pela relação acumulação estatal-salário. Por outras palavras, em qualquer dos dois sistemas sociais o operário não deixa de ser um assalariado.

Trata-se de uma conhecida tese trotsquista, há muito desmascarada e refutada. Na autêntica sociedade socialista, em que a propriedade comum é administrada pelo Estado de ditadura do proletariado com a ampla participação organizada e efectiva da classe operária e das restantes massas trabalhadoras, de acordo com o princípio do centralismo democrático, e que não consente grandes diferenças na distribuição do produto social geradoras de camadas privilegiadas, o operário não é um assalariado, não é explorado. Prova disto é a realidade da Albânia socialista, onde a classe operária é a classe no poder. Sob a direcção do seu Partido marxista-leninista, a classe operária dirige a economia e toda a vida do país no seu próprio interesse e no de todo o povo.

A “autogestão” jugoslava, pretensamente centrada no operário, de operária só tem o nome. Na prática, é anti-operária, anti-socialista. Seja qual for a propaganda dos titistas, é um sistema que não permite à classe operária dirigir nem administrar.

Na Jugoslávia, qualquer empresa “autogestionária” é uma

organização encerrada na sua própria actividade económica e cuja política administrativa está nas mãos do seu grupo dirigente, o qual, à semelhança do que acontece em qualquer outro país capitalista, manipula os fundos de acumulação, toma decisões quanto a investimentos, salários, preços e distribuição da produção. Argumenta-se que toda esta actividade económico-política é aprovada pelos operários através dos seus delegados, o que não passa de uma fraude e de um *bluff*. Estes pretensos delegados dos operários fazem causa comum com a casta dos burocratas e tecnocratas no poder, em detrimento da classe operária e das restantes massas trabalhadoras. São os gestores profissionais que fazem lei e definem a política na organização “autogestionária”, da base ao topo da república. O papel dirigente, gestor, económico-social e político dos operários, da sua classe, foi reduzido ao mínimo, para não dizer que desapareceu por completo.

Estimulando o particularismo e o localismo, desde o nível da república ao regional e ao da comuna, o sistema “autogestionário” liquidou a unidade da classe operária, colocou os operários uns contra os outros, alimentando-lhes o egoísmo no plano individual e excitando a concorrência entre as empresas, no plano colectivo. Nesta base, foi minada a aliança da classe operária com o campesinato, que se encontra disperso por pequenas fazendas privadas e é explorado pela nova burguesia no poder. Tudo isto originou a autarquia no plano económico, a anarquia na produção, na distribuição dos lucros e dos investimentos, no mercado e nos preços, conduzindo à inflação e a um desemprego massivo.

A ideia de que a classe operária ocupa a direcção do sistema de “autogestão operária” da Jugoslávia não passa de uma ilusão, de uma utopia. Neste sistema, a classe operária não é dirigente, não é hegemónica. A ditadura do proletariado foi liquidada, o dirigente da classe operária, o partido comunista ou, como o denominam na Jugoslávia, a Liga dos Comunistas, não dirige nem o poder nem a economia, nem a cultura, nem a vida social.

Neste sistema de confusão geral, é outra a classe detentora das posições políticas dominantes e dirigentes. Essa outra classe é a nova casta de burocratas políticos e tecnocratas, saída da camada

dos intelectuais aburguesados e da aristocracia operária. É uma casta alheia a toda a moral proletária e que não sofre nenhum controle político.

Esta nova camada burocrática autoproclama-se inimiga da burocracia estatal, quando na realidade é uma burocracia ainda mais perigosa, que floresce e se desenvolve num sistema económico descentralizado, que preserva e reforça a propriedade privada.

A “autogestão operária”, cujos fundamentos se situam na ideologia anarco-sindicalista, engendrou o nacionalismo das diversas repúblicas, que elaboram mesmo leis e regulamentos concretos para defender os seus interesses mesquinhos. O monopólio económico das repúblicas, constituído na base do monopólio das respectivas empresas e *trusts*, transformou-se de facto numa potência política e num nacionalismo, que se manifesta não apenas em cada república, mas também em cada região, em cada comuna ou empresa. Cada um, como indivíduo, como grupo, ou como república, procura enriquecer o mais depressa possível à custa dos demais.

O nacionalismo burguês instalou-se à larga na Jugoslávia. O lema “unidade-fraternidade”, justo durante a luta de libertação, quando se combatia contra os ocupantes e a reacção interna, por uma sociedade nova baseada no marxismo-leninismo, tornou-se, no actual sistema jugoslavo, que tudo desagrega e dissolve, um lema vazio e sem qualquer efeito. A “unidade-fraternidade” dos povos, nações e nacionalidades, das repúblicas e regiões, só pode realizar-se num verdadeiro sistema socialista guiado pela ideologia marxista-leninista.

A união federativa jugoslava não foi criada em bases marxistas-leninistas. Como tal, tinham que surgir inevitavelmente, como surgiram, os antagonismos nacionais. O próprio sistema carrega em si estas contradições, alimenta o separatismo das nações e das nacionalidades, das repúblicas e das regiões.

Neste sentido actuaram também os numerosos créditos concedidos pelo capitalismo mundial. A sua utilização para satisfazer os gostos e caprichos burgueses e esbanjadores da casta no poder, a sua distribuição desigual e sem critérios justos entre as diversas repúbli-

cas, criaram desníveis econômicos e sociais nas repúblicas e regiões, aprofundando ainda mais os antagonismos nacionais.

O sistema de “autogestão” não teria podido sobreviver por muito tempo sem a ajuda de dois factores, a saber: o anti-sovietismo da direcção jugoslava, que não era outra coisa senão o seu anti-marxismo e anti-leninismo, e que lhe granjeou o apoio político de toda a reacção mundial; e, em segundo lugar, a ajuda econômica prestada pelos países capitalistas através de grandes e múltiplos créditos. Mas nem mesmo estes dois factores conseguiram salvar este sistema anti-socialista. Pelo contrário, tornaram-no mais vulnerável e empurraram-no para a bancarrota econômica e política.

Kardelj e Tito atribuíram a culpa pelo fracasso do sistema e por todos os males dele derivados ao insuficiente “aperfeiçoamento” do próprio sistema, à consciência dos trabalhadores, “que ainda não atingiu o nível necessário”, à existência de burocracia, etc. Constataram a falência do seu sistema anti-socialista, mas já não podiam recuar. Por isso, as medidas adoptadas por Tito para a direcção da Federação e das repúblicas depois da sua morte, não passam de paliativos. Com o desaparecimento de Tito e Kardelj, desapareceu também a euforia em torno do sistema “autogestionário”. Os sucessores de Tito debatem-se em grande confusão e desorientação, sem saber a que agarrar-se para sair da situação difícil em que o país se encontra. A Jugoslávia titista entrou numa profunda crise geral das suas estruturas e superestruturas, numa crise econômica, política e moral.

O revisionismo soviético foi e continua a ser a corrente mais perigosa do revisionismo moderno. Conserva, como nenhuma outra variante revisionista, a máscara socialista e a fraseologia leninista, no intuito de encobrir a actual realidade capitalista na União Soviética e a sua política externa imperialista e agressiva. É um revisionismo que usurpou o poder num Estado que dispõe de grande potência e conta com grandes meios e possibilidades para exercer uma influência mundial, actuar em numerosas direcções e vastas proporções.

Tal como as outras correntes revisionistas, o revisionismo kruchovista tem o seu próprio processo de nascimento e desenvolvi-

mento, até atingir a forma actual de revisionismo completo, que deforma todas as questões da teoria marxista e da prática socialista. Como fenómeno social, o revisionismo kruchovista tem também as suas raízes e causas ideológicas, sociais e históricas.

O Partido do Trabalho da Albânia fez uma profunda análise marxista dessas causas, tirando dela conclusões e adoptando uma série de medidas para barrar o caminho ao surgimento desse fenómeno regressivo no nosso país. Devemos contudo aprofundar incessantemente a compreensão deste problema, para que o revisionismo não entre nunca na Albânia.

Desde o início, o grupo Kruchov propôs-se como objectivo principal liquidar a ditadura do proletariado, minar as bases da sociedade socialista, orientar a União Soviética na via do capitalismo e transformá-la numa superpotência imperialista. Hoje todos podem testemunhar a profunda transformação contra-revolucionária produzida na União Soviética. Só a burguesia e o imperialismo a apresentam como um país comunista. Ao apresentar a União Soviética capitalista dos nossos dias como um país socialista, pretendem desacreditar o marxismo-leninismo e o verdadeiro socialismo.

O revisionismo kruchovista é a ideologia e a política do capitalismo de Estado que domina toda a vida da União Soviética. O seu retrocesso ao capitalismo teve necessariamente as suas próprias particularidades e o regime capitalista assumiu ali formas específicas. Estas particularidades e formas são determinadas pelo facto do capitalismo ali restaurado ser consequência da derrocada do socialismo, num processo regressivo, diferente do capitalismo de tipo clássico, que chega ao poder pelo derrubamento do regime feudal, num processo progressivo.

A particularidade fundamental deste tipo de capitalismo é a manutenção de numerosas formas socialistas de propriedade, de organização e de direcção, cujo conteúdo foi, no entanto, profundamente alterado. Na realidade, os meios de produção na União Soviética são hoje propriedade capitalista de Estado ou colectiva, porque são utilizados no interesse da nova classe burguesa deten-

tora do poder, precisamente a classe que se apropria do trabalho dos operários e dos camponeses.

As antigas leis, tradições e práticas foram substituídas por outras novas, que deixam as mãos livres à burocracia do Estado e do partido para exprimir e impor sem obstáculos a sua vontade. As novas competências que adquiriu com base nas reformas económicas foram aproveitadas para garantir e ampliar os rendimentos e privilégios das várias castas dirigentes, conservar o poder e defender-se do descontentamento e das revoltas da classe operária e restantes massas trabalhadoras.

É certo que se manteve a propriedade estatal e as fábricas não foram distribuídas por proprietários privados; os kolkozos permaneceram como explorações colectivas e os bancos não foram entregues aos accionistas. Mas mudou por completo a distribuição do produto social.

Apesar de se dizer que é aplicado o princípio de remuneração segundo o trabalho, os diversos grupos da nova burguesia apoderam-se de facto da mais-valia criada pelos operários e camponeses. Toda esta rapina é apresentada como uma espécie de estímulo material para fazer progredir a actividade produtiva, o trabalho científico e a criatividade artística, etc. Na realidade, é uma exploração tipicamente capitalista.

Para abrir caminho à restauração do capitalismo, os revisionistas kruchovistas atacaram as teses fundamentais da teoria marxista-leninista sobre a produção de mercadorias e a acção da lei do valor no socialismo. Identificaram, na teoria e na prática, a produção socialista de mercadorias com a produção capitalista e, nesta base, reformaram todo o mecanismo económico. As empresas económicas, e também um considerável número de instituições, alcançaram gradualmente maior independência relativamente aos planos do Estado. Aos directores dessas empresas e instituições foram concedidos amplos direitos e o poder para dirigir e manipular a produção e a distribuição, para contratar e despedir operários, repartir os lucros, etc. Limitou-se o financiamento centralizado das empresas pelo Estado e generalizou-se gradualmente a prática do autofinanciamento e da utilização de créditos.

Os revisionistas soviéticos pretendem fazer crer que a sua economia é dirigida e se desenvolve na base de planos elaborados segundo o princípio do centralismo democrático. Mas o seu plano do Estado, tal como o concebem na teoria e aplicam na prática, não é nem pode ser de modo algum o plano de uma economia verdadeiramente socialista. Na União Soviética, coexistem o centralismo burocrático de tipo monopolista e o amplo liberalismo econômico na base. Oferece-se a imagem de uma direcção planificada da economia, quando na prática, as leis e categorias econômicas do modo de produção capitalista têm campo livre para actuar.

O consumo parasitário adquiriu proporções sem precedentes. A proporção entre a remuneração dos operários e dos administradores burocratas e tecnocratas é de 1 para 10, na base do salário nominal. Se entrarmos em linha de conta com as receitas provenientes da distribuição de lucros, as múltiplas recompensas, os inúmeros privilégios, etc., esta disparidade acentua-se muito mais. É difícil distinguir estas diferenças salariais e de modo de vida das que existem nos países ocidentais entre os administradores burgueses e os operários.

Dado que a retribuição do valor da força de trabalho se realiza numa proporção de 35 a 40%, de forma descentralizada, através da distribuição de lucros; que as normas de rendimento do trabalho não são únicas e se aplicam igualmente de forma descentralizada; que o estímulo material em benefício da nova burguesia tem prioridade absoluta; e que a inflação não pára de crescer, sobretudo devido à militarização da economia, que absorve um terço do rendimento nacional — a sociedade, na sua essência, perdeu o verdadeiro controle sobre a medida do trabalho e do consumo, chaves fundamentais para uma economia socialista.

Tudo isto, juntamente com uma série de medidas de carácter capitalista, apregoadas como desenvolvimento criador da teoria e da prática econômica marxista-leninista, visava e atingiu o objectivo de dismantelar as bases da economia socialista.

As consequências desta linha observam-se na vida diária do povo soviético. Há carências de bens de consumo de primeira necessidade, aumenta a inflação, o desemprego, a flutuação da

força de trabalho, registam-se subidas declaradas ou não declaradas nos preços dos diversos produtos. Ampliou-se o sector privado da economia, florescem o mercado negro, a especulação, os abusos, o suborno e as fraudes.

A realidade soviética dos nossos dias confirma que o processo não caminha para a “desaparição das diferenças de classe”, nem para a “criação de uma nova unidade social”, como anunciam os revisionistas kruchovistas-brejnevistas, mas para uma profunda diferenciação social entre a nova classe burguesa, integrada pela camada dos burocratas e tecnocratas, e as amplas massas trabalhadoras, reduzidas à situação de mera força produtiva. O fosso que as separa aprofunda-se sem cessar, à medida que aumenta o grau de exploração dos trabalhadores e crescem os lucros da burguesia. Esta situação criou toda uma ideologia e uma política orientadas para justificar e defender este novo sistema de exploração capitalista.

O poder dos Sovietes deixou de pertencer aos soviets, aos operários e camponeses. Separou-se deles e transformou-se numa força independente que lhes é alheia. Os revisionistas kruchovistas declararam a liquidação da ditadura do proletariado, inclusive do ponto de vista formal. Passaram a designar o Estado como “de todo o povo” para ocultar que já não é pertença do povo mas de uma ditadura da nova burguesia soviética. O seu carácter capitalista revela-se claramente em toda a política interna e externa que pratica, ao serviço dos interesses da classe burguesa no poder. O Estado soviético, detentor dos principais meios de produção e dirigente de toda a economia, tornou-se o representante e defensor dos interesses da classe dominante.

A fim de conservar a máscara socialista e “demonstrar” que a União Soviética é um país socialista, os revisionistas soviéticos argumentam que ali existe um único partido, que é um partido comunista e cuja função dirigente está sancionada na Constituição. Mas o facto de existir um partido único dirigente e de o seu poder exclusivo ser reconhecido na lei, não lhe confere a qualidade de comunista. São muitos os países burgueses em que existe um só partido dominante. O carácter de um partido político não se deter-

mina pela posição que ocupa no Estado. É determinado sim, e antes de mais, pela classe a que pertence e a quem serve, pela ideologia que o orienta e pela política que pratica.

O Partido Comunista da União Soviética é actualmente o representante directo da classe burguesa no poder, exerce o poder em seu nome, serve o desenvolvimento e fortalecimento do regime capitalista restaurado. De comunista só tem o nome. A denominação de comunista e a utilização de umas tantas frases marxistas e palavras de ordem socialistas não passam de hipocrisia e pura demagogia. Fazem parte da propaganda fraudulenta, que procura manter as massas iludidas, fazendo-lhes crer que vivem no socialismo e não numa sociedade capitalista, opressora e exploradora. Por tradição, por camuflagem ou por simples inércia, muitos partidos conservaram a designação de “democratas”, “populares”, “socialistas”, etc., quando, de facto, não passam de partidos tipicamente burgueses e reaccionários.

A política revisionista e capitalista aplicada na União Soviética ressuscitou os velhos demônios do império czarista, como a opressão nacional, o anti-semitismo, o racismo eslavo, o misticismo religioso ortodoxo, o culto das castas militares, o aristocratismo da intelectualidade, o *chinovnismo* (*) burocrático, etc. As teorias dos revisionistas soviéticos sobre a pretensa criação de uma “nova comunidade histórica”, de um “povo soviético único”, foram inventadas precisamente para ocultar a realidade, carregada de profundas contradições sociais, nacionais e de classe.

Quem domina hoje na União Soviética é a força do Exército soviético. A militarização forçada da vida do país, o peso esmagador dos gastos militares que atingem cifras astronômicas e abalam cada vez mais a economia soviética, deformam o seu desenvolvimento e empobrecem o povo.

A restauração do capitalismo no país tinha que conduzir igualmente a uma mudança radical no domínio das relações internacionais e da política externa do partido comunista e do Estado soviéticos. O revisionismo kruchovista foi-se transformando gra-

(*) Do russo *chinovnik*, funcionário burocrata da antiga Rússia czarista.

dualmente na ideologia e na política de uma nova superpotência imperialista, que justifica e defende o expansionismo, a agressão e as guerras para estabelecer o seu domínio a nível mundial. Fruto desta ideologia e desta política são as nefastas teorias da “soberania limitada”, da “divisão internacional do trabalho”, da “integração econômica, política e militar” dos países da chamada comunidade socialista, acorrentados de pés e mãos e transformados em países vassallos. No 26º Congresso do PCUS, Brejnev classificou estas relações como “relações entre povos”, para assim despojar esses países de qualquer identidade nacional e estatal.

Para atingir os seus objectivos expansionistas e neocolonialistas, o social-imperialismo soviético inventou uma teoria segundo a qual nenhum país poderia libertar-se e defender-se do imperialismo nem desenvolver-se de forma independente sem a ajuda e a tutela soviéticas. Especula com o slogan da “ajuda internacionalista” para desencadear acções de agressão e pilhar as riquezas de outros países.

Toda a política externa expansionista, hegemónica e agressiva da União Soviética social-imperialista constitui mais uma prova, mais um testemunho, de que o regime soviético é um regime capitalista, pois só um tal regime pode praticar semelhante política na arena internacional. Como afirmava Lênine, a política externa é o prolongamento da política interna e as duas em conjunto são a expressão concentrada das relações económicas existentes num país. As máscaras socialistas e comunistas que os revisionistas soviéticos ainda pretendem conservar vão caindo perante a sua realidade capitalista e a política social-imperialista que praticam.

Por quanto tempo ainda irá produzir efeito a grande mistificação do povo soviético que julga viver no socialismo, até quando continuará a classe operária soviética a acalentar ilusões, depende de muitos factores internos e externos. Os acontecimentos da Polónia são anunciadores das situações que esperam os países dominados pelo revisionismo kruchoviano. O facto é que neste país estalou o conflito de classe entre os trabalhadores e a classe burguesa no poder, representada pelo partido revisionista. Independentemente da manipulação que dela fazem as forças da direita, a revolta da

classe operária polaca evidencia que esta tomou consciência da sua situação como classe oprimida e explorada, que o poder existente na Polônia está nas mãos de uma classe que lhe é antagônica, que o socialismo foi atraído. Depois da Polônia, virá a vez de quem? Os processos de diferenciação de classe fervilham em todos os países revisionistas. Os conflitos de classe crescem rapidamente. Nem mesmo a União Soviética constitui neste ponto uma exceção, apesar da sua imagem externa parecer a mais estável de todos eles. As chagas abertas pela restauração do capitalismo só poderão ser curadas com o derrube do revisionismo e a restauração do socialismo.

O nosso Partido tem desenvolvido uma grande e aberta luta de princípios contra o revisionismo chinês, contra a ideologia, a política, as posições e actuação do Partido Comunista da China. O revisionismo chinês é uma corrente oportunista do movimento comunista mundial. A sua base, o pensamento de Mao Tsetung, é uma ideologia de características arcaicas, uma amálgama das antigas teorias chinesas de Confúcio e Mêncio com novas teorias parafraseadas, sem qualquer ligação orgânica ou estrutural, envernizadas com uma fraseologia marxista. O pensamento Mao Tsetung representa uma ideologia hegemônica de dominação mundial, baseada num amontoado de teoremas e ideias heterogêneas, contraditórias e pragmáticas. Nas águas desta ideologia navegava o barco chinês, umas vezes guinando à direita, outras à esquerda, à deriva, quando se iniciou a construção do novo Estado chinês surgido da luta de libertação. Aqui têm origem as vacilações da China e o carácter impreciso do seu sistema político e econômico.

Não era o marxismo-leninismo a teoria que guiava a nova China. As pinceladas marxistas de fachada criavam a falsa impressão de que existiam alguns traços do socialismo científico. Este facto impediu que se distinguissem com nitidez os desvios sucessivos.

Quando na China se enaltecia o papel da ditadura do proletariado, ocultava-se e desenvolvia-se sob esta capa a ditadura dos grupos e das personalidades rivais. Quando se insistia no papel

dirigente do partido, dava-se cobertura a uma organização caótica sem qualquer papel dirigente. Quando se falava da hegemonia da classe operária, cedia-se de facto o papel dirigente ao campesinato, uma vez que era a sua ideologia pequeno-burguesa que dominava na China. Quando se falava em modificação das estruturas de classe, na essência nada se movia do mesmo sítio.

A economia chinesa coxeava pesadamente, sem orientações nem perspectivas claras, apesar da existência de um chamado plano, aliás sem qualquer carácter científico e menos ainda assente num sistema centralizado. De resto, nem sequer tinha o carácter de um plano descentralizado. A economia chinesa avançava por inércia.

Em toda essa organização e essa ideologia sem coluna vertebral dominava a ideia do hegemonismo chinês de grande Estado, “chamado pela história” a representar o novo modelo de sociedade socialista, o “marxismo-leninismo dos nossos dias”, ou seja, o pensamento Mao Tsetung.

Esta evolução da China levar-nos-ia a concluir que, sob as roupagens da “revolução”, se escondia a contra-revolução, sob o pensamento Mao Tsetung ocultava-se o anti-marxismo, ocultava-se uma corrente do revisionismo moderno em busca de formas e estruturas políticas, ideológicas, organizativas e estatais adequadas ao “continente chinês” e às suas aspirações capitalistas e imperialistas.

O “anti-imperialismo”, o “anti-sovietismo”, o “anti-americanismo” alternavam entre si na China de Mao Tsetung ao sabor das conjunturas. Não procediam de convicções ideológicas, não eram posições de princípio, mas manobras para equilibrar os poderosos do mundo, num jogo de báscula com as potências político-militares imperialistas, para reforçar o lugar da China no tabuleiro mundial.

A partir desta concepção, destas atitudes ecléticas e oportunistas, tanto no plano interno como no externo, desenvolveu-se a “Revolução Cultural Proletária” dos “guardas vermelhos” e desenrola-se actualmente a “revolução” revanchista dos velhos reacionários e de todos os resíduos da velha China. Sobre esta base se

construiu a desgraçada teoria dos “três mundos” e das “alianças entre os três mundos” e se produziram as profundas viragens na política internacional chinesa, com consequências muito perigosas para a paz mundial.

O nosso Partido precisou de um certo período de tempo para se aperceber do caminho anti-marxista trilhado pelo Partido Comunista da China e pelo Estado chinês, aos quais nos ligavam relações de amizade. Para o nosso Partido, tinha grande importância a essência teórico-política desta amizade, a luta pela pureza do marxismo-leninismo, a causa do socialismo e da revolução.

De início, travámos uma polémica de princípios através de debates, em espírito de camaradagem. Mas, gradualmente, a luta foi endurecendo devido às atitudes anti-marxistas da China. Da parte do Partido do Trabalho da Albânia, era uma luta sem concessões, mas desigual e difícil. Se não tivéssemos travado essa luta, teríamos posto em perigo a construção do socialismo na Albânia.

O alcance da luta do Partido do Trabalho da Albânia reside em ter deitado por terra dois mitos: o da China como país onde se construía o socialismo e o do pensamento Mao Tsetung como marxismo-leninismo da nossa época. Nessa luta em defesa dos princípios, o Partido teve em conta todas as dificuldades económicas que dela poderiam advir para o país.

O pensamento Mao Tsetung, propagandeado como “desenvolvimento científico do marxismo-leninismo”, tinha naturalmente que influenciar o movimento comunista internacional e, particularmente, alguns partidos marxistas-leninistas. Não sendo possível a esses partidos, por uma série de circunstâncias, fazer uma análise aprofundada desta corrente ideológica revisionista, julgavam ter na grande China e em Mao Tsetung os dirigentes da revolução proletária, firmes apoios na luta contra o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético, defensores naturais das justas lutas de libertação nacional dos povos.

Impunha-se pois levar a cabo uma luta decidida de princípios para desenganar os enganados. Esta luta empreendeu-a o Partido do Trabalho da Albânia. É um facto vivido e confirmado tanto em vida do próprio Mao Tsetung como depois da sua morte. Esta luta

não isolou a Albânia socialista do resto do mundo, como pretendem os revisionistas jugoslavos. Pelo contrário, permitiu ao Partido do Trabalho da Albânia e à República Popular Socialista da Albânia fortalecer mais ainda as suas posições nos planos interno e internacional.

Também outros partidos irmãos marxistas-leninistas deram uma valiosa contribuição, inteligente e cheia de decisão revolucionária, a esta luta em defesa do marxismo-leninismo e da revolução, contra a ideologia pseudo-marxista do pensamento Mao Tsetung.

O desmascaramento da China como um país não socialista e do pensamento Mao Tsetung como teoria anti-marxista liquidou uma perigosa ilusão no movimento marxista-leninista internacional, tal como acontecera com o revisionismo soviético, jugoslavo e as demais correntes reaccionárias revisionistas.

Todas as camuflagens, falsificações ou desvios da teoria científica do marxismo-leninismo têm os dias contados. Tarde ou cedo, acabam por ser desmascaradas, porque estão em oposição aos ideais da classe operária, dos povos em luta pela liberdade, pela verdadeira democracia, pelo socialismo, por uma sociedade sem exploradores nem explorados.

O curso actual dos acontecimentos na China, toda a política interna e externa da direcção chinesa, demonstram que as análises e conclusões do Partido do Trabalho da Albânia eram inteiramente exactas e correctas. A direcção chinesa abriu o caminho ao desenvolvimento da economia capitalista, abriu as portas aos escravizadores capitais estrangeiros, uniu-se em estreita aliança com o imperialismo norte-americano e com a mais negra reacção internacional. A China surgiu abertamente como uma potência imperialista agressiva e com pretensões hegemônicas no mundo. Tornou-se um dos principais centros da contra-revolução mundial, que luta por todos os meios para impedir a libertação dos povos e sufocar a revolução. O revisionismo chinês aparece hoje como uma corrente abertamente reaccionária, rompeu todos os laços não só com os movimentos revolucionários e de libertação, mas até com qualquer movimento democrático e progressista. Não perde nenhuma oca-

sião para alinhar com as forças mais negras, mais obscurantistas e fascistas do mundo.

A desordem, as perturbações, a confusão e os choques que se têm produzido e continuam a produzir na China são consequência directa do pensamento Mao Tsetung. A crítica que os dirigentes chineses fazem hoje a Mao Tsetung não tem nada de comum com a crítica marxista que nós lhe fazemos. Não diz respeito ao conteúdo das suas ideias, que os actuais dirigentes chineses conservam e aplicam na prática, mas exprime apenas a luta pelo poder entre os diversos grupos maoistas rivais. Estes grupos não podem rejeitar Mao Tsetung, porque todos encontram nas suas ideias apoio e justificação para a sua actuação. Sem se libertar do pensamento Mao Tsetung, o proletariado e o povo chinês não conseguirão encontrar o caminho certo para o socialismo.

O Partido do Trabalho da Albânia prosseguirá a luta consequente de princípios para desmascarar por completo o revisionismo chinês, para traçar uma linha de demarcação clara e nítida entre o marxismo-leninismo e as ideias anti-marxistas de Mao Tsetung. Sem denunciar e refutar o pensamento de Mao Tsetung, sem combater e extirpar todas as marcas da sua influência no movimento revolucionário, não pode falar-se seriamente em lutar contra o revisionismo chinês, nem contra o revisionismo moderno em geral, não pode consolidar-se e desenvolver-se o movimento marxista-leninista como se impõe, nem pode conduzir-se avante a causa da revolução.

Quanto mais se aprofundam as contradições do capitalismo e do imperialismo e mais se aproxima a vaga da revolução, mais se revela a face anti-marxista e contra-revolucionária da outra corrente revisionista, o eurocomunismo.

O eurocomunismo é produto da degenerescência dos partidos comunistas que enveredaram pelo revisionismo, da divisão produzida no campo revisionista devido à preponderância que adquiriu no seu seio o nacional burguês. É a ideologia da aristocracia operária alimentada com migalhas dos lucros da burguesia. O eurocomunismo, a mais pura ideologia do reformismo burguês, desempenha um papel de “quinta coluna” no interior do movimento operário.

Os eurocomunistas, que figuraram entre os mais fervorosos adeptos da campanha contra Stáline, em nome de um pretenso retorno a Lénine, uniram-se agora abertamente ao coro da burguesia e dos social-democratas para atacar Lénine e o leninismo. O próprio termo de “eurocomunismo” revela o afastamento do marxismo-leninismo, a negação das leis gerais da revolução e da construção da sociedade socialista. Os eurocomunistas desenterraram e voltaram a lançar em circulação as velhas teorias oportunistas de Lassalle e de Bernstein, de Kautsky e da II Internacional, que elogiam como a última palavra do desenvolvimento criador do marxismo nos nossos dias. O ataque frontal e aberto, a partir de posições anticomunistas, contra os ensinamentos fundamentais do marxismo-leninismo é a conclusão lógica de todo o revisionismo moderno, de todas as suas correntes.

As teses dos eurocomunistas sobre o Estado capitalista acima das classes, sobre a democracia para todos, a via pacífica, parlamentar e democrática para o socialismo, sobre as reformas de estrutura no quadro da Constituição burguesa, etc., têm por único objectivo sabotar a revolução, defender e perpetuar a ordem capitalista. Quando os revisionistas italianos, franceses e espanhóis falam de “compromisso histórico”, de “bloco histórico das esquerdas”, etc., ou quando se esforçam por entrar para os governos burgueses, fazem-no não para arrancar o poder à burguesia, não para liquidar a ordem capitalista, mas para a defender da revolução, para assumir eles próprios a gestão dos negócios da burguesia. Procuram substituir nesse papel a social-democracia, comprometida e desacreditada aos olhos das massas como lacaia descarada da burguesia.

Ao mesmo tempo que embelezam o capitalismo, os eurocomunistas manifestam aberta hostilidade ao socialismo. Segundo eles, não existiu até hoje nenhum socialismo autêntico. Para eles, o “verdadeiro socialismo” é aquele que inventaram e a que chamam “socialismo democrático”, “socialismo pluralista” ou “terceira via”.

O “socialismo” imaginado pelos eurocomunistas é um socialismo sem ditadura do proletariado, sem direcção exclusiva do partido comunista, sem teoria marxista-leninista. Neste socialismo, o poder pertenceria a todas as classes, a direcção seria exercida por

diversos partidos, de acordo com os votos obtidos nas eleições, a ideologia marxista faria boa convivência com as demais ideologias burguesas, pequeno-burguesas e religiosas. Neste socialismo dos eurocomunistas, existiriam diversas formas econômicas, a propriedade socializada e a iniciativa privada, os capitais imperialistas e as sociedades multinacionais.

Assim pois, nessa sociedade classificada como pluralista, entrelaçar-se-iam e coexistiriam em paz e harmonia as classes, os partidos, as ideologias, diferentes tipos de propriedade, elementos socialistas e capitalistas na economia e na política, na base e na superestrutura, em toda a vida da sociedade. Mas uma tal sociedade híbrida capitalista-socialista nunca existiu nem pode vir a existir. Só existe na imaginação dos eurocomunistas. O socialismo e o capitalismo são duas ordens sociais que se excluem mutuamente. A nova sociedade pregada pelos eurocomunistas não é mais do que a sociedade capitalista actual, dourada com um banho socialista.

O surgimento do eurocomunismo foi recebido com grande publicidade pela burguesia, convencida de que a sua ideologia reformista eclipsaria a ideologia revolucionária do marxismo-leninismo. Esperava que o eurocomunismo alcançasse grande difusão, se tornasse uma bandeira para unir todos os revisionistas, do Ocidente e do Leste. Mas o fracasso foi completo. Nos próprios partidos eurocomunistas proliferaram as fracções e divisões e os diversos partidos entraram em luta pela chefia. As disputas e as divergências com os outros partidos revisionistas acentuaram-se ainda mais. O partido de Marchais abandonou o campo eurocomunista e aproxima-se cada vez mais dos revisionistas soviéticos. O Partido Comunista de Espanha dividiu-se em várias fracções, em eurocomunistas ortodoxos e heréticos, em pró-soviéticos e anti-soviéticos. Quanto ao partido de Berlinguer, atravessa uma grave crise ideológica e política. E o que é mais, os partidos eurocomunistas perderam grande parte da influência que tinham entre as massas, o que se verifica também nas sucessivas derrotas que têm vindo a sofrer nas eleições, apesar de as considerarem como o seu cavalo de batalha.

As ideias do verdadeiro socialismo têm sido e permanecem uma grande força de inspiração, mobilização e organização da luta revolucionária das massas.

Hoje não é necessário inventar novos “socialismos” nem copiar os pseudo-socialismos dos revisionistas modernos, como o soviético, o jugoslavo, o chinês e outros, que de socialista só têm o nome.

A questão de saber o que é o socialismo, o que representa e o que realiza, como se alcança e se edifica a sociedade socialista, há muito que foi esclarecida. Existe uma teoria e uma prática do socialismo científico. A teoria é a que nos ensinam Marx, Engels, Lênine, Stáline. Quanto à prática do socialismo, encontramos-la na rica experiência da edificação do socialismo na União Soviética, na época de Lênine e Stáline, e encontramos-la hoje também na Albânia, onde a sociedade nova é edificada de acordo com os ensinamentos do marxismo-leninismo.

Naturalmente, e como disse Lênine, o socialismo tomará em cada país diferentes fisionomias e terá particularidades resultantes das suas condições socio-económicas, do caminho seguido pela revolução, das suas tradições, das circunstâncias internacionais, etc. Mas os princípios fundamentais e as leis gerais permanecem inalteráveis e são válidos para todos os países.

Os marxistas-leninistas estudam atentamente os processos revolucionários nos seus próprios países, assim como as contradições nacionais e internacionais em que esses processos se desenvolvem. Não são dogmáticos nem na teoria nem na prática. Para eles, o marxismo-leninismo, como concepção materialista dialéctica do mundo, é uma doutrina viva, criadora e em constante desenvolvimento.

Os marxistas-leninistas não são conservadores nem fanáticos, como costumam acusá-los os revisionistas e os burgueses. Pelo contrário, são os elementos mais progressistas, combatentes resolutos contra tudo o que é caduco e retrógrado. Mantêm-se firmemente nas posições do novo e lutam com todas as suas forças pela vitória. Conservadores e reaccionários são os revisionistas e todos os outros oportunistas, pois, como lacaios da burguesia, defendem uma causa perdida, uma ordem ultrapassada, de exploração e opressão. Preci-

samente esta posição reaccionária mergulhou o revisionismo numa crise profunda.

Emancipar a consciência do proletariado e dos povos da influência paralisante do revisionismo, propagandear o marxismo-leninismo, única via justa de luta e de vitória, é hoje um dever primordial para impulsionar o processo revolucionário em cada país e à escala mundial.

Esta tarefa ganha ainda maior actualidade devido à revolta e aos movimentos de massas sempre crescentes, ao despertar da consciência de classe e nacional dos povos, às grandes convulsões econômicas e sociais que defrontam o mundo.

Todos os inimigos se esforçam por afastar as massas da revolução. A burguesia, a social-democracia, os revisionistas modernos e os oportunistas de todos os matizes não poupam esforços para enganar a classe operária e as massas, espalhar a confusão ideológica e a divisão, difundir o fatalismo e o pessimismo, infundir no povo a desconfiança na revolução e no socialismo, criar a psicose de que o capitalismo e o imperialismo não podem ser derrotados e vencidos. O único problema, para esses inimigos, está em dar ao capitalismo um “rosto mais humano”, ou seja, que os grandes capitalistas continuem a dominar mas ofereçam algumas migalhas aos pobres. A este coro associam-se os ideólogos burgueses, os apologistas do imperialismo soviético, os pregadores da teoria dos “três mundos”, do “não alinhamento”, do diálogo Norte-Sul, o Papa e os caciques dos sindicatos.

A classe operária europeia é alvo de uma grande pressão. A predominância do reformismo travou o crescimento do movimento operário na Europa, impedindo-o de se tornar um verdadeiro movimento revolucionário. Não tomou plena consciência de que, para transformar a sua condição, precisa destruir o sistema capitalista e instaurar a sociedade socialista.

Mas o proletariado europeu não pode continuar a obedecer indefinidamente aos chefes sindicais e aos partidos social-democratas e revisionistas, aos seus cacarejos de que um futuro melhor para as massas trabalhadoras será assegurado pelo desenvolvimento das estruturas burguesas existentes, pela via parlamen-

tar e as reformas, ou ainda pela “Europa unida”. A opressão, a violência, a exploração selvagem, o desemprego, a droga, a degenerescência, a inflação que se abatem sobre os países da Europa não podem travar a revolta das forças sãs dos povos europeus contra o poder do capital. A “Europa unida” não passa de uma solução efêmera, de uma criação da política reaccionária capitalista que, tarde ou cedo, defrontará dificuldades inumeráveis e de natureza diversa. Chegará pois a hora em que a indignação da classe operária europeia atingirá um ponto que a levará a exigir, sem falta, uma solução revolucionária.

Nestas condições, é da maior importância que os comunistas e os não-comunistas, as pessoas progressistas e as massas populares compreendam bem que o seu verdadeiro inimigo é o capitalismo e que ele pode e deve ser derrubado pela luta revolucionária. Assim se dissipará o pessimismo, aumentará a coragem e a confiança na vitória. É a ciência de Marx e de Lênine que eleva e torna invencível essa confiança no seio do proletariado e das massas.

O partido e o proletariado que se preparam para a revolução e a tomada do poder esforçam-se por bem analisar e dominar as situações, determinar cientificamente o carácter e as etapas da revolução em cada caso concreto e, sobre esta base, elaborar a estratégia e as tácticas adequadas. Estudam com o maior cuidado as diversas correntes revolucionárias populares que se defrontam com o capitalismo e os seus partidos, avaliam as suas orientações, a correlação de forças na situação concreta, para, a partir daí, definir e aplicar diversas tácticas flexíveis que permitem conduzir as massas populares num caminho correcto e vitorioso, fazer confluir os milhares de regatos no grande rio da revolução que afogará a burguesia capitalista.

O partido e o proletariado não se lançam sozinhos na revolução. Existem na sociedade burguesa outras camadas oprimidas que odeiam a ordem capitalista, existem forças progressistas no campesinato, na juventude, assim como pessoas democráticas e amantes da liberdade que não aceitam a exploração. Os comunistas atraem todas essas forças e elementos, estabelecem com elas alianças em torno de diversas questões e para objectivos determinados. Os

marxistas-leninistas não são sectários nem liberais, são revolucionários firmes nos princípios mas flexíveis na tática. As frentes formadas pelos partidos marxistas-leninistas em conjunto com as outras forças progressistas nos países capitalistas, contra a burguesia, o fascismo e o imperialismo, fazem parte da estratégia da revolução. Seja qual for a aliança ou frente, o partido conserva a sua fisionomia própria, mesmo quando, por razões objectivas, não dirige essa aliança ou frente.

O problema-chave nos países capitalistas tem sido e continua a ser a unidade do proletariado. A burguesia procura aprisionar o proletariado em tenazes de ferro, impedi-lo de avançar na via que a história lhe traçou para o derrube dos exploradores e do poder do capital. Uma dessas tenazes é constituída pelos sindicatos, submetidos na maior parte dos casos à burguesia. Os comunistas trabalham, não apenas para penetrar e lançar sólidas raízes na classe operária; lutam também para realizar a sua unidade. Hoje, quando a crise lança no desemprego dezenas de milhões de operários e outros milhões se erguem em greves e manifestações pelas suas reivindicações económicas e políticas, é mais fácil organizar e unir os trabalhadores na luta contra o capital.

A unidade da classe operária consegue-se através da luta e das acções revolucionárias concretas pela satisfação das reivindicações económicas e políticas do proletariado. Para este fim, os marxistas-leninistas trabalham para arrancar os sindicatos existentes à dominação dos agentes da burguesia, dos revisionistas e social-democratas, para os transformar em instrumentos de luta contra o ordem exploradora. Paralelamente, e de acordo com as condições e necessidades, criam também novos sindicatos revolucionários.

A juventude é igualmente uma força poderosa, que aspira e luta pela transformação da sociedade capitalista injusta, que anseia pelo que é novo e progressista. Só o marxismo-leninismo e a revolução lhe abrem esse caminho, só eles podem salvar as massas da juventude da degeneração política e social para que as arrasta a burguesia, dar-lhe perspectivas de uma vida nova, pura e feliz, em que possam florescer plenamente as suas inesgotáveis energias ao

serviço da sociedade e do progresso. O movimento da juventude só se fortalece e alcança os seus objectivos quando se funde no movimento revolucionário da classe operária.

O actual processo revolucionário veio colocar de forma ainda mais aguda o problema da atitude face ao exército burguês. Ele deve ser encarado, não como uma força capaz de fazer a revolução, mas como uma força a desagregar e desintegrar, para que não possa opor-se à revolução. Os comunistas trabalham para que as massas dos soldados, que são filhos do povo, recusem obedecer à casta dos oficiais quando se desencadear a revolução, voltem as armas contra as forças reaccionárias no poder e se unam aos insurrectos, como sucedeu no Irão.

A revolução é a primeira tarefa da classe operária. Mas a revolução prepara-se na luta pela solução dos problemas políticos, económicos, sociais, culturais que preocupam dia a dia as massas trabalhadoras. São estas acções, estas batalhas quotidianas que elevam o nível de consciência da classe operária, reforçam a sua organização e a sua união, preparam-na e conduzem-na à revolução. É nestas batalhas que o partido se liga às massas e toma a sua direcção. Os verdadeiros partidos da classe operária são partidos de acção revolucionária.

Para atemorizar as massas e preparar a implantação do fascismo, o grande capital encoraja também o terrorismo que, em vários países, tomou vastas proporções. Com o terrorismo, a burguesia procura denegrir o verdadeiro movimento revolucionário, desviar para um falso caminho os elementos que se revoltam contra a sua opressão. Propositadamente, identifica a luta revolucionária com o terrorismo, para fazer crer às massas que os comunistas, os patriotas e revolucionários que lutam contra a opressão nacional e social, são terroristas e anarquistas, assassinos e salteadores. Mas os verdadeiros revolucionários estão contra o terrorismo e o anarquismo, na teoria como na prática.

A classe operária e as massas trabalhadoras dos países capitalistas defrontam-se cada vez mais com o problema nacional, actualmente muito agudo. A social-democracia e os revisionistas negam a existência desse problema nos países capitalistas desenvolvidos,

como os da Europa ocidental, o Japão, Canadá, etc. Recusam reconhecer que, como resultado da ofensiva das sociedades multinacionais, apadrinhadas pelo imperialismo norte-americano, a ampliação das competências supranacionais dos blocos militares e dos organismos econômicos internacionais, a extensão das bases e a instalação das armas americanas nos seus territórios, limitam cada vez mais a soberania nacional e a acção política independente desses países, transformam-nos gradualmente em Estados vassallos.

À classe operária cabe a defesa da soberania e da independência nacional, abandonadas pela burguesia e pela corrente social-democrata e revisionista. O proletariado dos países da Europa, como o dos outros países, não deve deixar-se enganar pela propaganda dos Estados Unidos, da União Soviética ou da China, quando cada um, em benefício do seu próprio interesse, agita o fantasma do perigo que representa a superpotência rival para a liberdade e a independência nacionais. Com esta propaganda, cada uma procura arrebatar-lhe essa liberdade e independência para estabelecer a sua própria dominação imperialista.

A questão nacional e de classe representa também um grande problema nos países dominados pelos revisionistas. Nesses países é impossível alcançar a libertação nacional sem sacudir o jugo do social-imperialismo soviético, que sobre eles estabeleceu completa dominação econômica, política e militar.

O imperialismo norte-americano e as outras potências capitalistas ocidentais fingem apoiar o movimento operário e nacional nos países do Leste da Europa, as aspirações desses povos à liberdade. Trata-se todavia de uma manobra demagógica, de um simulacro destinado a enganar os proletários e as massas trabalhadoras. A burguesia imperialista procura apenas desligar esses países da zona de influência do social-imperialismo soviético, para os integrar na sua própria esfera de dominação.

A questão da revolução proletária está indissolúvelmente ligada ao desenvolvimento do movimento de libertação dos povos. A actuais lutas de libertação nacional têm como característica importante o facto de o despertar político para a conquista e defesa da liberdade e da plena independência nacional ser acompanhado por

um despertar social. Os movimento actuais dos povos oprimidos são dirigidos em escala crescente não apenas contra o imperialismo estrangeiro, mas também contra os seus agentes no interior do país. O facto é que os povos dos países oprimidos, apesar do seu atraso econômico e social, demonstram grande vitalidade e dão uma contribuição importante à revolução democrática anti-imperialista, que abre o caminho à revolução proletária.

Merecem atenção especial as insurreições populares de “inspiração islâmica”, como a burguesia e os revisionistas gostam de definir esses movimentos para lhes negar o carácter anti-imperialista e revolucionário. O movimento insurreccional dos países muçulmanos é interpretado pela burguesia e os revisionistas de forma mal intencionada, visando desacreditá-los, com propósitos de escravidão dos povos desses países.

Nós, marxistas-leninistas, continuamos a afirmar que a religião é o ópio dos povos. Em caso nenhum abandonaremos o nosso ponto de vista sobre esta questão. E a religião muçulmana, no conteúdo, não se diferencia das outras.

As largas massas dos povos muçulmanos dos diversos países têm-se erguido na luta, não pela causa religiosa, mas pela libertação nacional e social. A sua crença religiosa é relativa e não predomina sobre a política: As pessoas desses países crêem no islamismo e respeitam-no mas, quando são afectados os interesses vitais do povo, a liberdade e a independência do país, erguem-se em luta contra o agressor, mesmo se este professa a mesma religião. Não é a inspiração religiosa que produz a rebelião e o despertar revolucionário dos povos, mas as condições políticas e sociais, a opressão e a pilhagem imperialistas, a pobreza e os sofrimentos que sobre eles pesam.

Os árabes e os demais povos muçulmanos são combatentes valorosos, dotados de uma antiga cultura. Pelas suas revoltas e lutas anti-imperialistas, anticoloniais e antifeudais mostram os seus anseios de progresso e liberdade. Se não fosse assim, não se ergueriam na luta pela liberdade e independência nacional, contra a dupla opressão, interna e externa.

Os imperialistas e os social-imperialistas defrontam situações

difíceis nas regiões habitadas pelos povos muçulmanos. Igualmente difícil é a posição dos seus fantoches. O acontecimento nessas regiões testemunha a existência de uma situação revolucionária, de um grande movimento social desses povos, independentemente do seu carácter à primeira vista religioso e do facto de serem seguidos por crentes e não crentes.

Hoje existem ou estão em vias de surgir situações revolucionárias em muitos países, mas a revolução socialista não se coloca em todos eles como tarefa imediata. No mundo desenrolam-se também outros movimentos de carácter democrático, anti-imperialista e de libertação. Todos eles formam parte do processo revolucionário mundial, são lutas justas, que enfraquecem a frente imperialista e contribuem para acelerar os processos revolucionários, golpear e apodrecer mais ainda o sistema capitalista. Por isso, como ensina Lênine, a classe operária, como classe mais progressista, e o seu partido comunista devem apoiar activamente essas lutas e assumir a sua direcção. Mesmo se, de começo, a classe operária e o seu partido não afirmaram as suas posições dirigentes, nem por isso devem deixar de ocupar o primeiro lugar da luta e dos sacrifícios, porque só assim poderão tomar a direcção do movimento e realizar os seus objectivos, só assim abrirão caminho ao crescimento da revolução democrática, popular, anti-imperialista, e à sua transformação em revolução socialista.

Na sua luta pela libertação nacional e social, a classe operária e as massas trabalhadoras chocam diariamente com a violência bárbara do imperialismo, da burguesia e das forças da reacção. Nessas condições, são obrigadas a responder à violência reaccionária com a violência revolucionária, cujas formas variam necessariamente, de acordo com as condições de cada país e o desenvolvimento das situações. Em alguns países, esta violência tomou ou pode tomar a forma de insurreição armada. Os marxistas-leninistas consideram esta questão com grande seriedade. Combatem do mesmo modo as atitudes nihilistas e o aventureirismo pequeno-burguês, desmascaram e rejeitam tanto as teses maoistas sobre o “cerco das cidades pelos campos”, etc, como as teses pseudo-marxistas que negam o

papel decisivo das massas populares na luta e o papel dirigente dos partidos marxistas-leninistas.

Vivemos tempos revolucionários para os nossos partidos marxistas-leninistas. Os novos partidos marxistas-leninistas crescem e forjam-se por todo o mundo, aumentam constantemente o seu papel e a sua acção, os seus laços com a classe operária e as massas, retorçam a sua influencia entre elas. Em numerosos países e diversas regiões do mundo, criaram-se novos partidos. Estão reunidas todas as condições para que surjam, lá onde ainda não apareceram, verdadeiros partidos revolucionários da classe operária. Essa é uma tarefa militante imperiosa dos elementos revolucionários mais conscientes do proletariado.

A situação objectiva favorável não faz esquecer de forma alguma os problemas agudos e as pesadas tarefas que defrontam os marxistas-leninistas. É verdade que as nossas forças estão em crescimento constante e as situações evoluem a favor da revolução, mas a reacção, pela sua pane, também actua. A burguesia, a social-democracia e os diversos revisionistas, apesar das suas contradições profundas e irreconciliáveis, sabem unir-se e agir de comum acordo quando se trata de lutar contra o marxismo-leninismo e a revolução. Esforçam-se por semear a desconfiança e o temor entre as massas populares para as afastar da revolução e do socialismo, atacar e golpear os partidos marxistas-leninistas em cada país e o movimento comunista revolucionário no seu conjunto.

Antes, quando o pensamento Mao Tsetung influenciava bastantes partidos, os imperialistas e social-imperialistas estavam mais tranquilos, porque sabiam que esta corrente revisionista fazia o seu trabalho de sapa no interior do movimento marxista-leninista. Agora que essa corrente foi desmascarada, os inimigos tentam semear a confusão difundindo toda a espécie de teorias pseudo-marxistas, procuram dividir e enfraquecer os partidos por meio da luta fraccionista, manipular por diversas formas os elementos hesitantes e com pouca formação, para os arrastar para posições revisionistas.

Contudo, os partidos marxistas-leninistas têm já uma rica expe-

riência de luta contra as várias correntes anti-marxistas e estão melhor armados contra a tática utilizada pela burguesia e pelos revisionistas. Esta experiência ajuda-os a prosseguir com êxito a luta contra os inimigos, a aumentar a vigilância, a elevar continuamente o nível político e ideológico dos seus militantes e a armá-los com a teoria marxista-leninista. A luta revolucionária ensinou aos partidos marxistas-leninistas a fortalecer os laços com as massas, a penetrar nas diversas camadas sociais e a organizá-las, a utilizar e combinar acertadamente o trabalho ilegal e o trabalho legal, combatendo as manifestações de legalismo e de liberalismo burguês, assim como as de sectarismo estreito e de trabalho fechado.

Perante a actividade coordenada dos imperialistas e dos revisionistas contra o marxismo-leninismo e a luta revolucionária do proletariado e dos povos, o fortalecimento da unidade do movimento marxista-leninista é uma necessidade imprescindível.

A força do movimento comunista marxista-leninista internacional reside na justeza das ideias por que se bate e na sua unidade. Os partidos marxistas-leninistas são guiados na sua luta pelos ensinamentos dos grandes clássicos, utilizam a rica e multilateral herança da Internacional Comunista, apoiam-se na experiência da sua própria luta contra a traição revisionista, têm em conta a experiência negativa dos partidos que degeneraram no revisionismo. Todos esses ensinamentos e essa experiência formam um precioso tesouro ideológico, político, organizativo, teórico e prático, para temperar e reforçar os partidos e o movimento marxista-leninista sob todos os aspectos.

Os encontros e conversações entre partidos irmãos trazem uma contribuição preciosa ao reforço da unidade do movimento marxista-leninista. Permitem proceder a uma troca de experiências muito frutuosa, para chegar a apreciações comuns das situações e à unidade de pensamento e de acção. A experiência de um só partido não pode substituir a de muitos; pelo contrário, são as experiências de todos os partidos marxistas-leninistas que tornam o nosso movimento invencível.

O Partido do Trabalho da Albânia, fiel aos princípios do internacionalismo proletário, tem-se esforçado sempre por dar a sua

contribuição ao reforço da unidade do movimento marxista-leninista e da colaboração entre os partidos irmãos.

O nosso Partido do Trabalho considera uma honra encontrar-se, na grande e histórica luta pela causa do marxismo-leninismo, da revolução e do socialismo, lado a lado com os outros partidos marxistas-leninistas, destacamentos iguais do movimento revolucionário da classe operária. Os comunistas albaneses e todo o nosso povo dão imenso valor à solidariedade, ao carinho e confiança que manifestam pelo Partido do Trabalho da Albânia socialista os partidos irmãos marxistas-leninistas, o proletariado e os povos revolucionários e amantes da liberdade. Esse é para nós um grande incentivo e encorajamento. O nosso Partido e o nosso povo lutarão em qualquer circunstância e em qualquer situação para cumprir com honra as suas tarefas nacionais e internacionais, para construir com êxito o socialismo na Albânia e para defender com ardor a causa revolucionária dos proletários e dos povos.

Queridos camaradas:

Os êxitos conseguidos pelo nosso povo sob a direcção do nosso Partido são grandes, as batalhas ganhas são de grande alcance. Provam que o nosso povo tem forças inesgotáveis, que é optimista e está decidido a empreender novas batalhas para criar uma vida mais feliz, para enaltecer mais ainda o nome da sua pátria socialista, fortalecer a liberdade, a independência, o poder popular nascido das chamas da revolução.

É esta maravilhosa realidade, a unidade indestrutível do povo com o Partido, a maturidade, coragem e determinação dos comunistas, que dão ao nosso povo e ao nosso Partido a certeza e a garantia de que os objectivos que traçar este Congresso serão alcançados e ultrapassados.

O entusiasmo que despertou o projecto de directivas do 7º plano quinquenal, a mobilização das massas trabalhadoras para a realização das tarefas deste ano, os resultados animadores já obtidos e, acima de tudo, o apoio unânime, decidido e ardente que o nosso povo concede à política interna e externa do Partido, demonstram

que todo o país está disposto e mobilizado para marchar com confiança e decisão pelo caminho em que o Partido o conduz, a fim de conseguir novas vitórias.

Que esses ímpeto revolucionário, esse carinho ilimitado pelo nosso glorioso Partido, essa fé inabalável no futuro, se transformem, queridos e queridas camaradas, numa grande força motriz para realizar as nossas tarefas em todos os domínios, superar todas as dificuldades que nos surjam pela frente, reforçar e consolidar ainda mais as nossas vitórias, as bases indestrutíveis do socialismo na Albânia.

Viva o 8º Congresso do Partido!

Viva o heróico, talentoso e laborioso povo albanês!

Viva o Partido do Trabalho da Albânia, guia sábio, corajoso e experimentado, organizador de todas as nossas vitórias na via radiosa da edificação socialista!

Glória ao marxismo-leninismo!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	Pág 5
I — O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA E AS TAREFAS DO PARTIDO	pág. 11
1 — O reforço constante da indústria, factor decisivo do progresso geral do país	pág. 15
2 — Intensificar a produção agrícola e aperfeiçoar as relações socialistas nos campos	pág. 22
3 — Os investimentos e os trabalhos de construção, base importante para o reforço constante da economia	pág. 31
4 — Aumentar as exportações e economizar divisas	pág. 35
5 — Garantir e elevar gradualmente o nível de vida da população	pág. 37
6 — Aperfeiçoar a direcção da economia e elevar a sua eficiência	pág. 42
II — FORTALECER CONTINUAMENTE O PARTIDO, AUMENTAR MAIS AINDA A EFICÁCIA DO SEU TRABALHO	pág. 47
1 — Aumentar e aperfeiçoar mais ainda o papel dirigente do Partido	pág. 48
2 — Elevar a eficácia do trabalho do Partido e o sentido de responsabilidade dos seus órgãos e organizações	pág. 53
3 — Aplicar correctamente os critérios estabelecidos para o crescimento das fileiras do Partido	pág. 59
4 — Aperfeiçoar o trabalho do Partido com os quadros	pág. 61
5 — Reforçar mais ainda o sistema político da ditadura do proletariado	pág. 65

III — AS TAREFAS DO PARTIDO PARA A EDUCAÇÃO COMUNISTA DOS TRABALHADORES	pág. 77
1 — A educação comunista dos trabalhadores, alicerce dos nosso êxitos	pág. 77
2 — O socialismo precisa de lutadores com uma vasta cultura e conhecimentos científicos	pág. 97
IV — A SITUAÇÃO INTERNACIONAL E A POLÍTICA EXTERNA DA RPS DA ALBÂNIA	pág. 109
V — A LUTA CONTRA O REVISIONISMO E O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO E DE LIBERTAÇÃO NA ETAPA ACTUAL	pág. 149

Impressão e Acabamento
MILESI EDITORA LTDA.
Rua 21 de Abril, 1.154 — Fone: 292-6480
C.G.C. 51.235.208/0001-20 — São Paulo



PPSH

⌘ KONGRESI i 8

EDITORIA ANITA GARIBALDI